



Le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









**BRASILIA**  
**BIBLIOTHECA NACIONAL**

**DOS**  
**MELHORES AUCTORES ANTIGOS E MODERNOS**

**PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE**  
**S. M. I. O. SR. D. PEDRO II<sup>o</sup>**

---

**ALVARES DE AZEVEDO**

**I**

---

PARIS. — TYP. DE SIMÃO RAÇON Y COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

---



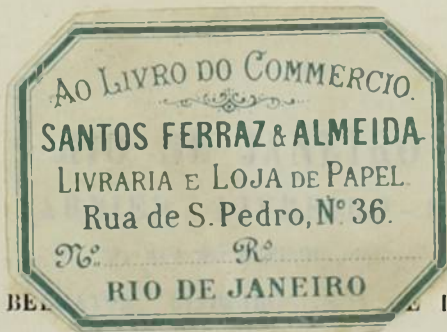
**O B R A S**  
DE  
**MANOEL ANTONIO**  
**ALVARES DE AZEVEDO**

PRECEDIDAS  
DO JUÍZO CRÍTICO DOS ESCRITORES NACIONAES E ESTRANGEIROS  
E DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SUAS OBRAS

FOR  
**J. NORBERTO DE S. S.**

QUARTA EDIÇÃO  
INTEIRAMENTE REFUNDIDA E AUGMENTADA, ORNADA DE RETRATO

**TOMO PRIMEIRO**



B. L. EDITOR  
PARIS, E. BELLE L'ABBAYE, 14

1873

Reservados os direitos de propriedade

1777

1777

1777

1777

1777

1777

1777

1777

1777

1777

1777

1777



# INTRODUÇÃO





## ADVERTENCIA

SOBRE A PRESENTE EDIÇÃO

---

Editam-se de novo e pela quarta vez as obras de Alvares de Azevedo, graças a aceitação que tem merecido do publico e a necessidade de satisfazer os reiterados pedidos dos apaixonados de tam mavioso poeta.

Tendo de renovar a impressão das obras do malogrado poeta, entendeu o seu editor-proprietario que deveria dar mais regularidade a collocação das materias, uniformisando a presente edição<sup>1</sup>, e submettendo-a ao plano adoptado para as obras que constituem a collecção que sob o titulo *Brasilia bibliotheca dos melhores autores antigos e modernos*, eu e elle começamos a publicar já alguns annos e que até o presente não tem

<sup>1</sup> Vejam-se as notas no fim desta Introdução.

tido o desinvolvimento que almejavamos por obstáculos que sobrepojam os maiores esforços e torcem as melhores intenções, sendo pena que materiaes ajuntados com tanto esmero e diligencia, a poder de despezas e não pequeno consummo de precioso tempo para mim, fiquem ali ao desamparo e esquecidos, sem que possam ser empregados no monumento erigido ás lettras nacionaes e á memoria de seus collaboradores.

Figuram no primeiro volume d'estas, alem da introdução e das peças elegiacas sobre o poeta, as suas *Poesias diversas* e o *Poema do frade*.

No segundo volume reuni todas as tres partes que compõe a *Lyra dos vinte annos*, que na ultima edição saltava do primeiro para o terceiro volume.

No ultimo volume estão as obras escriptas em prosa, comprehendendo os estudos litterarios e dramaticos e discursos academicos, orações funebres e cartas dirigidas a um de seus mais intimos amigos.

A *Introdução* das primeiras edições devida a penna do Sr. Dr. Jacy Monteiro figura agora n'esta ultima como fazendo parte do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e o seu *Discurso biographico* lido em sessão solemne do Gymnasio brasileiro acha-se no fim das *peças elegiacas* relativas ao distincto poeta.

Orna a presente edição o retrato do autor com o *fac-simile* de sua assignatura.

Revi com todo o cuidado a ultima edição e corriji os erros e faltas que escaparam ao revisor de Paris.



## II

# JUIZO CRITICO

DOS ESCRIPTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

---

Alvares de Azevedo!

Eis ahi um nome — que deve de ser escrito em caracteres de ouro no marmore da Historia da litteratura; eis ahi um nome que deve de viver, viver muito, aquecendo a nós outros — mancebos que demandamos a estrada do progresso, caminheiros que tomamos por norte a palavra de Byron, o labarum da civilisação — *Away!* — que procuramos tornar esta terra em que vimos a luz ao primeiro descerrar dos olhos — envejada das nações mais cultas da velha e vaidosa Europa.

Alvares de Azevedo!

E no entanto morreu tão moço, tão moço, quando

risouha lhe despontava a manhã, quando sentia á fronte escaldar-lhe o fogo santo do genio, quando tinha no vasto craneo em ebulição um milhão de idéas a crear e desenvolver ainda!

Morreu tão moço! flôr da primavera crestou-a o *simoun* do destino, que emmurchescêo-lhe as petalas côr de ouro, e sem viço e sem seiva tombou á beira do regato, que arrastou-a em sua correntesa.

E quão vasta que era aquella fronte, e quão fecunda que era aquella imaginação! Fadára-o Deus para destinos bem altos; mas, meteoro brilhante, cortou por um momento as nuvens e esvaeceu-se no nada da morte, no silencio da lousa.

E hoje prantêa-o uma familia, que vive de sua gloria; e hoje chora-o seu pae, seu pobre pae, de que era o orgulho bem legitimo; e hoje chorão no as lettras de nossa terra, a que tanto e tão vivo impulso em tão pouco tempo dera.

Fado é das lettras entre nós! Junqueira Freire morrêo ao despontar-lhe a primavera da existencia; Alvares de Azevedo, tambem, como elle, foi arrastado no torvelinho da morte, que lhe cortou os vôos.

Resignemo-nos.

Prophetas da civilisação, apostolos da luz, lançarão a semente fecundante em seu perpassar na terra; pois bem, reguemo-la, nós outros, obreiros do progresso, com o suor de nosso rosto, e oxalá que arvores frondosas e fructos doces e viçosos — venhão abençoar nossas

noites de insomnia, nossas decepções e amarguras.

Estrellas scintillantes a luzirein no céu — sejam elles nosso norte, e levantemos-lhes estatuas, e engrinaldem-lhes as frentes nos traços vivos de nossos arrebatos e inspirações.

A terra de Bueno e dos Andradas, e onde pela primeira vez soára a voz vibrante do principe guerreiro — que nos dêo fôros de livres — foi o berço de Alvares de Azevedo.

S. Paulo, a patria de tantos heroes que a Historia canta, illuminou com seu reflexo dourado a frente infantil do mancebo poeta.

E a criança, que balbuciava apenas, cresceu e tornou-se o arbusto verdejante, que se foi cobrindo de folhas que o vento agita, de flôres que perfumão a brisa.

Rapidos forão seus progressos nos primeiros ramos dos conhecimentos humanos, o laurel de bacharel em lettras pelo imperial Collegio de Pedro II lhe ornou a frente, infantil ainda e os primeiros lampejos do genio começarão a sahir d'aquelle cerebro inspirado.

E voltou a S. Paulo a conquistar a carta de bacharel em direito.

Foi ahi que lhe nascerão a maior parte d'essas composições admiraveis, d'esses rasgos estrepitosos do genio; foi ahi que illustrou o espirito e viu encendida a imaginação na leitura atturada, constante, reflectida e sizuda dos principaes classicos — poetas e prosadores da litteratura franceza, ingleza, allemã e italiana; foi



ahi que se inspirou no incessante meditar da Biblia, de Ossian, de Lamartine, de Shakspeare, de Tasso, de Gœthe, de Uhland, de Chénier e sobretudo do Byron inimitavel, companheiro constante de suas noites de ardente insomnia, de seus dias passados no silencio do gabinete.

Foi n'esses poetas brilhantes ou sombrios, n'essas leituras fantasticas e tristes, no delirar do Dante e nos gritos de desespero de Gilbert, que adquiriu Alvares de Azevedo essa eloquencia apaixonada, essa linguagem tão do coração, esse estylo melancholico, impregnado de doce suavidade, de arrebatamentos delirosos, que tanto impressionão a quem os lê.

Como tanto escreveu e em tão pouco tempo, para nós é mysterio ainda. Tres volumes de bellas producções ahi vão publicados e material bastante ainda tinha para mais.

E para escrever tanto e tão bem, e para ostentar essa profusão immensa de conhecimentos variados, essa erudição profunda da antiga e moderna litteratura, que a cada passo, a cada momento se depara em suas obras, que de tempo não era preciso, que gastar de horas, que consumir de dias!

E não era só n'isto que se empregava Alvares de Azevedo. Cultivando a litteratura amena e facil, intelligencia poetica, delirante, e inspirada, — culto tambem votava ás sciencias aridas que formão o objecto do curso que seguia. Primeiro entre os primeiros era elle nos

bancos da Academia de S. Paulo e os compendios de que servia-se achão se cheios de notas estensas, de reflexões tão bem cabidas e profundas, que farião honra aos mais abalisados e distinctos jurisconsultos. Conhecia perfeitamente o Direito Mercantil e a obra que folheou, como estudante, acha-se tão annotada, que só as reflexões ahi contidas fornecerião materia para um bom volume.

E apesar d'esse affegar constante de trabalho, d'esse estudar continuo, d'esse escrever sem interrupção e sem descanso — ainda restava-lhe tempo para desenvolver na esperançosa mocidade que o rodeava — o gosto pelas lettras, as aspirações da gloria.

Mas tanto affan, tanto lidar de noite e dia alquebrava-lhe o corpo delicado, e o jovem arbusto pendia a haste para a terra, ao sôpro violento do furação. Muita vez ao trabalho fatigante de um dia e dous e tres, sem trégoa, sem interrupção, vinha-lhe a prostração e o desalento; — e a pallidez das faces e o batter fraco e sumido do pulso indicavão o abattimento e a diminuição das forças.

E demais á prostração do corpo vinha juntar-se o desalento d'alma. O coração tem pressentimentos, cuja origem ignoramos, mas que nem por isto deixão de ser infalliveis — como as sentenças lavradas no livro mysterioso do destino.

Perseguia incessante ao jovem poeta — a idéa de que cêdo, muito cêdo seria arrancado da terra que pisava,



indo dormir no silencio lugubre da campa o somno de finados.

Et tão jovem morrer !... Morrer deixando lagrimas á sua pobre mãi, que amava-o tão de dentro d'alma; a seu pae, a seus irmãos, que lhe admiravão o genio e se orgulhavão d'elle!

E perseguia-o essa idéa dia e noite, no silencio do gabinete, á sós com suas reflexões, e no ruido das festas, na vertigem da valsa.

E de sua alma que assim padecia, e d'esse desalento terrivel da vida, que lhe comprimia o peito, tirava essas notas dolentes e sentidas, ou esses gritos profundos, stridentes, que não podemos ler, sem que horrivel calafrio nos venha gelar o sangue.

E morreu : o arbusto virente que se debruçava a beira do regato vio cahir uma per uma as folhas que lhe formavão a coma, as flôres que perfumavão a brisa, e deixando tambem pender a fronte foi arrebatado pelo impulso da correntesa.

« — Que fatalidade, meu pae ! »

Foi o ultimo adeos do moribundo, a saudade legada a nós outros, seus companheiros, soldados de que era o chefe.

E morreu !... E o sol da litteratura patria annueou o semblante, e o anjo da gloria desdobrando as azas candidas lhe cobrio o semblante — que desbotára a morte.

Que importa ! Morrerá por ventura o genio que illu-



mina a terra? Alvares de Azevedo pertence a essa raça de homens, que vivem sempre nas paginas immortelles da historia.

« A sua perda, diz o Sr. Lopes de Mendonça, é d'aquellas que se devem deplorar, como um funesto acontecimento para a situação e progresso das lettras. Era um talento innovadôr, que não limitaria a sua ambição a percorrer as veredas conhecidas, que alcançaria novos horizontes, impellido pelo fogo da sua inspiração e também pela madureza de seus estudos. »

« Ha vocações, que reproduzem os prodigios das sibyllas antigas. Prophetisam involuntariamente sobre a tripode, e deixam-se arrastar pelo enthusiasmo de suas proprias palavras. O jovem poeta não cantava, sómente para que as turbas se deixassem commover pela harmonia dos seus cantos; cantava porque lhe ardia no peito um fogo devorador, porque a sua alma ebria e palpitante, lhe accendia a imaginação, e como lhe intimava que traduzisse aos outros a magia dos seus sonhos, o fervôr dos seus desejos, o esplendido irradiar da sua esperança. »

Digamos algumas palavras a respeito do escritor, e deixando de parte tudo quanto se tem escrito n'este ponto, vamos emittir nossas proprias reflexões.

Não é um artigo de critica o que fazemos ali; não vamos tão longe, que cançaremos no caminho; o que escrevemos são puramente nossas impressões e não nos peção mais do que isto.

Alvares de Azevedo pertence a essa escola romantica, em que avultão as figuras gigantescas de Shakspeare, e Byron e Lamartine.

Estudando-os a todos esses grandes mestres — seu estylo possui essa grandeza masculina de idéas, essa elevação de pensamentos, essa belleza de phrase, que causão arrebatamento e prazer.

Lendo muito o Byron, demasiado talvez, vemos n'elle, em seus pensamentos, em suas imagens, esse delirio febricitante, esse arroubo de idéas; esses rasgos apaixonados, freneticos e violentos, que caracterisão o autor de Don Juan.

Como é bello esse estylo facil e natural que o caracteriza; e que grandeza nos pensamentos, que elevação na phrase; que d'inspirações brilhantes de sensibilidade e d'imaginação! Ora semelha o gemido dolorido, a explosão da dôr nas profundidades do peito, e depois promette em uma gargalhada stridente, frenetica, que coalha o sangue e eriça os cabellos.

O estylo de Alvares de Azevedo, na poesia além de original, é facil, natural, ameno, deslizando-se suave, sem affectação e sem esforço. Nem sempre escoimado de gallicismos, elle o é porém d'esse purismo ridiculo de muitos que querendo á risca seguir os conselhos de Filinto Elysio cahem no excesso contrario. Não ha ahi esse estudo forçado de phrase, esse estylo immensamente castigado e tão castigado e tão limado, que á força d'escovadelas perde aquelle brilho, aquelle colorido, aquelle



aveludado brilhante, aquelle perfume balsamico, emfim, — como tantos exemplos et de bem acreditados escritores poderíamos apresentar.

Defeitos tem-nos elle por certo, mas inteiramente provenientes da soffreguidão com que escrevia, do pouco tempo que teve para limar e pulir o que lhe sahira da fronte escaudada — n'essas noites de delirio e de vigílias. Ha sómente a natureza, sómente o lampejo fulgurante do genio; aquillo que arte podia fazer, o que competia á reflexão — não lhe dêo tempo a voz do archanjo do exterminio.

Mas como bello é mesmo assim em seus defeitos! Como agrada aquelle deleixo, aquelle abandono, que ás vezes se lhe nota no estylo! Como cala aquella suprema poesia, que transpira de suas palavras, quando canta ou a mulher que o inspira, ou as flores dos campos, o canto das aves, o vento do céu, o ciciar da brisa, o silencio da noite e a luz pallida e desmaiada da lua! Como sabia dizer tão bem as affecções do peito, as emoções sentidas d'alma!

Cultivando com gosto e felicidade a musa joco-seria, ainda não pôde até agora ter muitos imitadores.

Muitos tem tentado semelhante tarefa, mas os resultados pallidos e frios de seus tentamentos, tem-nos feito recuar desanimados. Aquelle bello espécimen, a que denominou de — *spleen e charutos* — tem attraído a attenção de todos e os esforços de muitos, mas até agora ninguém, que o saibamos, tem chegado á altura á que elle



subiu n'aquellas jocosas producções, em que a naturalidade resalta. Falta-lhes a inspiração e a espontaneidade, a idéa e a linguagem, o sentimento e o vigor, que possuía Alvares de Azevedo.

Na prosa é seu estylo pomposo, colorido, cheio de rasgos e de lampejos, como traços scintillantes de luz no meio do espaço e algumas de suas producções são verdadeiros poemas — não metrificadas.

Imaginação de fogo era ás vezes demasiado arrojado em suas idéas e em suas opiniões. Para prova ahi estão algumas de suas poesias.

Cremos que si o poeta vivesse e tentasse dar-lhes a luz da publicidade, certo que lhes modificaria, não o estylo, que é bello e grandioso, mas o arrojo do pensamento, o arrojo das idéas.

Temos terminado esta desalinhada introdução; mas, como dissemos, não foi nosso fim fazer um artigo critico-litterario; escrevemos o que sentimos e nada mais.

Em nosso coração de moço, que não descrê do futuro d'esta terra tão bella, tão bem fadada, erguemos culto santo á memoria de Alvares de Azevedo. Sentiamos necessidade de alguma cousa dizer e escrevemos.

Que nos desculpem, pois, os criticos; quantos aos outros — cremos que nos comprehenderão (2).

D. JACY MONTEIRO.

Alvares de Azévedo é o cysne da poesia *byronica* personificada n'um homem fraco e em cujo peito a paixão devorava uma alma pura. Amou no idealismo, o que na realidade não achou quem lhe recompensasse. O entusiasmo de sua intelligencia subia ao palacio para descer á taverna mais insignificante. Percorreu todo o mundo feminino, e não encontrou um só peito que entendesse o seu; era que elle não nascera para a terra! Só encontrou beijos vendidos da messalina das ruas, ou peitos frios de mulheres que não o comprehendiam. Então foi poeta; escreveu, e escreveu em dous volumes, o que muitos talentos não escreveriam em vinte. Cantou essa *Noite na Taverna*, tão cheia de poesia, e onde o espirito do leitor recua de horror em cada pagina que lê. Seu espirito percorria o mundo inteiro; via as mulheres mais bellas da Italia em torno de si, em quanto sua penna percorria com velocidade o papel, onde escrevia não tudo, porém parte de seus sublimes pensamentos.

Leu muito, e quando em Byron apreciava essa melancholia e descrença do cantor do *Child-Harold*, regosijava se de achar um peito igual ao seu.

Depois d'esta lucta entre a paixão e o indifferentismo que encontrava, descreu; e a dôr d'esta terrivel molestia em breve o sepultou nas frias lages do tumulo onde repousa tranquillo das lides da vida humana. Repousa, o poeta! que foi longo o teu soffrer sobre a terra<sup>5</sup>!

W.

---



Conheceis nada mais triste do que um poeta, que morre na aurora e no brilhantismo de um esplendido futuro? Dar de face com um cypreste, gemendo lugubrememente sobre um tumulto, quando se esperavam encontrar corôas de louro e grinaldas de flores, não é por ventura um espectáculo desolador?

Para que veio a mão da morte pousar sobre a fronte altiva do que anciava conquistar a gloria? Que sonhos phantasticos, que ignorados poemas, que deslumbrantes inspirações não pereceram com esse ente, pallido e moribundo, despedindo-se, entre lagrimas, dos affectos que mais o prendiam na vida?

Manuel Antonio Alvares de Azevedo, poeta brasileiro, cujas poesias posthumas viram a luz em 1855 no Rio de Janeiro, era um talento de primeira ordem, uma d'aquellas vocações omnipotentes, que revelam, desde o berço, os fecundos dons do genio. Morto no anno de 1852, só um anno depois é que o Brasil pôde deplorar a perda de uma das suas mais esperançosas illustrações.

E o poeta tinha o presentimento da sua morte prematura! Entre os delirios de sua alegria, vem sempre pousar um pensamento melancholico, uma vaga aspiração de que a sua passagem na terra ha de ser fugitiva e rapida.....

« Eu deixo vida como deixo o tédio  
Do deserto, etc. »

Esta poesia tem por titulo : *Lembrança de morrer*, e



não é a unica que manifesta os dolorosos presentimentos. *Se eu morresse amanhã* é tambem uma saudosa despedida aos prazeres da vida, o revoar prophetico para as sombrias regiões da morte.

As suas poesias dividem-se em duas partes, n'uma que elle proprio intitulou : *Lyra dos vinte annos* inseriu todas as inspirações de sentimento, todos esses sonhos de uma phantasia, ao mesmo tempo, terna e excentrica. A segunda parte revela ternamente a vasta instrucção que possuia, em tam curta idade. Conhecia todos os poetas modernos, e nas suas invenções, a pesar de incompletas, denuncia-se a proxima lição dos auctores ingleses — desde Shakspeare até Byron. Era um poeta d'este seculo, percebendo a fundo as suas aspirações e tendencias. A sua musa graciosa e facil, verte o *humour* n'uma versificação descuidosa e deleixada. *Nos Bohemios, acto de uma comedia não escripta*, ha vivacidade e movimento, qualidades dramaticas, estylo ligeiro e solto, ironia fina e penetrante.

Mas quem não applaudirá o seu esperançoso talento n'esta poesia que vamos citar, em que a ternura da sua alma se une estreitamente ao vago sonhar de uma imaginação absorvida nas delicias do ideal :

« Na praia deserta, que a lua branqueia,  
Que mimo ! etc. »

Poderíamos inserir muitos rasgos de admiravel inspiração, mas para quem ama e percebe as delicadezas da

arte, basta este para conceituar o jovem poeta, que tão cedo abandonou uma carreira de gloria e foi dormir o somno eterno, com a donzella que os seus magoados suspiros invocavam!

Sem querer ferir de modo algum os talentos vivos, não podemos deixar de suppor entretanto que Manuel Antonio Alvares de Azevedo tomaria como poeta um dos primeiros logares na litteratura de Portugal e do Brasil, se tão cedo não deixasse este mundo.

A sua perda é d'aquellas, que se devem deplorar, como um funesto acontecimento para a situação e progresso das lettras. Era um talento innovador que não limitaria a sua ambição a percorrer as veredas conhecidas, que alcançaria novos horizontes, impellido pelo fogo da sua inspiração e tambem pela madureza dos seus estados.

Ha vocações que reproduzem os prodigios das sibyllas antigas. Prophetisam involuntariamente sobre a tripode, e deixam-se arrastar pelo enthusiasmo das suas proprias palavras. O jovem poeta não cantava sómente para que as turbas se deixassem commover pela harmonia dos seus cantos : cantava porque lhe ardia no peito um fogo devorador, porque sua alma ebria e palpitante, lhe accendia a imaginação, e como lhe intimava que traduzisse aos outros a magia dos seus sonhos, o fervor dos seus desejos, o esplendido irradiar da sua esperança.

Estamos politicamente separados do Brasil : a colonia forte e poderosa emancipou-se e fundou um imperio



florescente e vasto. Portuguezes, o amor da patria não nos torna surdos á voz dos principios humanitarios. Era justo que a tutela acabasse, e que as immensas regiões do Novo Mundo livres e independentes, podessem desinvolver a sua actividade e complectar os seus destinos. Mas é em nome dos antigos laços, que estreitamente nos uniram, que não podemos deixar de observar com desvanecimento os progressos e o esplendor d'essa nação que falla a mesma lingua, em cujas veias corre o mesmo sangue, e cujas tradições mais gloriosas tambem pertencem á nossa historia. Vocações como a do Sr. Antonio Gonçalves Dias, como a do jovem poeta, espirando na aurora de seu talento, testemunham eloquentemente a vitalidade da nação brasileira. Portuguezes, não podemos deixar de ter orgulho de ver a nossa lingua, accordando maviosamente os echos d'aquellas ridentes campinas, e d'aquellas copadas florestas : se nos faltassem outros estimulos de fraternidade, bastava esta inevitavel communhão das lettras para destruir rivalidades, pouco proprias da mutua dignidade de duas nações, que por assim dizer, nasceram no mesmo berço (4).

A. P. LOPEZ DE MENDONÇA.

---

As obras de Alvares de Azevedo são bem conhecidas, e a rapidez com que se esgotou a primeira edição, dá



eloquente e significativo testemunho do apreço que lhes liga o publico brasileiro, de sorte que ocioso fôra quanto sobre ellas quizessemos dizer. Além d'isso, a recordação de um estudioso mancebo que fallecendo aos 20 annos, nos deixou tres volumes de escriptos seus, ataria as mãos á critica severa.

E estudioso e amante das lettras era Alvares de Azevedo, d'isso nos são irrecusavel prova as suas obras. Na idade em que a mocidade corre desenfreada atrás dos prazeres ruidosos, encontrava elle os seus no remanso do gabinete, lia, meditava e legava-nos por escripto uma prova dos seus *estudos litterarios*, que sem querermos inculcar como seguros todos os juizos proferidos, apontaremos sómente como monumento da applicação de um jovem, cuja perda temporã seria para senti-la a mais rica litteratura.

Em tão verdes annos não podia Alvares de Azevedo deixar-nos nem no fundo, nem no estylo um padrão para apresentar-se como modelo aos que carecem ainda de formar o gosto, incapazes de discernir o bello verdadeiro dos senões menos dignos de se imitarem, mas ha nas obras do mal fadado moço muito com que fazer esquecer os defeitos, que uma idade mais madura e a continuação do estudo terião por sem duvida corrigido, e esse muito as torna credoras de um lugar de honra na estante dos amigos das lettras patrias.

Como todos os genios predestinados tinha Alvares de Azevedo um presentimento claro e distincto da sua

morte proxima, e essa triste certeza derramava-lhe uma melancholia suave e resignada sobre todas as suas trovas, até sobre aquellas em que o poeta fazia esforços por mostrar se folgazão e faceto. Ha nestas o que quer que seja que mais faz chorar do que rir. É verdade que para isto tambem concorre involuntariamente a constante idea da lamentavel morte do poeta.

Lêão-se estas palavras de um mancebo nascido para altos destinos, reflecta-se que esses primeiros cantos de que elle falla forão tambem os ultimos e sejão severos se poderem :

« São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiá não têm a doçura dos seus canticos de amor.

« É uma lyra, mas sem cordas; uma primavera, mas sem flores; uma corôa de folhas, mas sem viço.

« Cantos espontaneos do coração, vibrações doridas da lyra interna que agitava um sonho, notas que o vento levou — como isso dou a lume estas harmonias.

« São as paginas despedaçadas de um livro não lido.... » (5).

?.....

---

Encore enfant, il avait montré ses dispositions et son amour passionné pour la poésie; mais son pen-



chant se développa durant les quatre dernières années de sa vie à l'école de droit de S. Paulo, avec une rapidité fébrile, provenant à la fois de son état maladif et du pressentiment qu'il avait du peu de temps qui lui était donné pour se faire un nom dans les lettres, but de toute son ambition. Azevedo dévorait les œuvres des premiers poètes de toutes les nations, mais ses écrivains de prédilection étaient les romantiques français modernes, Victor Hugo, Alfred de Musset, Lamartine, et, avant tout, Byron. Enflammé par les œuvres de ces grands hommes, poussé par son génie, aiguillonné par un désir inouï de créer, il consacrait non-seulement les loisirs que lui laissaient ses études, mais souvent les nuits entières à écrire ses inspirations. C'est ainsi qu'on peut expliquer la masse de poésies qu'il a composées dans les dernières années de sa vie. En ayant égard à la manière dont elles ont été conçues, on pourra sainement juger ce génie prématuré, qui produisait avec une chaleur de serre-chaude, et qui devait si tôt se flétrir. Un fait digne de remarque et très-caractéristique, c'est qu'Azevedo, malgré cette passion pour la poésie, ne s'en livrait pas moins avec zèle à l'étude aride de la jurisprudence. Ses connaissances dans le droit romain, et le droit commercial surtout, étaient si étendues, que non-seulement ses professeurs lui donnèrent les meilleurs témoignages, mais que des praticiens consommés le consultèrent, et que son père lui fit prendre part aux affaires du barreau.



Azevedo était fort attaché à son père, à ses frères et sœurs, avant tout à sa mère. La pensée de la douleur que causerait à celle-ci sa mort prématurée, le remplissait de la mélancolie la plus profonde, et vint augmenter encore son penchant naturel à la tristesse. Lorsque l'heure de l'éternelle séparation arriva, il pria sa mère de se retirer, se dressa sur son séant, s'appuya sur la poitrine de son frère, saisit la main de son père, la baisa, lui jeta un dernier regard plein de la plus amère douleur, et rendit le dernier soupir en prononçant ces paroles : « Quelle fatalité, mon père ! »

Le plus beau monument que pouvait lui ériger son père, c'était la publication de ses œuvres. Un an après sa mort parut à Rio-Janeiro, en 1855, la première édition en deux volumes ; elle fut bientôt épuisée, et la seconde, augmentée d'un volume, vit le jour en 1862.

Azevedo lui-même avait préparé un choix de ses poésies lyriques, et voulait les publier sous le titre de *Lyra dos vinte annos*. Il ne devait pas les voir imprimées. Ce recueil et quelques autres productions du même genre, remplissent tout le premier volume de l'édition que nous avons devant les yeux, et la plus grande partie du troisième.

Ce sont bien les épanchements lyriques d'un cœur qui déborde, agité par l'amour et l'ambition, par un amour tantôt idéal et rêveur, tantôt cherchant les jouissances et plein d'une ardeur toute sensuelle, tantôt se livrant à des plaintes sur un bonheur insaisissable,

tantôt, enfin, s'enivrant de brûlants baisers. C'est ce que devaient produire dans une imagination si ardente les symptômes d'une mort prochaine, et à la fois le désir de jouir d'une vie si courte. Ajoutons-y l'ambition de montrer sa supériorité, l'assurance d'un esprit qui plane bien au-dessus des idées vulgaires sur l'existence, et qui veut surpasser des écrivains aussi consommés que Byron et Alfred de Musset, ces blasés de bon ton, habitués à regarder ironiquement le monde de la hauteur de leur talent, ces débauchés de génie! — Nous voyons percer dans cette œuvre une véritable nature de poète, qui met au jour son talent original, malgré toutes les influences extérieures et même dans ses erreurs.

Les belles poésies *Anjos do mar*, *A cantiga do sertanejo* véritable hymne des forêts brésiliennes, et *Crepusculo no mar*, montrent combien Azevedo avait su comprendre la poésie de la nature et la pénétrer du feu de ses passions. A côté de productions idéales, nous trouvons une tendance réaliste et ironique qui rappelle presque Heine, comme dans le *Vagabundo* et dans *E' ella!* Mais la disposition élégiaque de son âme, produite par le pressentiment d'une mort prématurée, perce dans la plupart de ses poésies; ce pressentiment forme même le sujet de quelque-unes de celles qui sont le mieux senties, comme le *Doze de setembro*, jour de sa naissance, production si caractéristique pour l'état de son âme, surtout la IV<sup>e</sup> strophe; dans *Lembrança de morrer* et



*Se eu morresse amanhã!* Ce sentiment cherche même avec l'ironie du désespoir, avec ce cynisme qui n'appartient qu'à Heine, à se moquer de lui-même, à s'étourdir, comme dans la curieuse poésie *O poeta moribundo*. En revanche, Azevedo est saisi de la tristesse la plus déchirante quand il pense à la séparation de sa mère, qu'il aimait par-dessus tout, et à qui il a consacré une de ses plus belles productions, *A minha mãe!*

Ces poésies lyriques expriment tellement la vie la plus intime d'Azevedo, qu'elles portent toutes plus ou moins l'empreinte de l'originalité, quoique on y remarque souvent l'influence de ses lectures et surtout de ses écrivains de prédilection. On y sent si peu le travail; elles sont écrites avec tant de verve que l'impression totale fait oublier les imperfections de détail, les fautes de versification, la diction souvent maniérée, une rudesse quelquefois recherchée, etc.

Mais l'influence corruptrice des romantiques modernes et de Byron, les défauts que nous venons d'énumérer ressortent bien plus dans les poèmes d'Azevedo, qui sont naturellement plus objectifs. La manie qu'a leur auteur de vouloir surpasser ses maîtres en scepticisme, en mépris des hommes, en spirituelle rouerie, en cynisme enfin, fait souvent de ces poèmes de véritables caricatures dont l'impression est fort pénible. On s'afflige de voir se perdre dans la fange une nature si bien douée, qui pouvait s'élever jusqu'aux cieux. Citons comme exemples ses poésies épico-lyriques : *Um cada-*



*ver de poeta*, *Gloria moribunda* (qui a pour sujet la mort scandaleuse du célèbre poète portugais Bocage) et *O Poema do frade*, production en cinq chants, en partie en *ottave rime*, en partie en *sextilhas*. C'est une imitation du *Don Juan* de Byron que le poète lui-même a très-bien nommée le produit « d'une insomnie amenée par le spleen et accompagnée des convulsions de l'ironie. » On peut rapprocher de ces derniers écrits quelques scènes dramatiques, ainsi les *Bohemios*, *acto de uma comedia não escripta*, en vers et d'un *humour* forcé; *Macario* et *Noite na taverna*, en prose et qui ont pour héros de vraies caricatures à moitié Faust, à moitié Don Juan, radotant comme des fous et exposant aux regards un cynisme dégoûtant. Leurs expressions sont à la fois d'une sentimentalité recherchée et d'une rudesse de mauvais goût, la diction est maniérée. Le poète lui-même a également fort bien jugé ces productions.

Azevedo a, en outre, écrit en prose quelques discours de circonstance, des critiques de *Jacques Rolla* d'Alfred de Musset, de l'*Aldo* de Georges Sand, enfin un petit travail sur la littérature portugaise. Quelques pensées ingénieuses y percent avec peine un véritable chaos de phrases, de citations, de comparaisons et de paradoxes : la diction et le style sont maniérés.

Par bonheur, *La lyre de vingt ans*, où sont exprimées avec tant de vérité les amours, les aspirations et la tristesse d'Azevedo, couvre de sa voix puissante ces fautes

du poëte, et sa gloire future n'en recevra aucune atteinte (6).

FERNANTO WOOLF.

---

Accommettido de doença grave na idade de cinco annos, não poderam os soccorros da medicina restituir-lhe de todo a saúde, ficando desde então fraco e valedudinario. Superiores ao do corpo foram contudo os progressos do espirito, depois que aos nove annos entrou em um collegio do Rio de Janeiro, onde fez os primeiros estudos, tomando em 1847 o grau de bacharel em lettras. Matriculado no curso juridico da academia de S. Paulo, que seguiu com distincção, repartia o tempo entre o estudo da jurisprudencia e o cultivo da poesia, a que o chamava uma vocação irresistivel, fomentada pela leitura dos mais afamados modernos; merecendo-lhe particular predilecção as obras de Byron, Goethe e Victor Hugo. Já começar o quinto e ultimo anno da carreira escolastica, quando assaltado desde algum tempo de uma sombria tristeza, precursora do ultimo fim, a morte o atalhou, expirando aos 25 de abril de 1852, após quarenta e cinco dias de penoso padecimento, entre as lagrimas de uma familia inconsolavel! (7).

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.



Discipulo de Byron, educado na descrença d'Alfredo de Musset, alistou-se Alvares de Azevedo na legião dos que amaldiçoam o mundo antes de conhecê-lo, e mostram-se gafos antes do trabalho. Foi esta uma lamentavel tendencia que impregnou do fel do scepticismo os cantos d'um poeta mancebo, cujo futuro com purpureas nuvens desenhava-se nos paramos da gloria (8).

CONEGO J. C. FERNANDES PINHEIRO.

Aos vinte annos, na quadra risonha das illusões da vida, quando o coração estremece ao impeto de generosos affectos, quando o cerebro, escaudando no fogo da mocidade, sonha todas as brilhantes loucuras da phantasia, crê em todas as chimericas e enganadoras promessas do mundo; quando finalmente a gloria, essa mentirosa e fatal culpada de tantos sacrificios incruentados, acena com todas as suas seducções e embriaga com seus osculos voluptuosos a temerarios, que lhe pedem o baptismo da immortalidade, deve ser muito doloroso descer lentamente, sem forças no corpo e sem esperanças na alma, immovel e frio por entre as agonias do soffrimento e do desespero, á estação final da morte. E no entanto foi esta a sorte de Alvares de Azevedo. Morreu quando parece que devia principiar a viver (9).

EMILIO ZALUAR.



### III

## NOTICIA

### SOBRE O AUTOR E SUAS OBRAS

LIDA EM UMA DAS SESSÕES DO INSTITUTO HISTÓRICO BRASILEIRO  
NO ANNO DE 1872

---

Aos vinte annos de existencia appareceu e finou-se um grande poeta. Malograram-se em seu ultimo suspiro as esperanças apenas concebidas, e para prova testemunhal do que deveria ser, eis ahi o legado immenso de seu talento : — os cantos de sua juventude !

Estrella d'alva, que apenas brilha em sua ligeira e fulgente madrugada, Manuel Antonio Alvares de Azevedo alvoreceu na aurora de sua vida. O fulgurante meteoro consumiu-se no espaço devorado pelas chamas que o abrilhantavam, depois de illuminar o rastro

da passagem com os raios de seu esplendor, e deixar admirados os que o viram passar tam rapidamente, como os corcéis de fogo da tempestade.

Ligou-se á celebridade de que tinha de gozar a fama de seu berço natal; e a patria laureada de Amador Bueno, dos Gusmões e dos Andradas lhe coube por herança. Repitiram-lhe os vagidos da infancia os mesmos echos que resoaram com o brado do Ypiranga, e que proclamaram ao mundo a existencia de mais um grande imperio.

Enorgulha-se pois a cidade de S. Paulo em poder contal-o como seu filho, e por uma circumstancia fortuita, mas que não deixa de ser notavel, nasceu o jovem poeta no edificio do curso juridico e na propria sala que lhe servia de bibliotheca. Eram 2 horas da tarde do dia 12 de setembro de 1834, e os estudantes, que sahiam das lições, ouviram os vagidos do recém-nascido, e alguns d'entre elles augurou-lhe o destino quando dice : — « Temos mais um estudante! »

Dous annos depois vinha elle para a cidade do Rio de Janeiro na companhia de seus paes o Dr. Ignacio Manuel Alvares de Azevedo e D. Maria Luiza Silveira da Motta, e conservou até a idade de seu primeiro lustre aquella robustez infantil, que lhe dava a saúde que tivera até então, quando um quadro luctuoso veio commovel-o profundamente. Aquelle espectaculo que, ainda na infancia de Henrique Heine ferira os olhos do sceptico poeta, apresentando-lhe pela primeira vez entre os



seus jogos e risos o phantasma da morte, e patenteando-lhe sobre a eça funebre a companhia de seus brincos pueris, aquelle anjo de innocencia cujo nome passou-lhe dos labios ás paginas dos *Reisebilder*, veio tambem influir em seu organismo e alterar-lhe a saúde para sempre.

Involto nas vestes angelicaes, illuminado pelo baço clarão das tochas, descansava no meio do feretro, entre as flores da primavera, e os setins da vaidade, seu tenro irmãozinho, que elle apenas tinha visto nos braços maternas, e ao qual na singeleza de sua innocencia queria acompanhar com aquelles trajos de anjo e ir com elle para o céo. Tomou-se o infeliz menino triste e pensativo como Henrique Heine quando viu que lhe roubavam aquelle anjinho ás caricias fraternaes. Appareceram symptomas que desinvolvendo-se, aggravaram-se mais e mais, e declararam-se depois em violenta febre. A sciencia dos medicos, os cuidados e esforços de seus paes, triumpharam da molestia, mas o seu corpo resentiu-se do insulto da enfermidade e nunca mais recobrou o seu vigor.

Deixaram-no entregue a natureza, e curaram mais do seu desinvolvimento physico do que do intellectual; por isso desde os seis até os nove annos pouco ou nem um aproveitamento fez, no estudo das primeiras lettras, e só no começo do anno de 1840 entrou para o collegio Stoll d'esta côrte, onde tornou-se o seu ornamento, — o orgulho de seu mestre, — o alvo da emulação de seus



condiscipulos, — as esperanças de seus paes. Stoll, que havia adquirido no ensino da infancia grande experiencia, além da sua perspicacia, anteviu para logo na agudeza e penetração de espirito do discipulo, apar de um humor risonho e sobre tudo da expansão de um coração nobre e generoso, toda a extensão de sua intelligencia, capaz do maior desinvolvimento.

Athleta da intelligencia, Alvares de Azevedo robusteceu as bellas faculdades de sua alma, ornando-a com a conquista das elucubrações e vigalias, e esqueceu o seu desinvolvimento physico. Quando o seu mestre Stoll dava conta a seus paes de sua applicação, dizia sempre que era elle o primeiro entre os estudantes das classes litterarias, e o ultimo da dos exercicios gymnasticos (10).

Durante quatro annos cursou Alvares de Azevedo as classes do collegio Stoll com o maior aproveitamento (11); e pela sua capacidade intellectual, e pelos seus estudos era admirado por todos quantos visitaram aquelle afamado collegio (12). Fallando francez e inglez com desembaraço; declamando acerca da historia, discorrendo sobre geographia, promettia tanto de si, que o seu preceptor não recciou errar quando asseverou a seu pae que a continuar assim veria a ser o seu filho um Brasileiro que em algum tempo poder-se-ia medir com as primeiras capacidades europeas (13), pois nunca vira na America tanta aptidão, como n'elle e na sua idade para as applicações de espirito (14).

Em agosto de 1844 deixou os bancos do collegio em

que se tomará tam eminente alumno. Duas circumstancias concorreram para isso. Não só Stoll tinha de deixar o seu estabelecimento, como alguns medicos, que haviam sido consultados, aconselharam a seus paes que o fizesse mudar de clima, pois a sua saúde era cada vez mais precária.

Partiu para S. Paulo, a sua cidade natal, em companhia de seu tio materno o Dr José Ignacio Silveira da Motta, lente do curso juridico, hoje senador do imperio, e ali sob as vistas de tam abalisado varão continuou com muita vantagem os seus estudos, ganhando tambem muito na regeneração de sua saúde. No fim d'esse anno fez os examês de francez, inglez, latim, e regressou a côrte, para junto de seus paes.

O barão de Planitz, homem extremamente erudito, dado ao estudo das linguas e historia, havia-se estabelecido entre nós e era professor no collegio Pedro Segundo, e pois a seu zelo e criterio foi confiado o esperançoso menino afim de poder cursar aquelle afamado estabelecimento, e completar alli os preparatorios, e até junho de 1845 tinha elle satisfeito o desejo de seus paes e conseguido matricular-se como interno do 5º anno, sendo aprovado nos exames exigidos.

Aos deseseis annos de idade concluia os estudos das bellas lettras e obtinha o grau de bacharel, mas não foi sem difficuldade que Alvares de Azevedo atravessou aquelle noviciado, pois contrariavam-no os usos do internato. A vivacidade de seu genio despontava com todo



o seu vigor; o epigramma que se mesclava aos sainetes que animavam-lhe a conversação, como arabescos de seu espirito satyrico, e o lapis caricaturista, que manejava menos mal, tomaram-se em suas mãos uma espada de dous gumes sempre prompta para ferir os empregados do estabelecimento, seu alvo objectivo; e apesar das suas aptidão e assiduidade teve por vezes de amaldiçoar a escuridão e o isolamento do carcere do collegio. Longe de dobrarem a altiveza de sua alma, aggravaram a irritabilidade de seu genio, de que resentiu-se a sua saúde, já tam precaria, e pois trataram de desculpar os pequenos desmandos, apadrinhados pelo talento que o caracterisava, e de que davam testemunhos inequivocos os condiscipulos, admiradores de suas tentativas poeticas, e os proprios professores, que prezavam seus progressos principalmente nos estudos em que mais se distinguia, como a historia e a philosophia.

Em 1848 partiu Manuel Antonio Alvares de Azevedo para S. Paulo, e no gremio de sua provincia um novo mundo patenteou-se a seus olhos, abriu-se a sua imaginação, e accordou a sua indole. Alli na terra natal cresceu e vigorou-se-lhe a intelligencia, despertada pela seriedade do estudo ou acariciada pela diversão das musas.

A subita mudança da vida sedentaria do internato para a vida um tanto livre de estudante academico alterou-lhe os habitos e exerceu poderosa influencia na



sua maneira de viver n'aquella cidade, que elle descreve com as tintas de sua palheta romantica sem que se importe que as côres sejam por demais vivas, e repugnem ao bom senso (15).

Os quadros, que lhe pintavam os versos de Byron, de Goethe e de Alfredo de Musset e que ainda nos bancos das escolas faziam as suas delicias, apresentaram-se-lhe em scenas reaes; e quando lhe fallava essas scenas o poeta as reproduzia na imaginação, rememorando as pinturas predilectas, e traduzindo-as em suas poesias, ou narrações romanescas, abrilhantadas pelo vigor de seu pincel que excedia-se muitas vezes dos limites traçados pela decencia.

Era por isso que preferia a cidade de S. Paulo á do Rio de Janeiro apesar da terra natal não se revestir do esplendor da vegetação luxuriante da altiva Guanabara, onde as tardes tem o matiz purpurino e as flores o perfume da primavera e da esperança (16). La na serra, as noites com seu ar mimoso, ao menos para elle, eram mais suaves com as suas aventuras amorosas do que as noites do céu italiano, e aquella côr sombria, proveniente de seu manto nebuloso, bem se assemelhava a pallida vida e ao somno innocente da donzella adormecida no deserto (17).

Sentado nos bancos da faculdade juridica, Alvares de Azevedo nem mediu forças, nem calculou tempo; sacrificou tudo ao estudo levado além das raias do possível. « Ha uma cousa, dizia elle escudado com a autoridade

de Agostinho Thierry, que vale mais do que os gozos materiaes, mais que a fortuna, mais que a saúde mesma, — o sacrificio a sciencia! (18). » Estudou profundamente o direito romano, como a origem de todos os direitos, e o Codigo do commercio, ainda ha pouco sancionado, já elle o sabia de côr e para logo analysou-o, confrontando-o com os codigos estrangeiròs. Juizes competentes admiravam seus notaveis conhecimentos em diversos ramos das sciencias sociaes (19). Advogados distinctos e até seu proprio pae, o consultavam durante as ferias, e entregavam-lhe causas importantes, e os seus trabalhos, que apenas necessitavam dos retoques da phraseologia da praxe, eram coroados pelas decisões dos tribunaes (20).

E esses successos longe de detel-o, enthusiasmavam-no ainda mais e convidavam-o a redobrar de esforços : arcava com a saúde e pensava que o seu triumpho não era uma derrota, como as victorias de Pyrrhus.

Fatigado com o estudo das sciencias atirava-se á litteratura. Na sua cabeça turbilhonava um mundo de idéas, desembrionava-se uma litteratura inteira. Seu cerebro parecia enfermo, sempre inflammado e ardente com a febre que o devorava, como essas noites de verão descriptas por elle, em que a lua avermelhada não lança luz no céu escuro, nem a briza bafeja o ar com os seus surrisos (21). Era Torquato Tasso com as epopéas, ou Lope Véga e Calderon com as suas numerosas comedias a lhe bulharem na mente (22). Ainda tão moço, já



se considerava rei da critica, e julgava as velhas e modernas litteraturas, vendo em torno de si tudo pequeno — o genio e seus primores. A aguia ainda em seu ninho media a abalada das aves magnanimas, e achava-se com força para lançar-se no páreo e ir perder-se no gremio do trovão.

Apezar das seducções que lhe offerecia a cidade de S. Paulo com seus prazeres e distracções não multiformes como nas grandes capitães, mas concentrados na sensualidade que mais arrasta a mocidade a perigosas aventuras, entregou-se Alvares de Azevedo sem descanso noite e dia a seus estudos, e durante todo o primeiro anno aproveitou as horas vagas entregando-se especialmente em manusear os poetas britannicos, imitando o *Othello* de Shakspeare e traduzindo a *Parisina* de Byron. Compoz tambem por esse tempo muitas poesias ligeiras, algumas no gosto de Queiroga, que alli havia deixado, com a fama de seus talentos, as suas elegantes e mimosas composições eroticas, outras paraphraseadas de Henrique Heine, traçou as scenas principaes do drama Conde Lopo, do qual apenas nos restão pequenos fragmentos, e começou um romance meio em prosa e meio em verso, que deixou em borrão inlegivel pela pressa com que compunha e a rapidez com que escrevia (23).

A vida de estudante passou-a elle com todos os seus episodios extravagantes e aventuras amorosas, sem que a interrompesse e se entregasse á seriedade da existencia, que era para elle a terra de promissão, desejada

mas nunca conseguida. Tinha a sua disposição melhores livros que seu pae lhe remettia do Rio de Janeiro a seu pedido, satisfazendo a sêde de leitura que o devorava, ventura de que não gozou Casimiro de Abreu; a cabeceira de seu leito podia conhecer-se como a de Alexandre pelos poemas de Homero, Dante, Shakespare, Byron, Musset e Heine, eram os poetas da predilecção sem exceptuar a Biblia (24).

A amizade era uma das paixões que elle mais cultivava. « Bom amigo, modesto e agradável, diz o Sr. Dr. Macedo, ninguém o tratou que o não ficasse estimando (25) ». Como Gonçalves Dias incensava a mente com a doce lembrança que só seus amigos eram seus prazeres, e que sómente elles seriam os seus amores. O Sr. Dr. Luiz Antonio da Silva Nunes, hoje distincto advogado, foi o depositario dos intimos segredos, e na correspondencia que com elle entreteve, encontram-se os mais interessantes pormenores sobre a sua vida academica (26). Os Drs. Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa, este ultimo roubado ainda em flôr ás esperanças da litteratura, eram os collaboradores que no livro *As tres lyras* deviam confundir as suas inspirações (27). Respeitava os seus preceptores, e os contava no numero de seus amigos; assim conservou sempre do barão de Planitz a mais grata lembrança (28).

Sentados, elle e seus amigos de entorno á meza, confidente de seus intimos segredos, allumiados apenas por um candieiro, que era o astro de suas inspirações;



misturando o fumo de seus cachimbos, conchegados pela amizade, unidos pelos estudos, tocando os seus copos de cognac, saboreando o poncho da noite de inverno compunham versos humoristicos, liam uns aos outros as suas composições, applaudiam-se, animavam-se mais felizes do que quando as recentes mensuralidades lhe teniam nos bolsos, e as levavam ao turbilhão das dansas dos logares equivocos, e ás sensações do *lansquenet* (29).

Alegre, risonho e folgazão em sua infancia, tornou-se melancolico na mocidade, talvez devido á concentração de suas idéas, e a solidão á que se entregava as mais das vezes para fortificar o seu espirito e cultivar a sua razão, o que segundo elle, o ia tornando misanthropo como Rousseau. O *spleen*, que elle descreve melhor do que um inglez (50), e que o acommettia nas insomnias do genio, quando a fada nocturna, a santa inspiração abandonando-o, deixava de vir beijar aquella esplendida cabeça, promettedora de tanto futuro (51), combatia-o elle com o fumo de seu charuto, com as libações do cognac, mais por imitação de Byron ou de Alfredo de Musset do que por necessidade real (52), pois o seu cerebro ainda fresco não precisava de excitações ardentes para produzir como esses estomagos inertes que só funcionam a força de causticas especiarías.

O presentimento de seu proximo fim, concorreu tambem para aggravar ainda mais essa pezada melancolia. Ralava-o a saudade dos amigos, e a dura lembrança de

quanto a sua morte seria sentida por sua mãe, ella que já depinhava com as suas tristezas (53), o precipitava n'um abysmo de dôres. Procurou o jovem poeta convencer-se a si mesmo da puerilidade d'essa idéa fixa, combatter os pensamentos lugubres em que a seu pezar engolphava-se-lhe a alma, arrastada para esse terrivel Malestrão, e reagir contra a fatalidade que lhe parecia mais um capricho inexplicavel da imaginação enferma do que uma previsão de seu raciocinio tirada de justas illações.

Leva-se a mal que poetas tam moços caiam nos queixumes lacrimosos dos byronianos, mas seriam elles em Alvares de Azevedo pura imitação? A sua alma não padeceria com as visões do spectro que lhe impellia o berço para tam proximo da campa? Não foi para distrahir-se que elle buscou como Henrique Heine a facecia e compoz em tom humoristico muitas poesias? E ainda assim a terrivel idéa, como o esqueleto no festim dos Egypcios vinha mesclar-se aos pensamentos de sua musa humoristica (54).

Das idéas abstractas passou-se o poeta ao campo da realidade, e buscou e achou as maiores distrações lançando-se no turbilhão dos prazeres e das insanias, que o deixaram impressionado por longo tempo e entregue a seus amores ideaes, loucas visões (55), as quaes no delirio de sua imaginação passavam ainda escandecentes para as paginas de seus dramas-romances e poesias (56), e essas esplendidas orgias, descriptas por elle,



em que figuram os vinhos de Hespanha, que reanimam essas pallidas voluptuosas de Italia e as Americanas morenas, cujos beijos tinham o perfume vertiginoso das magnolias e o ardor do sangue meridional (57), não eram mais do que essas noites com seus mysterios calabrios e eleusinos de que nos falla o Sr. Dr. Couto de Magalhães (58).

Era durante as ferias e quando vinha para o Rio de Janeiro rever seu pae, sua mãe e irmã, objectos tam caros a seu coração, que Alvares de Azevedo atirava-se aos estudos predilectos com uma voracidade inexcedivel, sobrepujando as proprias forças, mas nunca tanto como no pequeno espaço decorrido entre o fim do anno de 1849 e principio de 1850. Em tres mezes escreveu mais de duzentas paginas de um romance, sete cantos de dous poemas, as analyses de *Jacques Rolla* de Alfredo de Musset, os *Estudos litterarios sobre a marcha da civilisação e poesia em Portugal*, alem dos fragmentos de um poema em linguagem muito antiga e muito mais difficil de entender-se do que as sextilhas de frei Antão de Gonçalves Dias, porém no gosto de Thomaz Rowley de Chatterton (59). Depois de escrever muito e por longo tempo, agitado pela febre do genio, cahia extenuado no sommo do repouso como as arvores em seguida a sua fructificação. « A esta minha agitação de espirito, diz elle, sobrevem as vezes um marasmo invencivel, horas d'aquellas em que os navegantes temem, em que a calmaria descae no mar morto, e as

velas cahem ao longo dos mastros (40) ».

Uma applicação insensata, imprudente; um estudo apaixonado, seguido, constante; uma sêde insaciavel de conhecimentos e logo a ambição de reproduzir, de arcar peito a peito com os grandes mestres, esgotaram-lhe as forças e quando a enfermidade veio a accomettel-o, achou facil campo para seus estragos.

Como Gonçalves Dias, que contando bago por bago os ultimos instantes, que lhe restavam na ampulheta da vida, apressava a terminação de suas obras, as quaes tragou com elle o Oceano, assim Alvares de Azevedo dava-se pressa em conceber e executar os seus poemas, trabalhando durante dias como se fossem mezes. Em sua alma tinha elle o vaticinio de seu futuro. Á aurora fresca e rosada de sua juventude não deveria succeder a noite; envolveria o negro bulcão da tempestade... O espectro da morte, lhe apparecia a todo o momento. Como Casimiro de Abreu não precisava perguntar, sentado á beira do caminho da existencia, se estava muito longe o porvir. O fatal marco tinha-o elle bem patente, não muito distante de seu estadio. Sabia-o melhor do que ninguem, pois a pagina trajada de luto da sua vida presenti-a elle sob seus dedos promptos para voltal-a no curto livro de sua vida. Como Pascal que via constantemente a seu lado entre-abrir-se um abysmo, Alvares de Azevedo tinha sempre ante si a visão do sepulchro. A aurora que desvanecia-se nos céos, as estrellas que se apagavam no infinito, as flores da manhã que emmur-



checiam aos raios do sol, o crepusculo que se estinguiam nas nuvens, as ondas que espiravam nas praias, morrendo como seu murmurio, a briza que se perdia nas folhas das palmeiras, os sorrisos fugitivos que roçavam as faces de sua irmã, tudo, ah tudo, tudo isso eram imagens presagas de sua breve vida, essa madrugada de risos e flores que o cyclão da fatalidade envolveu em negras azas antes que viesse a noite da velhice. Pungia-o assim a idéa de morrer tam cedo a quem tinha a desmarcada ambição de empegar se no Oceano sem fim de seus incendidos projectos, em busca de novos assumptos para seus cantos e numerosas epopéas e dramas (41). A seiva era demasiada para tam debil arbusto e pois matou-o a superabundancia de seu immenso e brilhante talento.

Voltou ao Rio de Janeiro pelas ferias do quarto anno academico com o negro presentimento de que não regressaria mais áquella cidade que tam cara lhe era. Havia alguns annos que a mão da morte inexoravel roubara ao curso juridico de S. Paulum de seus alumnos do quinto anno. Esta coincidencia de tal modo impressionou a Alvares de Azevedo, que em uma das paredes de seu gabinete de estudo escreveu elle o fatal necrologio, deixando o anno de 1852 em claro, a espera do nome da victima academica (42). No discurso recitado a beira do tumulto do collega, que o precedera n'aquella terrivel imposição da morte, pronunciou estas palavras como que prevendo o seu proximo fim. « Navegantes miserri-

mos pelo Oceano da morte, a nau que conduz as nossas esperanças para o Oriente do futuro tem uma sina terrivel! Cada anno uma victima se perde nas ondas, e a sorte escolhe surrindo os melhores dentre nós! Ha um anno que aqui viemos, os mesmos de hoje, acompanhar um cadaver e murmurar um adeus á mais bella das esperanças academicas (45) ».

Aquelle anno fatal estava escripto em sua alma com algarismos negros. Deixou-se de passeios e distracções, e concentrou-se todo nos seus trabalhos. Durante o dia procurava o escriptorio de seu pae, que lhe confiava os autos mais importantes de seus clientes, e a noite vinha para junto de seu lar, gozar das caricias de sua mãe e dos affagos de sua irmã. Voltavam os bellos dias de sua infancia e com os mesmos dias voltavam aquelle apego ao seio materno, aquella ternura filial que manifestava em continuo conchego, em repetidos abraços, e incessantes beijos; vivia em seus olhos, bebia-lhe as expressões de amor, concentrava-se-lhe n'alma.

Despertou-se tambem o presentimento maternal; estas manifestações deram rebato nos seios d'alma de sua mãe e sobressaltaram-na com mil pensamentos, que á noite convertiam-se em sonhos duros e pezadelos maus, que lhe vinham interromper o somno e quebrar-lhe o repouso. Sonhára ella uma vez que seu filho estava louco; outra vez era ella que em seus braços o embalava ao somno da morte! Mãe e filho ambos eram victimas de seus tam puros amores — maternal e filial; — ambos



luctavam com os mesmos presentimentos, que cautelosos se occultavam mutuamente.

Com a magoa no coração, que se lhe despedaçava fibra por fibra; com o presagio n'alma, que em vão procurava esquecer ou illudir, a mãe o vigiava constantemente. Vinha achal-o a mais das vezes escaldado pela febre do genio que o devorava, com aquella cabeça ardendo-lhe como um vulcão, debruçado á secretária, dobrado sobre o papel ou curvado sobre os livros, compondo ou lendo á luz do candieiro das lucubrações, e entrando pelas longas horas da noite.

Reprehendia-o ella por causa de tam improbo estudo; pedia-lhe, instava com elle para que evitasse tam continuas vigílias e que fosse entregar-se á reparação de suas forças; obedecia elle, procurando tranquilisal-a, confessando-se habituado áquelle trabalho n'essas horas mortas e silenciosas que toda a cidade dormia cansada de suas lidas.

Uma noite a surpresa foi cruel para ambos; encontrou a mãe debulhado em pranto; e o papel a que entregára os intimos pensamentos de sua alma, trahiulhe o presentimento de seu coração; eram paginas humedecidas pelas lagrimas, eram versos inspirados pelo amor filial!

Instado por ella, o filho leu aquelles pungentes versos de uma bella agonia que se debate na ancía de gloria, ante a aurora de seu porvir, na manhã da vida em que o sol é mais esplendido, o céu mais azul, mas com a

doce consolação de que sua irmã lhe fechará os olhos e sua mãe chorará de saudade (44)!

Antes que elle concluísse aquella leitura cahiu a mãe em seus braços, misturando os seus aos seus soluços, e as suas ás suas lagrimas. Só aquelles dous corações, que se comprehendiam tam intimamente, abalados pela revelações do mesmo presentimento, poderiam ralatar o que se passou entre elles n'aquella scena intima de tam longo martyrio d'alma!

Como sempre ambos procuraram-se enganar no mutuo conforto. A mãe, enxugando o pranto, buscou reprehendel-o por se mostrar tam alheio ás suas antigas illusões, elle o jovem de vinte annos, a quem o talento abria as portas do porvir, e a quem esperavam dias de gloria, e ao mesmo tempo lhe perguntava pelos seus dias alegres e folgazãos, pelas suas facecias, pelas suas poesias escriptas em tom humoristico e zombeteiro, que tantos momentos lhe haviam dado de riso e de prazer.

Reanimou-se o jovem poeta e fez-lhe ver que toda essa mudança provinha de sua natureza propensa a misanthropia e de sua indole ou temperamento melancolico; ergueu-se de sua cadeira, deixou pairar em seu semblante um sorriso... abraçou, pediu-lhe perdão do que fazia tam insensivelmente... e conveio em retirar-se para o seu aposento e ir dormir (45).

E dormiria? ou seria esta uma d'aquellas noites de insomnia com suas visões fervorosas, com suas harmo-



nias desconhecidas em que a alma delirante se engolphava no infinito dos seres phantasticos como essas aves nocturnas que mergulham no seio do mysterio (46)? Já então a enfermidade caminhava-se para elle como a realidade de seus presentimentos; aproximava-se a quadra de ir para S. Paulo, e essa natureza que lhe dava o pronostico de seu prematuro fim, que lhe mostrava a terrivel palavra na ultima pagina do breve livro de sua existencia, não o dotou do instincto necessario para evitar o mal; não patenteou senão através do mysterioso nevoeiro do futuro o marco da fatalidade, o fatal — Basta! que o Sr Cons<sup>o</sup>. G. Magalhães, Barão do Araguaia, só adaptará ao hymno da velhice (47).

No dia 10 de Março d'aquelle fatal anno que elle escreveu na parede de sua sala de estudo, appareceram-lhe os primeiros symptomas da molestia e toda a familia sobresaltou-se, mas de novo tranquilisaram-no as facecias e gracejos do enfermo, a quem talvez a propria natureza procurasse illudir na origem de seu mal; até que a final reconheceram os medicos a séde e o genero da enfermidade, e para logo se perderam todas as esperanças. E para aquelles miseros corações paternos tornou-se o filho, na expressão eloquente de Felix Xavier da Cunha, um sol que se apagava, um lyrio que emurchecia, um presente sem vida, uma vida sem futuro (48)! Pregados á cruz do soffrimento, heberam na espongia de fel toda a amargura d'aquelle sublime agonia; sentiram sobre as suas cabeças o doloroso pungir

que lhes infligiu a immensa corôa de soffrimento.

Longos dias succederam-se a longas noites, sem o menor vislumbre da confiança para tanta afflicção : redobráram-se os esforços, amiudaram-se os cuidados, multiplicaram-se as conferencias, e a sciencia de Hippocrates ou Galeno inerte em seus meios de debellação, tentou em vão um esforço; procedeu a uma operação gravissima, cujas dôres se prolongaram em seus dolorosos curativos (49). Em seus padecimentos horrorosos, em suas penas inexprimiveis mostrava o infeliz jovem a mais santa resignação, contendo as lagrimas, suffocando os soluços, compadecido de sua mãe, cuja mão entrelaçada ás suas, sentia-lhe as contorsões que lhe vinham do coração. Alli ao pé de seu leito, a familia, e os amigos cumpriram as lagrimas, abafavam os ais de angustia, para lhe mostrarem nas faces o fingimento, o riso mentido da dissimulação.

Mais um raio de esperanza luziu para aquellas almas. Melhorava o enfermo sensivelmente depois de quarenta dias de atrozes soffrimentos. Parecia que o Eterno tinha ouvido as preces dos labios, os votos dos corações paternos, e que dias serenos e benignos de convalescencia se aproximavam. O enfermo chegou a erguer-se de seu leito; reanimou-se a satisfação em todos os peitos... desmentiu-se o fatal pronostico da sciencia... Mas de novo desdoura-se a illusão... agrava-se a enfermidade, e o doente cahe sobre o leito para nunca mais levantar-se.



No domingo de 25 de Abril de 1852 despertou Alvares de Azevedo com a suspeita de que a noite d'esse dia a dormiria elle no sepulchro. A descrença de seus dias dourados tam cheios de louças aventuras desaparecia n'aquelles momentos solemnes; e brilhava felizmente para elle a aurora da resurreição de seus sentimentos religiosos, e a religião vinha com o balsamo da fé curar-lhe as chagas do scepticismo.

Resignado, com os olhos fitos nos humbraes da eternidade, recebeu a extrema uncção, e esperou com a alma do justo que nos céos batesse a hora de seu passamento (50).

Elle a viu aproximar-se, sentiu-a no seu coração quando as pulsasões se contrahiam, quando a nevoa do sepulchro lhe começava a obscurecer a vista. Oh! o espectáculo era bastante doloroso para sua mãe e elle pediu, instou para que se retirasse. A misera senhora debulhada em pranto, mas sem comprehendel-o retirou-se para a sala contigua. O jovem poeta ergueu-se um pouco, e reclinando-se ao peito de seu irmão, cravou um olhar ardente em seu pae, tomou-lhe uma das mãos que levou aos labios e deixando-a cahir pronunciou estas lugubres palavras :

— Que fatalidade, meu pae!

Baixava o sol no horizonte, e a essa hora solemne da oração finasa-se o jovem poeta, contando apenas 20 annos, 7 mezes e 13 dias!

Quando a desventurada mãe ouviu o annuncio da sua

morte, levantou-se da cadeira onde se sentára, e como se um raio a illuminasse despertou-se-lhe na mente o sonho fatal que a esperança... havia velado por tantos dias... um grito doloroso partiu de seus labios e ella cahiu sem sentidos... Esse brado pungente, esse ai maternal parece que esse electrizou o cadaver do filho... Alvarez de Azevedo descerrou as palpebras, como se quizesse ainda ver sua mãe, e abriu a boca como se quizesse ainda lhe fallar... e assim se conservou para sempre (51)!...

O seu funeral realisou-se no dia seguinte. Acompanharam-no a ultima morada os seus e os amigos de seu pae, e lá ao pé da campa lhe disseram em sentidos discursos os seus saudosos adeus (52).

O distincto e malogrado poeta só foi apreciado em sua vida pelo limitado numero de amigos e conhecidos. Fóra d'esse acanhado circulo, poucos sabiam de sua existencia e muitos menos ainda lhe apreciavam os dotes. Os ultimos versos murmurados á beira do sepulchro, quando os echos do além-tumulo já lhe repetiam as canções da morte, despertaram a população de um vasto imperio, que cedo o conheceu e conheceu-o para chorar a sua immensa e dolorosa perda.

Tantos talentos cortados ainda em flôr! Tantas perdas para a nossa litteratura ainda tam nova! Precedido na manhã da vida por Francisco Bernardim Ribeiro e Dutra Mello, seguiram-no ainda de perto Franco de Sá, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e mais recente-



mente Castro Alvares, o novo cantor do ameno Gonzaga, e quasi tam infeliz como elles (53)!

Uma pleiade de brilhantes talentos ergueu-lhe o cenotaphio e dedicou-lhe honras funebres. Era a associação Ensaio philosophico paulistano que celebrava academicamente as suas exequias (54).

Seus manes, sem duvida, contemplaram essa oblação da saudade votada a seu genio pela estima e admiração de seus amigos. Só elle, roubado ás esperanças da patria, descansava no ataúde, ceifado na carreira de seus estudos! Seus companheiros, que lhe pranteavam a morte, tinham ante si abertas as portas do porvir, immenso caminho a percorrer, serviços importantes a dedicarem a patria. Oh todos elles galgaram os degraus superiores da escada social, que conduz aos primeiros logares da sociedade politica. Eram ministros de Estados, representantes da nação, presidentes de provincia, advogados, publicistas que ainda alli se crearam nas vestes primitivas de simples estudantes, como as chrysalidas contêm em si brilhantes borboletas, que um dia rutilarão nas ondas da luz; eram amigos enfim, mais felizes do que elle que lhe vinham dizer o adeus da eternidade (55).

A quem o destino puzera o herço ao pé da campa, todas as phases da curta existencia, todos os trabalhos de estudo, todas as applicações do espirito tinham que succederem-se quasi que tumultuariamente. Inspirações, poesias, dramas, romances, historia, sciencias,

letras e artes, tudo isso lhe brilhava na faculdade da concepção tam ligeiro como um relampago, e mal tinha elle tempo para entregar ao papel as confidencias de sua musa, os delirios de seu estro, os estudos serios, que comprehendia a sua intelligencia, ou os desenhos e aguarellas de sua imaginação.

Não escolhia assumptos, não calculava, não meditava, acceitava a batalha sem plano, em qualquer terreno, certo de que a palma da victoria lhe pertencia; e se alguma vez a meditação ou o estudo lhe indicavam o caminho que deveria seguir, a musa o transviava, e força era contentar-se com o que lhe dava a inspiração. Rara vez emendava. Assim elle improvisava e escrevia ao correr da penna, embora depois não o possamos comprehender, como no poema do Frade, no drama-romance *Macario ou a Noite na taberna*. Acontece isso a esses Colombos quando divagam por desconhecidos mares, sem a tenacidade do Ligurio; contentam-se com as vaporosas visões, que tomam por novas terras, e como Benvenuto Cellini decahem de seus assumptos nas obras que contra a sua expectativa lhes entrega a final a sua inspiração. Em tam pequeno theatro, em tam breves dias de existencia, o poeta dominou todo o seu estádio; não o percorreu sómente, elevou-se e abrindo-se espaço com as longas azas de sua imaginação, perdeu-se no infinito. « Não foi mister, diz um de seus collegas, ir assentar-se nos marmores desabados de Parthenon ao lado das estatuas de Phidias, como o poeta dos *Martyres*,



a pedir inspirações aos capiteis derrocados da cidade do Solão; não foi como o cantor de *Jocelyn* remogar o alaúde ao murmúrio das ondas do Bosphoro, que osculam Stamboul em suas muralhas eternas. Não, na terra abençoada de seus paes, sua alma sabia palpitar á sombra dos coqueiros no estalar dos leques, no ciciar das brisas, nos nevoeiros de um luar sombrio no ultimo raio do sol a bruxulear nas vagas, qual pallida lampada no sacrario do templo (56). »

A Alvares de Azevedo madrugara a inspiração. Ainda no berço, entre as flores da candidez; ainda na infancia, entre os brincos da puerilidade; ainda nos bancos das escolas, entre as applicações do estudo; — elle já era poeta! Tudo lhe surria inspirações, e a vida se lhe desabrochava como um sonho dourado da esperanza; era um hymno matinal que ante da noite deveria converter-se em uma nenia.

Sua alma avida de trabalho e de gloria ambicionava os louros da poesia, e seu genio abrindo as suas azas de ouro na immensidade procurava os rastros luminosos de Byron, Dante, Shakspeare. Ignorava ainda os triviaes preceitos da arte e já buscava medir-se com esses heróes immortalisados pelos seus proprios cantos; eram elles os seus mestres predilectos; li-os no silencio de seu gabinete, e repetia-os no meio de seus estudos obrigados para um dia identificar-se com elles, para depois igualal-os, e por fim ultrapassal-os, perdel-os da vista da imitação, e apresentar-se, segundo a expressão de

Affonso Karr, em toda a originalidade de sua individualidade! (57)

Cabeça immensa, cria alojar em seu cerebro vastas e originaes concepções, que o eternisassem em todos os generos da litteratura, mas o destino acerbo converteu tudo nas esperanças malogradas de Chénier, e aquella pezarosa exclamação, que arrancára o martyr do cataclismo social á vista do patibulo, traduziu-a elle n'aquelle brado que se lhe escapara dos labios moribundos.

Lamenta-se, como já dice, que o poeta em tam verdes annos se sentisse accomettido do *spleen* de lord Byron, tendo no coração a descrença de Alfredo de Musset e nos labios o sarcasmo de Henrique Heine. Suppõe-se que fingia, que imitava aos genios a que tomára por mestres; mas não foi assim. O seu temperamento levava-o a essa melancolia negra, que tocava as raias da misanthropia, e por fim a leitura de tam predilectos poetas acabou por lhe transtornar o cerebro.

Creados na fé, que pede nossa razão infantil a sua crença, sem a discussão de seu raciocinio, achamo-nos depois involtos na duvida quando com o facho da philosophia corremos em busca da verdade, vendo muitas vezes a nossos pés insondaveis abysmos... Então a alma parece despertar de uma illusão, e a voz que a invoca ás indagações philosophicas acerca de sua origem, sua essencia, e seu destino, lança-a na duvida que a conduz pelos tortuosos trilhos do labyrintho da descrença, cujas



trevas se condensam mais e mais fechando-se na completa noite do materialismo; a crença triumphá por fim, como o naufrago, que depois de lutar com as ondas escumosas do Oceano batido dos ventos, agarra-se á taboa da salvação que se lhe depara aos olhos illuminados por uma restea de luz, que lhe vem do céu coado nas sombras da tempestade.

A duvida embalava-o entre a crença e a descrença (58). Duvidava ora do que cria ora do que descreia. Era a luta do corpo e da alma; da vida e da morte, entre o céu e a terra, entre as melodias de Ariel e o fel de Caliban perdido no sonho das noites de verão de Shakspeare, segundo elle mesmo affirmava (59), e como a crença tem suas inspirações sublimes, acreditava que tambem havia na descrença o seu quê de poetico. « E o scepticismo, perguntava elle, não tem a sua poesia? O que é a poesia? Não é por ventura essa commoção intima de nossa alma com tudo que nos move as fibras mais intimas, com tudo o que é bello e doloroso?... A poesia será só a luz da manhã seintillando na arêa, no orvalho, nas aguas, nas flores, levantando-se virgem sobre um leito de nuvens de amor e de esperança? Olha o rosto pallido d'aquelle que viu, como a Niobe, morrerem uma por uma, feridas pela mão fatal que escreveu a sina do homem, suas esperanças nutridas da alma e do coração — e dize-me se no riso amargo d'aquelle descrito, se na ironia que lhe cresta os beiços, não ha poesia como na cabeça convulsa do Laocoonte.

As dôres de espirito confrangem tanto um semblante como as da carne. Assim como se cobre de capellas de flores a cruz de uma cova abandonada, porque não derramar os goivos da morte no cemiterio das illusões da vida? A natureza é um concerto, cuja harmonia só Deus entende, porque só elle ouve a musica que todos os peitos exhalam. Só elle combina o canto do corvo e o trinar do pintasilgo; as nenias do rouxinol e o miar da fera nocturna; o canto do amor da virgem na noite do noivado e o canto de morte que na casa junta arqueja na garganta do moribundo (60). »

No delirio da sua descrença podia dizer que cantava n'uma vibração nervosa, com o sangue a galopar-lhe febril pelas veas, com a mente ebria de seu sonho ou de seu pezadello. Se as fibras da harpa desafinavam, se a mão rispida as estalava, é que pensava nos versos quando pensava na poesia e cria que a estancia era uma roupa como outra qualquer, segundo o pensamento de George Sand, a qual tem a arte por um manto para as bellezas núas. Em sua opinião mais valia deixar uma estatua despida do que pespontar-lhe de ouro uma tunica de velludo para embuçar um manequim. Pensava que a musica do verso era o acompanhamento da harmonia das idéas, e amava cem vezes mais a sublimidade de Dante com a sua versificação dura, os rasgos de Shakspeare com os seus versos asperos, do que os alexandrinos feitos a compasso de Sainte-Beuve ou Turquety (61).



Estas idéas eram porém combattidas por elle mesmo quando as condemnava n'um dos poetas de sua maior predilecção como Alfredo de Musset. Confessa o jovem poeta que no materialismo bruto não podia haver poesia, pois era como o ferro em braza sobre o qual em vão se derramam orvalhos de aromas, por isso que o calor os expellia e que era esse de essencia prosaico (62).

Rindo e chorando ao mesmo tempo, tanto cria como descreia. Esse dualismo de sua natureza não é inexplicavel. É o incanto do contraste de um genio humoristico e da sombria incerteza de um descrente que busca nas trevas a luz e nos abysmos o céu. O espirito de Henrique Heine reanimou-se no corpo cadaverisado para amaldiçoar o atheismo, mas o poeta teve ainda no seio do arrependimento o riso cynico do sceptico. Em Alvares de Azevedo esse dualismo é distincto, não se confunde sob as formas apparentes de um e outro, da crença eivada da descrença, como no ferro em braza se mostram intimamente identificados o fogo e o metal pela mais perfeita das uniões. Nas loucas visões do jovem poeta a sua duvida, o seu scepticismo nos arrastam até as bordas do abysmo do nada, mas de repente elle abre as suas azas de ouro e voa para o céu deixando o leitor cheio de assombro.

Aquelle rir jovial de sua musa, aquella tom humoristico de seus versos embebidos de certa melancolia, fundidos na mais delicada gradação do estylo, eram mais de sua indole do que as reticencias e incertezas

de sua crença, e com tudo Alvares de Azevedo pensava que o seu riso humorístico e seu estylo faceto eram devidos a um estudo forçado para lhe cubrir de flores o abysmo que o scepticismo abrira a seus pés, fruto do combate da crença e da descrença que se dava em sua alma. Elle mesmo dizia que a vida tem o quer que seja de séria, e a morte um não-sei quê de horrorosa quando se pensam n'ellas, e que o melhor era não tomal-as pelo lado serio e sim pelo lado ridiculo e gracioso.

A semelhança de Goethe, que se moldava no *Fausto*; a exemplo de Rafael, que se retratava em seus painéis; Alvares de Azevedo não sómente se photographa em muitas de suas poesias ainda mesmo subjectivas ou objectivas, como põe em relevo muitas pessoas de seu tempo e os costumes e usos de sua cidade natal. Através dos nomes e dos trajos estrangeiros distinguem-se as personagens do seu interminavel drama-romance *Macario*, e o logar da acção revela-se pela sua côr local. A narração exagerada, ora horrivel, ora inverosimil, cynica, asquerosa até chegar a ser repugnante, faz perder o norte e desvaira e desconcerta a quem procura collocar as personagens em seus devidos logares. Como o gallo de Esopo, o leitor encontra as perolas da poesia no esterquilinio da linguagem do cynismo de estudantes transviados e mulheres perdidas, entregues ao gozo da vida material no maior descalabro da indecencia.

A litteratura com suas esperanças, seus triumphos



e suas glórias tem também seus dias amargos de descrença e incerteza. O que antes era grande e sublime aos olhos de nossa alma, se nos afigura depois pequeno e commum; a admiração troca-se em puro desanimo pela indiferença, e o scepticismo litterario varre de nossa imaginação todas as idéas de gloria e de triumpho, e nos conduz á questão de tempo mais ou menos remota, de que tanto se arreceiava Bellini apesar das esplendidas victorias de seu genio — o eterno esquecimento, involto muitas vezes com a ingratição!

Assim umas vezes alentavam-o doces esperanças; a patria magestosa e radiante, cheia de porvir, lhe vinha trazer inspirações. Sentia-se filho de uma nação nova, cheia de sangue, mocidade e verdor. Lembrava-se de seus arvoredos gigantescos, seus Oceanos escumosos, seus rios pelagicos, suas cataratas, que tudo enfim era grande e sublime; que nas ventanias do sertão, nas trovoadas do sul, no sussurro das florestas á noite, escutava os preludios d'aquella musa gigante da terra que entoia á manhã a epopéa do homem e de Deus, que a sua nação infante, embalando-se nos hymnos da industria europeá, como Jupiter nas cavernas do Ida, no alarido dos Corybantes, tinha adiante de si um futuro immenso (63).

Outras vezes descreia de tudo isto e zombava da poesia americana; ria-se de nossos poetas, e achava que a poesia em sua maior decadencia exhalava o adeus do moribundo. « Não sabem o que dizem estes homens, escre-

via elle, que para se apaixonarem pelo canto esperam que a hosanna de gloria tenha saudado o cantor. São estereis em si como a parasita. Musicos — nunca serão Beethoven nem Mozart. Escriptores — todas as suas garatujas não valerão um terceto do Dante. Pintores — nunca farão viver na tela uma encarnação de Rubens ou erguer-se no fresco um fantasma de Miguel Angelo. É a miseria das miserias! Como uma esposa árida tressua e esforçam-se debalde para conceber. Todos os dias acordam de um sonho mentiroso em que creem sentir o estremecer do feto nas entranhas reanimadas.

« Fallam nos gemidos da noite no sertão, nas tradições das raças perdidas da floresta, nas tormentas das serranias, como se lá tivessem dormido ao menos uma noite, como se acordassem procurando tumulos, e perguntando, como Hamleto no cemiterio, a cada caveira do deserto o seu passado.

« Mentira! tudo isso lhes veio á mente lendo as paginas de algum viajante que esqueceu-se talvez de contar que nos mangues e nas aguas do Amazonas e do Orenoco ha mais mosquitos e serões do que inspiração; que na floresta ha insectos repulsivos, reptis immundos; que a pelle furta-côr do tigre não tem o perfume das flores, que tudo isto é sublime nos livros, mas é soberanamente desagradavel na realidade. »

Ha ainda outras contradicções singulares de seu juizo critico. Assim para lamentar não só que condemnasse a nacionalidade de nossa litteratura sob vistas interes-



seiras e mesquinhas (65), quando prevendo os obstaculos que se oppunham ao seu desenvolvimento e progresso havia saudado as tentativas esplendidas dos seus e nossos illustres contemporaneos (66). Como tambem que achasse digno de louvor o que depois achou da mais severa critica, qual se infere de seus julgamentos a respeito do merito das traducções que Alfredo de Vigny fez de Shakspeare (67).

O que ha de melhor de Alvares de Azevedo é o que elle nos legou sob o titulo de *Lyra dos vinte annos*, e era tambem de essas obras a unica que elle se propoz a publicar.

Esta interessante collecção de poesias lyricas divide-se em tres partes. A primeira parte contém as poesias de sua infancia, as quaes são borboletas de ouro que adejam sobre flores esplendidas. O poeta canta o amor e a amizade tendo sempre ante os olhos o fatal espectro de seu presentimento. Na segunda quiz o poeta dar expansão a sua alma, que cansada de arrojados vôos desce á terra para descansar e folgar e canta em tom humoristico. A terceira, é uma mistura de composições no genero da primeira e segunda, e que melhor seria que se distribuisssem por estas. Os *Bohemios*, que vem na segunda parte, figuram como acto de uma comedia não escripta, que o autor faz passar na Italia, de pouca importancia e que mal se póde julgar pela sua imperfeição. O prologo, que acha-se no fim, deveria ser antes epilogo e talvez seja isso erro de copia.

Tudo o mais quanto elle escreveu são ensaios de uma intelligencia robusta mas ainda não amadurecida pelos annos, pelo estudo e pela reflexão. Nem foi o talento que n'elle madrugou (68) mas a imaginação, sempre mais precoce do que aquelle. E quem sabe se elle não condemnaria a seus actos de fé ou se não sujeitaria a novas combinações e emendas muitas cousas que os seus admiradores conservaram e que fôrão adduzindo às suas obras pela avidez com que eram procuradas? Tudo quanto elle produziu era como o relampago que annuncia uma tempestade longinqua sob os horizontes. « É apenas, dizia elle, com o tudo o que até hoje tenho esboçado, como um romance que escrevi n'uma noite de insomnia, como um poema que scismei n'uma semana de febre — uma aberração de principios de sciencia, uma excepção as minhas regras mais intimas e systematicas (69). » Assim dizia elle, as suas composições eram como esses filhos pallidos que se apoderam do craneo e inspiram a *Tempestade* a Shakspeare, *Beppo* e o IX canto de *D. Juan* a Byron; que fazem escrever *Anunziata* e o conto de *Antonia* a quem é Hoffmann, ou *Fantasio* ao poeta de Namouna (70).

Essas regras intimas e systematicas, a que o poeta diz ter se conscripto, acham-se expostas no prologo de seus *Estudos dramaticos* nos quaes bem deixa ver o gosto que o arrastava para o theatro, o qual elle desejava que se elevasse a altura conveniente e digna da nossa sociedade e que entretanto ahi decahe todos os



dias, destronando a escola romantica a classica para morrer ás mãos da realista, a qual por fim degenera na rudez de sua simplicidade elevada á exageração (71). « Criei para mim, escrevia elle, algumas idéas théoricas sobre o drama. Algum dia se houver tempo e vagar, talvez as escreva e dê a lume. O meu prototypo seria alguma cousa entre o theatro inglez, o theatro hespanhol, e o theatro grego, — a força das paixões ardentes de Shakspeare, de Marlowe e Otway, a imaginação de Calderon de la Barca e Lope de Vega e a simplicidade de Eschylo e Euripides; — alguma cousa como Gœthe sonhou, e cujos elementos eu iria estudar n'uma parte dos dramas d'elle, — em Gœtz de Berlichingen, Clavijo, Egmont, no episodio da Margarida de Fausto, — e a outra na simplicidade attica de sua Iphigenia. Estudal-o-ia talvez em Schiller, nos dous dramas de *Wallenstein*, nos *Salteadores*, no *D. Carlos*; estudal-o-ia ainda na *Noiva de Messina* com seus côros, com sua tendencia á regularidade (72). »

O jovem poeta que via tudo com olhos de aguia, sem ser ainda firmado o seu gôsto, queria o drama com todo o seu apparatus romantico, com todas as suas peripecias melodramaticas, tendo o palco convertido em lago de sangue, e as scenas de terror elevadas das raias do possivel, já por si repugnantes, ao infinito da exageração. « A vida e só a vida! exclamava elle, e juntava : mas a vida tumultuosa, fervida, anhelante ás vezes sangrenta — eis o drama. Se eu escrevesse, se minha penna se

desvairasse na paixão, eu a deixaria correr assim : Iago enganaria o Mouro, trahiria Cassio, perderia Desdêmona e desfructaria a bolsa de Rodrigo. Cassio seria apunhalado na scena. Othello suffocaria sua Veneziana com o travesseiro, escondel-a-ia com o cortinado quando entrasse Emilia, chamaria sua esposa — a whore — e gabar-se-ia de seu feito. O *honest, most honest Iago* viria ver a sua victima; Emilia, soluçando, a mostraria ao demonio; o Africano delirante, doido de amor, doido de a ter morto, morreria beijando os labios pallidos da Veneziana. Hamleto no cemiterio conversaria com os coveiros, ergueria do chão a caveira de Yorick o truão; Ophelia corôada de flores cantaria insana as balatas obscenas do povo; Laerts apertaria nos braços o cadaver da pobre louca. Orlando no *What you will* penduraria suas rimas de Rosalinda nos arvoredos dos Cevennes. Isto seria tudo assim (73).

« Se eu imaginasse Othello, continua elle, seria com todo o seu esgar, seu desvario selvagem, com aquella fôrma irregular que revela a paixão do sangue. É que as nodoas de sangue quando cahem no chão não tem fôrma geometrica. As agonias da paixão, do desespero e do ciume ardente quando côam n'um sangue tropical não se derretem em alexandrinos, não se modulam nas fallas banaes d'essa poesia de convenção que se chama — conveniencias dramaticas (74). »

O poeta bem sentiu a enormidade de sua concepção quando lhe tomou o pezo, e por isso accrescentava :



« É uma grande idéa que talvez nunca realise. É difficil encerrar a torrente de fogo dos anjos decahidos de Milton ou o pantano de sangue e lagrimas de Alighieri dentro do pentametro de marmore da tragedia antiga (75). » Previu Alvares de Azevedo o que aconteceu mais tarde. A *Noite na taberna*, é um drama-romance, notavel pela originalidade de suas extravagantes scenas, uma sequencia de narrações monstruosas em que Solfieri, Berthram, Gennaro, Claudio, Hermann e Johann, libertinos que se apaixonavam por mulheres perdidas e que nas aras das orgias, entre as bofaradas do fumo fetido de seus cachimbos batem com suas taças nas taças d'ellas, contam, cada qual por sua vez, suas historias romanticas.

N'essas scenas informes amontoam-se as inverosimilhanças ; succedêm-se os duellos fraticidas ás traições conjugaes ; encadeam-se ás perdições das virgens os raptos de mulheres castas por meio de philtros, que promovem longas anesthesias ; e no meio d'esse chaos impera a antropophagia sobre as ondas do mar, em que os corvos marinos disputam a ração de carne humana, e os amores candidos e puros são os gozos malditos de Satan e Eloa, tendo por thalamo o Oceano e as vagas por sedas que lhes alcatifam o leito ; mas o autor seduz com o brillantismo do estylo e arreбата com as palavras de fogo, adornando esses quadros dos delirios de sua imaginação com os arabescos da poesia dantesca e shakspereana.

O seu Poema *do Frade* é um delirio poetico, com um titulo incomprehensivel, imitação de *Don Juan* de Byron, sonho de uma noite de insomnia, motivada pelo *spleen*, devido as convulsões da ironia e no qual figuram trechos lindissimos (76).

N'estas e outras composições inexplicaveis lampejam, brilham em borbotões as imagens. Seu genio ardente como o cavallo do gaúcho, com as narinas em fogo, já não corre, devora o espaço, atira-se atravez dos precipicios, salva-os e respirando ao longe não pára ; prosegue na sua vertiginosa carreira e perde-se nas campinas batidas pelo pampeiro. Não sabe conter-se e no meio do seu entusiasmo, que derroga todas as regras anteriormente creadas, derrama ás mãos cheias a erudição em suas produções, nem sempre appropriada e muitas vezes pezada pelo acervo de citações. Este defeito requinta-o elle quando a empresta ás personagens de seus poemas e ainda mais de seus informes dramas (77).

Nas obras em prosa deu o autor mais expansão a seu genio ensaiando-se em varios generos da litteratura, denunciando a queda que tinha para a critica litteraria, como nos seus trabalhos sobre o *Jacques Rolla* de Alfredo de Musset, o *Aldo* de George Sand, a *Pharsalia* de Lucano e a *Litteratura e civilisações* em Portugal.

Em politica são as suas idéas as de um livre pensador. Sem compromissos com os partidos mesquinhos se debatendo no meio da grandeza material da patria, quando todos os esforços reunidos seriam poucos para



aproveital-a a bem de sua prosperidade, expunha a sua opinião sem reboço, referindo-se a todos os governos de todos os credos do imperio (78).

Sem ser o chefe de uma escola nova, Alvares de Azevedo teve e ainda tem imitadores, e como sempre acontece, seus discipulos ou antes, para melhor qualificar os, seguidores de sua escola, copiaram as cores mais exageradas de seus painéis, reproduziram os seus defeitos sem que pudessem imital-o nos toques magistraes de suas bellezas e atrevimentos. A sobreviver bem poderia repetir a seu respeito o que dice relativamente aos grandes genios caricaturados pelos servis imitadores. « Goethe ponderava elle, lamentara-se de seus imitadores; criticara acerbo o sentimentalismo falso que o seu *Werther* fizera brotar nos romances, e o desregrado do drama que seu desordenado, mas bello, Gøtz de Berlichingen fizera bem querer. Chateaubriand queixava-se do bronco da expressã, do exagerado de idéas, que sua reacção romantica acordara nas escolas do bello horrivel que excederam todo o medonho da ronda de horrores e lascivias de Lewis e das mortualhas dramaticas de Mathurin. É que os discipulos na fascinação da apothese que erguem ao genio, no tresladar, no arremedo de suas bellezas, imitam-lhe tamhem, e mais que o resto, os defeitos, porque foi no embellezal-os, em escondel-os sob flores, que os mestres envidaram suas forças (79). »

Tem defeitos e não poucos o talentoso poeta; deve-

se-lhe porém levar em linha de conta que não foi elle quem publicou, nem quem reviu as suas obras. Bebendo as suas inspirações a largos trajos, produziu muito e promettia ainda mais, senão muitissimo. A sua fecundidade não havia ainda ganhado o seu vigor e madureza e os frutos resentem-se ainda da sua prematuridade. Bem que haja em seus poemas trechos lindissimos de um colorido inimitavel, que deixam a alma docemente impressionada (80), e outros que destacados constituíram por si só um poema, como dizia Boileau dos sonetos bem acabados (81), pecca com tudo pela extensão que dá a seus escriptos, estendendo-se sobre os mais frivolos assumptos (82), com a pasmosa facilidade.

Nem sempre é original. Conhece-se nos seus mais arrojados vãos a influencia da linguagem e do estylo de Gonçalves Dias (83). Distingue-se na maior parte de suas composições o poeta eminentemente erudito. Deparam-se com imitações que offerecem remotas reminiscencias já de lord Byron (84), já de Heine (85), já de Musset (86).

Apoiado ao começar a sua carreira nas imitações, tinha que deixar na longa marcha que promettia, os exemplos favoritos para perder-se em novos caminhos inteiramente desconhecidos e os indícios d'essas esperanças era esse colorido com que sabia renovar as cores desbotadas dos velhos quadros (87), como se Carlos do Nascimento lhe tivesse ensinado o segredo de sua arte (88).



O seu estylo é florido e corrente. Conhece-se a facilidade que tem em escrever e que a sua penna mal pôde seguir a impetuosa torrente das palavras que lhe dicta o pensamento. Quando porém a affectação lhe retém a inspiração natural e lhe empola o estylo e lhe encarece a dicção, tirando toda pureza a sua linguagem (89), tudo se transforma e so resta o autor artificial (90), com toda a sua ostensiva erudição, defeito que seria desculpavel na sua idade se isso mesmo não fora ridiculo.

Quando o poeta entrega-se insensivelmente a sua inspiração apresenta imagens riquissimas, dignos ornatos de seu bello estylo (91), engenhosas metaphoras (92), bonitas repetições (93), das quaes abusa contudo não poucas vezes, ora manejando-as com graça e delicadeza (94), ora as empregando viciosamente como um echo incommodo (95). Pecca todavia sempre que as suas imagens tem por assumpto a mistura do sagrado com o profano (96), ou são systematicamente empregadas com o fim de ridicularisar o que é por sua natureza serio, e que pelo lado da religião e da sociedade e suas tradições torna-se digno de acatamento e respeito, senão intima ao menos apparentemente (97).

Este defeito não pára aqui; redunda em antitheses que se fazem notaveis pela inconveniencia do sublime anteposto ao sublime. Esvoaçando entre as estrellas, fecha o poeta as azas e deixa-se cahir sobre o lodo dos paues. Que aberração de tam esplendido talento! Suas tendencias são sempre para a lascivia; licencioso não

toca, recuando, excede as raías da libertinagem e vae até a impropriedade (98).

A sua metificação é boa, mas não isempta de defeitos. A mistura dos versos agudos e graves dá-se ainda nas estrophes regulares, pelo deleixo com que rima (99). É sempre variado o metro, sem que contudo o leve ao extremo de usar dos chamados alexandrinos, os quaes privados das suas iniciaes, como hoje os escrevem os sectarios da orthographia hespanhola, reduzem-se á proza mal estampada (100).

Não raras vezes erra na afinação dos versos pelo excesso (101) ou falta (102) do numero de syllabas, quando não se soccorre dos diminutivos para acabal-os de encher (103). Muitos d'entre elles se resentem do prosaismo, e outros da inobservancia das regras do rhythmo adoptado, pois deixa de attender a exactidão dos accentos ou pausas (104). Usa abusivamente da syncope (105), mas apesar de escrever tanto, e de limar tam pouco (106), la uma ou outra vez cae na homonymia das syllabas e das desinencias e no abuso do emprego de vogaes muito abertas e sonoras (107); e la uma ou outra vez se lhe depara com a concurrencia de sons que se tornam cacophonicos (108) ou que degeneram em puro *calemburg* (109).

Quando se submette ao jugo da rima, suas estrophes são sempre symetricas (110). Nos versos soltes porém as estrophes são quasi sempre irregulares e compõe-se de versos inteiros e quebrados. A sua rima é pobre e



na falta de consoantes converte as palavras em diminutivos para facilitar a sua composição (111), e vae até ao extremo de rimar diminutivos com diminutivos (112). O seu ouvido acostumado a rima chega ao abuso de introduzil-a insensivelmente nos periodos em prosa (113) e as vezes inconvenientemente (114). Descuida-se e deixa que toantes fortes se façam ouvir pelos hemistichios de seus versos (115).

Sua perda prematura foi immensa para nós, e uma d'aquellas, segundo a opinião de um joven tam talentoso e infeliz como elle, que se devem deplorar como um funesto acontecimento para a situação e progresso das letras. « Era um talento innovador, ajunta elle, que não limitaria a sua ambição a percorrer as veredas conhecidas, que alcançaria novos horizontes, impellido pelo fogo da sua inspiração e tambem pela madureza de seus estudos. Ha vocações que produzem os prodigios das sibyllas antigas. Prophetisam involuntariamente sobre a tripode e deixam-se arrastar pelo enthusiasmo das suas proprias palavras. O jovem poeta não cantava sómente para que as turbas se deixassem commover pela harmonia de seus cantos : cantava porque lhe ardia no peito um fogo devorador, porque sua alma ebria e palpitante lhe accendia a imaginação, e como lhe intimava que traduzisse aos outros a magia dos seus sonhos, o fervor dos seus desejos, o esplendido irradiar de sua esperança (116). »

Dorme poeta ! Ainda no teu leito de marmore ciciam

as brizas da solidão dos cemiterios os seus hymnos matinaes. Os primeiros raios do sol que nasce douram-te a campa; a lua o argentea com a sua luz vaporosa, e a multidão que passa pronuncia o teu nome. Diz a lenda que Deus ama os poetas que fenecem na juventude; tambem os povos choram os bardos que morrem precedendo a noite da existencia; e os que ainda hoje murmuram os teus versos, convertem o teu sepulchro em aras da sua idolatria, e sobre ellas esfolham as flores da saudade.



#### IV

### NOTAS

---

(1) A primeira edição em dous volumes in-8º gr., appareceu em 1853-55 e para logo esgotou-se, tendo por prologo estas *Duas palavras* do Sr. Dr. D. JACY MONTEIRO :

« Abi damos á luz uma colleccão de poesias do finado bacharel em letras M. A. A. de Azevedo.

« O autor havia colleccionado em um quaderno uma porção de poesias que pretendêra dar a publico em S. Paulo ; muitas outras depois dessa tentativa colleccionou elle em varios quadernos, tendo ajuntado mesmo algumas ao primeiro, parecendo assim indicar que, quando posteriormente desse aos prêlos a sua — *Lyra dos vinte annos*, — nella incluiria todas ou quasi todas. Não podendo porém nós publical-as todas em um volume, entendemos dever preferir sómente o que já tinha elle colligido para a publicação projectada, junc-

tando-lhe a segunda parte existente com aquelle titulo, e mais algumas poesias sob a denominação — *Diversas*, — fazendo-as preceder por algumas cartas do auctor, e por um discurso biographico, e acompanhando tudo de algumas notas.

« A este volume seguirá outro contendo uma collecção de escriptos em prosa; no fim do qual daremos varios discursos e poesias que apparecêrão por occasião da sua morte.

Restarão pois muitas outras composições: farão parte de outra collecção que talvez possa ser dada a lume, depois da publicação dos dous volumes a que nos propuzemos.

« Crêmos fazer com isto um serviço á patria, que carece e muito de taes obras, que devem ser mostra de seu progresso e cimentos de sua civilisação, conservando a memoria de um talento que tão util lhe poderia ser. »

« Cedida a propriedade ao editor B. L. Garnier, completaram-se em 1861 e em tres volumes, igualmente in-8º gr., a publicação das obras do autor, sendo em 1862 publicada novamente in-18º, tendo ambas as edições o seguinte prologo:

« A primeira edição das obras do jovem poeta, tão cedo roubado á litteratura e á patria, achava-se esgotada. Na livrarias não se encontrava um só exemplar para satisfazer a soffreguidão dos apreciadores d'esse tão bello e precoce talento, e alguém que ainda na sua estante conservava algum exemplar, guardava-o, como uma reliquia, como o avarento guarda o ouro, de medo que não n'o roubem.

« Em vista, pois, da necessidade que havia, emprehendemos esta segunda edição, augmentando-a com as poesias, ainda não publicadas, do jovem Alvares de Azevedo, e que por si sós formão mais um bello volume.



« Offerecemo-la ao publico illustrado e apreciador das let-  
tras patrias ; é um presente de festas que lhe fazemos, é uma  
grinalda de rosas de perfumado aroma, que collocamos na  
fronte pura do porvir da patria. »

(2) *Introducção*, que figurava no terceiro volume das edi-  
ções anteriores.

(3) Este artigo, escripto no Rio de Janeiro em 10 de Janeiro  
de 1861, foi publicado n'uma folha diaria e n'elle tratou o  
seu autor dos poetas ALVARES DE AZEVEDO E CASIMIR DE ABREU  
sob o titulo *Dous genios e um só destino*.

(4) *Memorias de litteratura contemporanea. Perfis lit-  
terarios em 1855*, art. iv, *Alvares de Azevedo*, p. 518.

(5) *Jornal do Commercio*, n. 237 de 27 de Agosto de 1861.

(6) *Le Brésil littéraire*, chap. xvi, p. 212 e seg.

(7) *Diccionario bibliographico portuguez*, t. V, p. 357.

(8) *Curso elementar de litteratura nacional*, p. 560.

(9) Artigo publicado no *Diario do Rio de Janeiro* de 20 de  
Janeiro de 1868, acompanhando uma poesia do Sr. Joaquim  
Ignacio Alvares de Azevedo, irmão do illustro poeta. Compa-  
rando estes dous poetas, diz o Sr. A. C. Zaluar : « Como  
cultor das musas, o mancebo de que tratamos agora não é  
um espirito agitado pelas emoções violentas, que formavam  
o caracter e constituíam a individualidade de seu irmão.  
Entre elles ha uma grande distancia. O primeiro era o poeta  
da imaginação e da philosophia, e este é o dos affectos. Um  
descrevia o que sonhava, as creações vertiginosas de seu espi-  
rito arrebatado, nas horas da vigilia, da febre, do somnambu-  
lismo sublime, que o accomettia com um accesso irresistivel

e o tornava vidente e propheta; o outro pinta o que sente, não na cabeça, mas no coração.

(10) « Votre petit Manuel, escrevia Stoll ao Sr. B. Ignacio Manuel Alvares de Azevedo, m'enchante toujours davantage ; c'est bien l'enfant de la plus belle espérance de mon collège, excepté pour la gymnastique, où il est le dernier. »

(11) Em Outubro de 1840 escrevia o infatigavel preceptor : « Votre fils est toujours le meilleur de mes élèves pour l'esprit, l'intelligence, l'aimable gaieté, et surtout pour le cœur... Plus j'analyse cet enfant, plus j'ai lieu de vous féliciter d'avoir un tel fils. Dieu lui prête vie et santé et vous verrez qu'il deviendra quelque chose de bon et de très-bon. »

(12) Em Maio de 1841 repetia o Sr. Stoll : « J'ai reçu la visite de M. Guimarães (Dr. Francisco José Pinheiro Guimarães) qui, étonné des progrès de votre petit Manuel veut me confier ses deux fils. Vraiment *Maneco* est mon recruteur. Plus de quarante personnes viennent me féliciter d'avoir fait merveilles avec lui. J'ai entendu un de vos élèves, me dit-on; mais c'est vraiment admirable comme il parle français, anglais, déclame, sait l'histoire et la géographie. »

(13) Eis aqui as suas palavras : « Vraiment il n'a pas perdu son temps cette année et s'il continue ainsi, cela deviendra un Brésilien qui pourra se mesurer avec les premières capacités européennes. »

(14) Dizia assim escrevendo a seu pai em Abril de 1841 : « Notre petit héros fait toujours ma gloire et mon bonheur. Il réunit, ce qui est bien rare, la plus grande innocence de mœurs à la plus vaste capacité intellectuelle que j'aie rencontrée en Amérique dans un enfant de son âge. Rien n'est plus



charmant pour moi que de le voir, après avoir surpassé tous les grands dans les leçons, s'occuper dans ses jeux à planter des fleurs sans racine pour faire un petit jardin d'un quart d'heure de durée ou bien à bâtir une petite maison que le vent emporte. »

(15) Em *Macario* põe elle na bocca de Satan a descripção da cidade de S. Paulo; pelo menos é o que se infere de suas palavras que são as seguintes :

MACARIO. Esta cidade deveria ter o teu nome.

SATAN. Tem o de um santo : é quasi o mesmo. Não é o habito que faz o monge. De mais esta terra é devassa como uma cidade; insipida como uma villa e pobre como uma aldêa. Se não estás reduzido a dar-te ao pagode, a suicidar-te de spleen ou allumiar-te a rôlo, não entres-la. É a monotonia do tédio. Até as calçadas.....

MACARIO. Que tem ?

SATAN. São intransitaveis. Parecem encastoadas as taes pedras. As calçadas do inferno são mil vezes melhores. Mas o peor da historia é que as beatas e os conegos cada vez que sahem, a cada topada, blasphemam tanto com o rosario na mão que já estou enjoado. Admiras-te? Porque abres a bocca espantada? Antigamente o diabo corria atraz dos homens, hoje são elles que rezam pelo diabo. Accredito que faço um favor muito grande em preferir-te á moça de um frade que me trocaria pelo seu Menino Jesus e a um cento de padres que dariam a alma, que já não tem por uma candidatura?

E mais adiante :

SATAN. A cidade collocada na montanha, involta de varzeas relvosas tem ladeiras ingremes e ruas pessimas. É raro o minuto em que não se esbarra a gente com um burro ou com

um padre. Um medico, que alli viveu e morreu, deixou escripto n'uma obra inedita, que para sua desgraça o mundo não ha de ler, que a virgindade era uma illusão. E com tudo não ha em parte alguma mulheres que tenham sido mais vezes virgens que alli.

MACARIO. Tem-se me contado muito bonitas historias. Dizem na minha terra que ali á noite as moças procuram os mancebos, que lhes batem á porta e na rua os puxam pelo capote. Deve ser delicioso ! etc.

E ainda mais :

MACARIO. Que ruínas são estas ? É uma igreja esquecida ? A lua se levanta ao longe nas montanhas. Sua luz horizontal banha o valle e branqueia os pardieiros escuros do convento. Não mora alli ninguem ? Eu tenha desejo de correr aquella solidão.

SATAN. « É uma propensão singular a do homem pelas ruínas. Devia ser um frade bem sombrio, ebrio de sua crença profunda o Jesuita que ali lançou nas montanhas a semente d'essa cidade. Seria o acaso quem lhe poz no caminho, á entrada mesma, um cemiterio á esquerda e umas ruínas á direita ? etc.

Veja-se na obra citada o mais que lá está e que não julgo necessario trasladar para aqui.

(16) *Carta escripta á sua irmã e datada de S. Paulo a 12 de Agosto de 1851.*

(17) *Lyra dos vinte annos*, p. 1, *Na minha terra*, p. 2, quando diz :

Não é mais bella não a argênta praia,  
Que beija o mar do sul,  
Onde eterno, etc.



(18) Discurso recitado na Sessão academica de 11 de Agosto de 1849.

(19) O Sr. Dr. J. M. DE MACEDO, no seu *Discurso necrológico*, recitado a beira do tumulo.

(20) O Sr. Dr. J. J. TEIXEIRA, *idem*.

(21) *Macario*, segundo episodio.

(22) Torquato Tasso lastimava-se não poder escrever as epopeas que traçára na mente. Mais felizes do que elle fôram a esse respeito Calderon de la Barca e Lope de Vega Carpio, que viveram quasi pelo mesmo tempo e morreram com a mesma idade, isto é, 75 annos. Dizem que o primeiro compoz 1500 peças dramaticas e o segundo 1800. Calcula-se que este imprimiu, 21,300,000 versos e que escrevia, termo medio 300 linhas de verso ou prosa por dia! Os portuguezes oppõe a essa fecundidade hespanhola a fecundidade portugueza representada na pessoa de Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, contemporaneo de Calderon, que produziu 35 discursos panegyricos, 60 ditos em latim, 32 orações funebres, 48 poemas epicos, 132 elegias, 115 epitaphios, 212 epistolas dedicatorias, 700 cartas familiares, 2,600 poemas heroicos, 110 odes, 3,000 epigrammas, 4 comedias latinas e 1 satyra em hespanhol. O padre José Agostinho de Macedo não se mostrou indigno do appellido do fecundo autor, e o Sr. Dr. J. M. de Macedo ahi vae pelo mesmo caminho!.....

(23) Vê-se de suas cartas o quanto trabalhou em todo esse anno de 1848.

Em 20 de Julho communicava que estava fazendo uma imitação do 5º acto do *Othello* de Shakspeare.

Em 23 de Agosto ja tinha escripto cerca de 200 paginas de

seu Conde Lopo, mas havia um mez, que o deixara de parte. Remetteu a um de seus amigos os versos de um dos entre actos. São o fragmento do canto.— *Em cordas de bronze* — e o que resta dessa producção dramatica.

Em 27 do mesmo mez achava-se traduzindo a *Parisina* uma das obras mais immoraes de lord Byron, compoz alguns versos no gosto das poesias eroticas de Augusto de Queiroga, que alli as deixára quando cursou a faculdade juridica.

Em 4 de Setembro tinha concluido a traducção do 5º acto do *Othello*, feita directamente do original, dizia elle, porque quando se podia ir a fonte não se bebia agua no rego das ruas. E concluia assim : « É um poema completo, n'um canto só — embora. »

Remetteu n'essa data a descripção do crepusculo feita por Byron na sua *Parisina*, e é o que resta de toda a traducção, bem como o romance em verso e prosa. « Não o percas, dizia elle, porque este é o borrão e tenho tido preguiça de tirar d'elle copia. » A pressa com que o autor escrevia, mal acompanhando a velocidade de seu pensamento tornava a sua escripta inlegivel e por isso deixaram de se publicar muitas de suas composições; outras perderam-se. O autor compunha com a maior avidez e nem sempre lia o que compunha e queixava-se que era porque a letra lhe sahia tão má que elle a não entendia. — *Carta de 1 Março de 1850.* « Versos, escrevia elle, versos, Luiz ! pedes-me versos meus ! Pudera-t'os eu dar para ler, se aqui estivesses, até enjoar-te ; mas nem eu os leio — truncados em meio, sem fim ás vezes... Acontece ás vezes que depois de lel-os eu os atiro, ás vezes rasgo-os, mas ao menos antes me haviam elles concedido sonhar... » *Carta de 18 de Abril 1849.*



Alguns de seus condiscipulos o viram muitas vezes accender o seu cigarro n'um pedaço de papel que chegava ao candieiro que o allumiava. Infelizmente eram os seus versos que ardiam e assim se consummiam as inspirações de sua musa !

(24) Elle mesmo o asseverava quando dizia na *Lyra dos Vinte annos*, segunda parte :

Junto do leito meus poetas dormem  
O Dante, a Biblia, Shakspeare e Byron  
Na meza confundidos.

*Ideas intimas*, xi.

(25) No *Discurso necrologico* já citado.

(26) A quem dizia « A toi pour la vie (loco e sempre, como era a divisa italiana do Antony de Alexandre Dumas). » *Carta de 4 de sep. de 1848*. « Fui e sou teu amigo. Em quanto aqui dentro do peito bater me quente o coração, teu nome acordará n'elle uma pulsação; em quanto houver vida em minha alma, haverá n'ella uma lembrança tua. Bem vezes t'o hei dito — na hora senão alegre ao menos de esperança t'o disse — agora, na hora senão triste, ao menos na hora da solidão, eu t'o repito. » *C. de 18 de Ab. 1849*. « Fallei-te sempre e sempre com a mão no coração. Se algum dia eu morresse moço ainda, na minha febre de ambiciosas esperanças, se — pobre imaginação de poeta — o gelo da morte me corresse no lavoro do cerebro, ha em algumas das minhas cartas a ti uma historia inteira de dous annos, uma lenda, dolorosa sim, mas verdadeira, muito verdadeira, no seu pungir de ferro, como uma autopsia de soffrimentos. » *C. de 1 Março 1850*. » A belleza do espiritualismo é o amor das almas, — essa afi-

nação que as palpita unisonas par a par ainda na separação, ainda quando os sentidos que nos ligam á materia não taceam mais o objecto que se ama. Adeus. Assim como eu te amo, ama-me. Não esqueças entre as tuas campinas do Rio Grande, ao riso de labios de rosa onde se desvelam perolas, das tuas patricias bellas. » C. 18 Ab. 1849.

(27) Assim devia intitular-se a collecção das poesias d'estes tres amigos, desejo que jamais realisou-se. As de Alvares de Azevedo viram a luz posthumamente. Havendo o autor ao principio chamado-as *Brasileiras*, depois *Folhas seccas da Mocidade de um sonhador* e finalmente *Lyra dos vinte annos de um trovador sem nome*, o qual prevaleceu quanto a primeira parte. O Sr. Dr. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães publicou as suas sob a denominação de *Cantos da Solidão*, que já contam duas edições. Aureliano José Lessa morreu, creio que em 1866, depois de haver-se formado no anno de 1855 sem que até hoje vissem a luz as suas poesias, a não ser uma ou outra em folhas avulsas. No Diario official do Imperio n. 58 de 8 de Fevereiro de 1867 vem uma noticia biographica que a seu respeito publicou o Sr. Dr. Theodomiro A. Pereira. « Como Alfredo de Musset, dice um de seus admiradores, Aureliano Lessa tem passado a sua vida no meio de um mundo gelado e triste. Sua alma ardente e phantastica é para elle um verdadeiro tormento n'esta terra fria onde tudo murcha com a gravidade ridicula dos asnos pelos lameiros.

« Depois de ter advogado algum tempo na Diamantina Aureliano Lessa estabeleceu-se no Serro. Este logar', bem que illustrado, não tem um movimento litterario capaz de instruir a alma dos poetas ; o que fará elle pois? Desgostou da vida, terá arreventado as cordas de sua lyra ou solitario no



meio d'esses ermos, tange-a, preparando assim um bello legado a seu paiz. » Dr. Couto de Magalhães, *Esboço da historia litteraria da Academia de S. Paulo*, cap. VII. p. 308. *Acha-se na Revista da mesma Academia, Journ. scient. jur. e hist.* S. Paulo, 1859.

Sob o titulo de *Lyra dos Vinte annos*, pretendeu o Sr. Dr. Couto de Magalhães publicar as poesias dos poetas que se tem sentado nos bancos da Faculdade juridica de S. Paulo e que não são poucos. » Dei o nome de *Lyra de vinte annos*, escreveu elle na succulenta e noticiosa introdução já acima citada, a esta collecção por duas razões : 1<sup>a</sup> porque só collegi as poesias dos diversos autores que ali figuram durante o seu periodo de estudantes e 2<sup>a</sup> por ser uma recordação historica. Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa pretenderam dar esse nome á uma collecção de poesias que tinham de dar a luz em 1851 ; a morte do primeiro interrompeu o plano; reunindo-as eu n'este livro, assentei dar o nome que elles tinham premeditado como um tributo de saudades a estes bellos genios. » *Idem*, p. 55.

(28) « Homem, escrevia elle, cuja memoria nos é muito saudosa pela perda de um loboizoso erudito e de um sabio linguista. » *Litt. e civ. em Port.*, IV Ind., nota. O harão de Planitz é um trabalhador incansavel ; escreveu muito sobre a historia de todos os povos, e por vezes tive os seus manuscritos em meu poder, confiados por elle para corrigir-lhe alguns descuidos de linguagem. Tado isso desapareceu com a sua morte.

(29) Eis aqui a pintura feita por elle n'esto versos das *Ideas intimas, Lyr. dos vinte annos*. p. 1 :

Vivo fumando,

Minha casa não tem menores nevoas  
Que as deste ceo d'inverno. Solitario  
Passo as noites aqui e os dias longos;  
Dei-me agora ao charuto em corpo e alma;  
Debalde alli n'um canto um beijo implora,  
Como a belleza que o sultão despreza,  
Meu cachimbo allemão abandonado!  
Não passeio a cavallo, e não namoro;  
Odeio o *lansquenet*. . . . .  
. . . . .

Eia, bebamos!

É o sangue do genio, o puro nectar  
Que as almas de poeta divinisa,  
Ó condão, que abre o mundo das magias!  
Vem fogueiro Cognac! É so contigo  
Que sinto me viver. Linda palpito  
Quando os effluvios d'essas gotas aureas  
Filtram no sangue meu correndo a vida,  
Vibram-me os nervos e as arterias queimam,  
Os meus olhos ardentes se escurecem  
E no cerebro passam deliriosos  
Assomos de poesia. . . . .

(30) « Quando não ha o amor ha o vinho; quando não ha  
vinho, ha o fumo; e quando não ha amor, nem vinho, nem  
fumo, ha o spleen. » *Macario, pr. ep.*

(31) Ó santa inspiração! Fada nocturna  
Porque a frente não beijas do poeta?

*Gloria moribunda.*

(32) « No licor com que Musset purpurisa a sua taça,  
sente-se o resaiço dos vinhos queimadores de lord Byron, a



opála dourada do Johannisbergo e o fogo do *gin*, como os perfumes das rosas no falerno romano. » *Alfredo de Musset*.

Em *Macario*, e no *Poema do Frade* são o cognac e o vinho citados como a melhor musa do poeta.

« Cognac! És um bello companheiro de viagem. És silencioso como um vigario em caminho, mas no silencio que inspiras, como nas noites de luar, ergue-se ás vezes um canto mysterioso que enleva!

« Cognac! Não te ama quem não te entende! Não te amam essas bocas feminis acostumadas ao mel enjoado da vida, que não anseiam prazeres desconhecidos, sensações mais fortes! »

*Mac. prim. epis.*

« Quando se tem tres garrafas de Johannisbergo na cabeça, sente-se a gente capaz de escrever um poema. O poeta arabe bem o disse: — o vinho faz do poeta um principe e de um principe um poeta. » *Idem*.

N'essas lividas mãos rompa-se a lyra!  
Além canções cheirosas como o nardo  
Que nos festins da noite o vinho inspira!  
Não vedes que da guerra aos sonhos ardo?  
Não vedes que meu cerebro delira,  
E arqueja em fogo o coração do bardo  
E como um rei trocara o meu laurel,  
Meu reino por um ferro e um corcel?

*Poema do Frade, c. 1, est. 11.*

Ou em quanto o meu calice transberda  
Coralino licor, e um puro havana  
Sonhos da vida no vapor me acorda,  
Venha o rosto gentil da Sevilhana,  
Ou d'harpa aerea tentando a corda. .

Ao luar a lasciva italiana  
Co' as roupas de velludo desatadas  
E a madeixa em torrentas perfumadas ;

Quero a orgia que á noite desvaria  
Quando fresco o luar no céu fluctua,  
E a vaga se pratea de ardentia !  
Perfumes, flores, a vertigem sua  
Vertendo no festim que me inebria !  
Lasciva a dança voluptuosa e nua  
Nas rosas que desfolha trepidando !  
Pagens louros as taças coroados !

*Idem*, c. I, est. VII e VIII.

De mais findou-se do licor meu copo  
E a secco poetar jamais eu topo.

*Idem*, c. II, est. XXVII.

Que amores insensatos ! Que delirios  
Me accenderam as fontes consummadas !  
Era no somno o perfumar dos lyrios,  
Era o vinho das órgias desabridas !  
Era a febre, o tremor, o beijo ardente...  
— Como nas rochas bate o mar fremente !

*Idem*, c. IV, est. III.

(55) Na *Lyra dos vinte annos*, p. I, *Lembrança de morrer*, diz elle :

So levo uma saudade — é dessas sombras  
Que eu sentia velar nas noites minhas ..  
De ti, ó minha mãe, pobre coitada  
Que por minha tristeza te definhas !

(54) HENRIQUE HEINE era um de seus predilectos poetas e



na *Lyrã dos vinte annos, part. III*, figura a traducção de uma de suas poesias *Relogios e beijos*.

Na poesia *Spleen e charutos* vasou Alvares de Azevedo todo o seu bom humor. Como H. HEINE no seu *Livro de Lazaro!* Naquella parte que intitulou *Minha desgraça*, propondo-se a fazer um longo poema, desiste da empresa por não ter um vintem para uma vela! No *Poeta moribundo*, porém brinca com a idea da morte e atavia de risos e flores o seu passamento :

Coração, por que tremes? Vejo a morte,  
Alli vem lazarenta e desdentada...  
Que noiva!... E devo então dormir com ella?...  
Se ella ao menos dormisse mascarada!

Termina assim com esta imitação de HENRIQUE HEINE :

Ora e forcem uma alma como a minha,  
Que no altar sacrifica ao deus Preguiça,  
A cantar ladaïnhã eternamente,  
E por mil annos ajudar a missa!

(55) Os versos que o poeta põe na bocca de Bocage são a verdadeira pintura do amor ideal :

Amalia! Armida! Apparições formosas!  
Eu amei sobre a terra as vossas sombras  
O ideal que vos anima e eu buscava  
Vive apenas no céu! Vou entre os anjos,  
Entre os braços da morte amar com elles!

*Glor. morib., XIII.*

Apesar das suas poesias inspiradas por Venus Vaga o poeta

repete em muitos logares a pureza de seus sentimentos, como n'estes versos :

Se a vida é lyrio que a paixão desfolha  
Meu lyrio virginal eu conservei ;  
Sómente no passado eu tive sonhos  
E outrora nunca amei.

*Pallida imagem, est. viii.*

(36) A seu leito confiava os seus segredos de amor :

Meu pobre leito ! Eu amo-te contudo !  
Aqui levei sonhando noites bellas,  
As longas horas olvidei libando  
Ardentes gotas de licor dourado,  
Esqueci-as no fumo, na leitura  
Das paginas lascivas do romance...

Meu leito juvenil, da minha vida  
É a pagina d'ouro. Em teu estylo  
Eu sonho-me poeta, e sou ditoso,  
E a mente errante devanea em mundos  
Que esmalta a fantasia. Oh quantas vezes  
Do Levante do sol entre Odaliscas  
Momentos não passei que valem vidas !  
Quanta musica ouvi que me encantava !  
Quantas virgens amei ! Que Margaridas,  
Que Elviras saudosas e Clarissas  
Mais tremulo que Fausto eu não beijava,  
Mais feliz que Don Juan e Lovelace  
Não apertei ao peito desmaiado !  
Ó meus sonhos de amor e mocidade,  
Porque ser tam formosos, se devieis .  
Me abandonar tam cedo... e eu acordava  
Arquejando a beijar meu travesseiro.

*Idéas intimas, est. x.*



Tocava Alvares de Azevedo os extremos até no amor e amava physica ou idealmente como sómente sabem fazer os poetas, mas aquelle amor platonico, que precede os castos amores, nunca elle o sentiu, nem jamais o conheceu, não obstante os seus amores serem sempre com donzellas puras e virgens como os anjos.

N'uma das scenas de *Macario* ve-se a pintura d'esse amor :

MACARIO. Amo, amo sim. Passei toda esta noite junto ao seio de uma donzella, pura e virgem como os anjos.

PENSEROSO. Que tens? Cambaleias! Estás ebrio?

MACARIO. Ebrio sim, ebrio de amor, de prazer. Aquella criança innocente embebedou-me de gozo. Que noite! Parece que meu corpo desfallece. E minha alma absorta de ternura só tem um pensamento, morrer.

PENSEROSO. Amar e não querer viver?

MACARIO. Ella é muito bella. Eu vivi mais n'esta noite que no resto de minha vida. Um mundo novo se abriu ante mim. Amei.

Mesmo na idealidade de seus amores transparece por demais o amor physico, como se os sentidos actuassem sobre a voluptuosidade da imaginação.

Como não são bonitas pelo seu colorido melancolico as estancias 15, 16, 17, 18 e 19 da *Virgem morta*, da I p. da *Lyra dos vinte annos*? N'uma dellas diz :

No leito virginal de minha noiva,  
Quero nas sombras do verão da vida  
Prantear os meus unicos amores  
Das minhas noites a visão perdida.

(57) Em *Macario*, n'uma de suas innumeradas scenas, diz elle : « Uma orgia esplendida como n'um romance. Teremos

os vinhos da Hespanha, as pallidas voluptuosas da Italia, e as Americanas morenas, cujos beijos tem o perfume vertiginoso das magnolias e o ardor do sangue meridional »

(38) Apar desses esforços litterarios, nasceu em 1845 uma planta parasita, que legou a S. Paulo tristes recordações; fallo da Sociedade Epicurêa. Composta de um grande numero de moços talentosos, tinha ella por fim realisar os sonhos de Byron. Um dos socios que vive hoje em Minas, narrou-me o seguinte :

« Eram diversos os pontos em que nos reuniamos; ora nos Inglezes, ora n'algum outro arrabalde da cidade. Uma vez estivemos encerrados quinze dias, em companhia de perdidos, commettendo ao clarão de candieiros, por isso que todas as janellas eram perfeitamente fechadas desde que entravamos até sahir, e toda a sorte de desvarios que se póde conceber. »

« Eu tinha tomado nota dos nomes dos fundadores; não n'os encontro agora, e assim não posso apresental-os; se porém apparecerem, irão no fim do volume em forma de appendice.

« Alguns estudantes que se entregaram mais doudamente á estes excessos ou que eram dotados de uma constituição menos robusta, de lá sahiram com molestias de que depois morreram.

« Esta associação teve uma grande influencia na poesia de nossa mocidade; quem ler successivamente os diversos jornaes sente accentos desesperados nos versos que correspondem a essa epocha. Dizem que Alvares de Azevedo na sua *Noite na Taberna* descreveu, em parte, uma d'essas scenas. » *Esboço da hist. litt. da Acad.*; — *Rev. da Acad. de S. Paulo*; — *Jorn. scient. jur. e hist.* p. 264.



(39) *Carta ao Sr. Dr. Luiz Antonio da Silva Nunes de 1 de Março de 1850.* A ultima obra foi escripta tão inlegivelmente que não foi possível publical-a.

(40) *Idem.*

(41) Em todas as suas composições em prosa ou em verso, quer serias, quer humoristicas deixou o autor a idéa que o predominava, o presentimento de sua morte, como se vê nos seguintes extractos :

« Luiz, ha ali não-sei-quê no meu coração que me diz que talvez tudo esteja findo entre nós. — Será uma mentira, uma d'essas gottas de fel que se embebem no cerebro como uma loucura ou um presentimento — negro embora — verdadeiro como o primeiro pio da procellaria aos preludios do vendaval por alto mar? *Carta ao Sr. Dr. L. A. da Silva Nunes de 1 Março 1850.*

« Se algum dia eu morresse moço ainda, na minha febre de ambiciosas esperanças, se — pobre imaginação de poeta — o gelo da morte me corresse no lavoro do cerebro, ha em algumas de minhas cartas a ti uma historia de dous annos. » *Idem.*

Todos aqui me estranham este anno o taciturno da vida e o pezo da distracção que me assombra.—O meu viver solitario, fechado só no meu quarto, o mais das vezes *lendo sem ler*, escrevendo sem ver o que escrevo, scismando sem saber o que scismo — talvez alguma lagrima furtiva rolou pela face de minha mãe... Pobre mãe! — Não é assim, meu Luiz? Pobres (não o cres?) daquellas que vem o filho pender e murchar pallido como os sons da musica sombria que elle só escuta! » *Idem.*

Lá na terra da vida e dos amores  
Eu podia viver inda um momento,  
Adormecer ao sol da primavera  
Sobre o collo das virgens de Sorrento.

*Italia, I est., etc.*

A existencia dolorida  
Cansa em meu peito : eu bem sei  
Que morrerei !  
Contudo da minha vida  
Podia alentar-se a flor  
No meu amor !

Do coração nos resfolhos  
Solta um ai ! N'um teu suspiro  
Eu respiro !  
Mas fita ao menos teus olhos  
Sobre os meus ; eu quero os ver  
Para morrer !

*O pãst. mor., est. I e II.*

Deixae que eu morra só ! Em quanto o fogo  
Da ultima febre dentro em mim vacilla,  
Não venham illusões chamar-me a vida  
De saudades banhar a hora tranquilla.  
Meu Deus que eu morra em paz ! Não me coroem  
De flores infecundas a agonia !  
Oh não doire o sonhar do moribundo  
Lisongeiro pincel da phantasia !

*Tarde de verão, est. I e II.*

É tarde, amores, é tarde ;  
Uma scentelha não arde  
Na cinza dos seios meus...  
Por ella tanto chorei,



Que mancebo morrerrei...

Adeus, amores, adeus !

*Tarde de Outomno, ult. est.*

Tenho febre — meu cerebro transborda...

Eu morrerrei mancebo, inda sonhando

Da esperanza o fulgor !

Oh cantemos ainda ! A ultima corda

Inda palpita... morrerrei cantando

O meu hymno de amor !

*Hymn. do Proph., 1, est. iv.*

De meus dias a alampada se apaga :

Rocram meu viver mortaes venenos ;

Curvo-me ao vento forte.

Teu funebre clarão que a noite alaga,

Como a estrella oriental me guie ao menos

Té o valle da morte.

*Idem, 11, est. x.*

Sombras do valle, noites da montanha

Que minha alma cantou e amava tanto,

Protegei o meu corpo abandonado

E no silencio derramae-lhe canto.

Mas quando preludia ave d'aurora

E quando a meia noite o céu repousa,

Arvoredos do bosque, abri os ramos...

Deixae a lua pratear-me a lousa !

*Lemb. de morrer, ult. est.*

Se eu morresse amanhã, viria ao menos

Fechar meus olhos minha triste irmã

Minha mãe de saudades morreria  
Se eu morresse amanhã.

*Se eu morresse amanhã, etc.*

Debalde nos meus sonhos de ventura  
Tento alentar minha esperança morta  
E volto-me ao porvir...  
A minha alma só canta a sepultura —  
Nem ultima illusão beija e conforta  
Meu ardente dormir...

Tenho febre — meu cerebro transborda,  
Eu morrerei mancebo — inda sonhando  
Da esperança o fulgor.  
Oh cantemos ainda : a ultima corda  
Treme na lyra... morrerei cantando  
O meu unico amor !

*Doze de Set., est. II e III.*

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro !  
Não levo da existencia uma saudade !  
E a tanta vida que meu peito enchia  
Morreu na minha triste mocidade !

*Ad. meus son., est. I.*

Embora ! É meu destino. Em treva densa  
Dentro do peito a existencia finda...  
Presinto a morte na fatal doença !

*Soneto.*

E cedo morrerei ; sinto-o, nas veas  
O meu sangue se escoa vagaroso  
Como um rio que secca nas areas,  
Como donzella que desmaia em gozo !



Teus lábios, fada minha, me queimaram  
E as languidas arterias me esgotaram !

*Poem. do frade, c. III, est. I.*

(42) Na seguinte ordem :

1850. — Feliciano Correa Duarte.

1851. — João Baptista da Silva Pereira.

1852. — . . . . .

(43) Disc. por ocasião da morte de J. B. da Silva Pereira.

(44) A poesia *Se eu morresse amanhã !*

(45) Foi então que elle compoz aquelle soneto que termina por estes tercetos :

Embora — é meu destino ! Em treva densa  
Dentro do peito a existencia finda  
Presinto a morte na fatal doença.

A mim a solidão da noite infinda !  
Possa dormir o trovador sem crença...  
Perdoa, minha mãe — eu te amo ainda !

(46) « Sim, é um anjo que nos adormece e nos seus braços nos leva a uma região de sonhos de harmonias desconhecidas. Sua alma se perde connosco n'um infinito de amor, como essas aves que voam á noite e se mergulham no seio do mysterio. » *Macario*.

(47) « L'ode à la vieillesse n'est pas moins saisissante. Il lui crie le fatal *Basta !* mais la console en lui faisant voir les mystères de la vie éternelle, le réveil dans le sein de Dieu. »  
F. WOLF, *Le Brésil littéraire, ch. 14, p. 145.*

(48) *Disc. rec. na Ses. fun. do Ens. ph. Paul. em 25 de Maio de 1852.*

(49) A operação de um tumor na fossa iliaca feita pelo Sr. Dr. Bompani, segundo a informação que me deu o meu amigo o Sr. Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. D'esta mesma enfermidade veio a perecer o seu irmão Ignacio de Azevedo, com 18 annos de idade, e cuja prematura intelligencia promettia um poeta da força e vigor de seu irmão.

(50) « As forças foram pouco e pouco fugindo-lhe, e quando sentiu proxima a sua hora ultima pediu para ouvir missa, no que não pôde ser satisfeito por ser domingo, mas confessou-se e ungiu-se. » *Carta que me dirigiu o Sr. Dr. MOREIRA DE AZEVEDO.*

(51) *Carta do Sr. Dr. MOREIRA DE AZEVEDO.*

(52) Foram elles os Srs. Drs. JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA, JOAQUIM MANUEL DE MACEDO e DOMINGOS JACY MONTEIRO.

(53) *Francisco BERNARDIM RIBEIRO*, nascido no Rio de Janeiro aos 12 de Julho de 1815, falleceu em 15 de Junho de 1857, com 26 annos, 11 mezes e 5 dias.

*Antonio Francisco DUTRA e MELLO*, nascido tambem no Rio de Janeiro a 8 de Agosto de 1825, falleceu em 22 de Fevereiro de 1846 com 22 annos, 6 mezes e 14 dias.

*Antonio Joaquim FRANCO DE SÁ*, nascido em 16 de Julho de 1836, falleceu em 26 de Janeiro de 1856 com 19 annos 6 mezes e 10 dias. « Que noite ! Que triste noite ! » foram as palavras de seu delirio.

*Luiz José JUNQUEIRA FREIRE*, nascido na Bahia a 31 de Dezembro de 1831, falleceu a 24 de Junho de 1856 com 24 annos, 5 mezes e 24 dias.



CASIMIR J. M. DE ABREU, nascido na Provincia do Rio de Janeiro a 4 de Janeiro de 1857 falleceu em 18 de Outubro de 1860 com 22 annos, 9 mezes e 14 dias, pronunciando estas palavras : « A morte será tam temivel assim? »

CASTRO ALVARES, falleceu em Junho de 1871.

(54) « É uma cerimonia tocante de melancolia sublimada, essa em que trecentos ou quatro centos jovens, vestidos de negro, se unem para dizer o ultimo adeus ao companheiro que abandonou a vida antes de ter chegado ao termo da viagem : a mocidade é um contraste de dôr, e esses quadros tornam-se tanto mais cheios de poesia profunda, quando os que n'elle figuram são moços pela maior parte imberbes. A morte tem sido cruel para a mocidade ceifando ordinariamente aquelles a quem ella mais estima.

« A 25 de Maio de 1855 celebrou o Ensaio pela morte de Alvares de Azevedo uma sessão celebre n'este genero. »

COUTO DE MAGALHÃES, *Esboço da hist. litt., Rev. acad. de S. Paulo*, 1859, p. 266.

(55) A sessão funebre que celebrou o Ensaio philosophico paulistano foi presidida pelo Dr. Amaral Grugel, que pronunciou o discurso da abertura.

Oraram em verso : Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, depois lente da Faculdade; José Diogo de Menezes Froes, depois advogado no foro de Nicthény, morto; José Bonifacio de Andrada e Silva, hoje conselheiro, lente da Faculdade, ex-deputado a Assembléa Geral e ex-ministro do imperio; P. J. M. Rodrigues da Costa.

Oraram em prosa : Antonio Ferreira Vianna, orgão da associação; presentemente advogado, presidente da Illustrissima Camara Municipal, e ex-deputado geral; Felix Xavier da

Cunha, ex-deputado, publicista, morto; Antonio Carlos Carneiro Viriato Catão, João Pires da Silva Junior, Manuel Antonio Duarte de Azevedo, conselheiro, lente da faculdade, ex-deputado geral e ex-ministro da Marinha e actualmente da justiça; Paulino José Soares de Souza, conselheiro, advogado, ex-deputado geral e ex-ministro do imperio, etc.; F. da Costa Carvalho, Jeronymo José Teixeira Junior, conselheiro, advogado, ex-presidente da Camara dos deputados e ex-ministro da Agricultura, etc.; José Maria de Sá e Benevides, ex-presidente das Provincias de Minas Geraes e Rio de Janeiro; Manuel Francisco Corrêa, conselheiro, director da Repartição da Estatistica, e ministro dos negocios estrangeiros, e ex-deputado a Assembléa geral, etc.

(56) *Disc. rec. na ses. fun. do Ens. ph. paul.*

(57) « É preciosa cousa a individualidade. Fora melhor nada ser e ser si proprio, que ressumbrar a caricatura ou a prosa pollida de um grande homem : fora desesperança parecer com Voltaire, Napoleão ou Byron. » AFFONSO KARR, citado por ALVARES DE AZEVEDO no seu estudo JORGE SAND.

(58) « Duvido sempre, descreio as vezes. Parece-me que este mundo é um lôgro. O amor, a gloria, a virgindade, tudo é uma illusão. » *Macario.*

(59) *Estudo sobre Alfredo de Musset, VIII, synthese.*

(60) *Macario.*

(61) *Idem.*

(62) *Estudo sobre Alfredo de Musset, VIII, synthese.*

(63) *Macario.*

(64) *Idem.*



(65) No seu estudo *Litteratura e civilisação em Portugal* diz o autor que sem lingua á parte não ha litteratura a parte. Na *Historia da litteratura brasileira* combato semelhante opinião partilhada por muitos, pois não são as linguas sómente que constituem as litteraturas. « E demais, ignoro eu, escrevia elle, que lucro houvera — se ganha a demanda — em não querermos derramar nossa mão cheia de joias n'esse cofre mais abundante da litteratura patria; por causa de DURÃO não podermos chamar CAMÕES nosso; por causa... por causa de quem?... De ALVARENGA? nos resignarmos a dizer estrangeiro o livro de sonetos de BOCAGE! » E por ventura são esses poetas brasileiros? Pertencem-nos como nos pertence a lingua portugueza, mas por certo que não levantaríamos uma estatua a CAMÕES ou a BOCAGE em nosso solo, para deixarmos BASILIO DA GAMA ou CALDAS em eterno esquecimento.

(66) O autor que não queria, como se vê em a nota precedente, a divisão das litteraturas da lingua portugueza segundo as suas nacionalidades para não deixar de chamar de nosso os *Lusiadas*, e de nacionaes os sonetos de BOCAGE, e quem perguntava no *Discurso* pronunciado na sessão da installação da sociedade academica Ensaio philosophico: « Sem uma philosophia, sem uma poesia nacional, como quereis uma nação? A copia livida do que vae pelo mar além poderá ser o sangue de uma nação? O parasitismo scientifico poderá ser condição de vida para a intelligencia de um povo? »

No *Discurso academico* lido na sessão commemoradora do anniversario da fundação dos cursos juridicos no Brasil, transluz o amor da patria, que anima o autor, o qual passando rapidamente os olhos pelo movimento scientifico que se tem operado no mundo com a creação das universidades, viu

o grande destino da terra da Santa-Cruz na cruzada da civilização do universo; viu as sciencias, lettras e artes se encaminhando para o imperio diamantino, e a litteratura brasileira se levantando para occupar o seu lugar de honra na republica das lettras.

« Os filhos d'esta nossa America, onde os rios são oceanos, as montanhas gigantes, com seu manto de florestas e catadupas e corôa trovejada nas nuvens, e os paramos extensões immensas lastradas da mais luxuriante vegetação, a perder-se a vista n'elles; não nasceram para ficar immoveis ante o assombro d'essa natureza sublime. »

Applaudindo os nobres esforços de Gonçalves Dias, Magalhães, Penna, Macedo e tantos outros, o autor concluiu assim : « A regeneração litteraria de nossa terra deve sahir do meio de nós. Phalange do progresso, não ha ficarmos immoveis. Como ao Ashavero da tradição, uma voz nos brada sempre : — Caminha ! » E pois a essa regeneração ou movimento litterario é que se dá o nome de litteratura brasileira, e nem por isso deixaremos de ler os *Lusiadas* de Camões ou os sonetos de Bocage.

Alvares de Azevedo prometeu occupar-se com esta questão de nacionalidade litteraria em outro lugar, mas não o fez. Como vê-se não tinha ainda firmada a opinião a este respeito.

(67) No estudo litterario *Litteratura e Civilização em Portugal* fallando da *Nova Castro* diz que João BAPTISTA GOMES errara ao fazer a sua empolada imitação, e accrescenta : « O que era mister ao velho rune da Castro, não era um homem como o pautador das inspirações gotteadas das rugidoras selvas druidicas do Inglez; era por ventura antes um Alfredo de Vigny, que ali cercasse alguma antigualha,



desses desvarios da mente que os contemporaneos da creação de Hamleto e Othello applaudiam e hoje desdizem com a scena moderna, etc. « Nos estudos dramaticos *Puff* cahe n'esta contradicção : « Não se pareceria com o de Ducis, nem com aquella traducção bastarda, verdadeira castração do Othello de Shakspeare feita pelo poeta sublime do Chatterton, o conde de Vigny, etc. »

(68) « Um dos talentos mais madrugadores da terra de Santa-Cruz, » exprimiu-se assim o Sr. Cons<sup>o</sup>. José Feliciano de Castilho a seu respeito.

(69) *Puff*, prologo de seus *Estudos dramaticos*.

(70) *Idem*.

(71) Veja-se a sua *Carta sobre a actualidade do theatro*, a qual está cheia de verdades.

(72) Prologo de seus estudos dramaticos.

(73) *Idem*.

(74) *Idem*.

(75) *Idem*.

(76) Veja-se o que elle diz no *Poema do Frade*, c. I, est. 14.

(77) Os seus *Estudos litterarios*, e sobre tudo *Litteratura e Civilição* em Portugal offerecem muitos exemplos, que não cito por longos. O sestro da erudição passa do autor a suas personagens. *Macario* é um erudito de primeira plaina. « Sou daquelles, diz elle, de quem falla o *Corsario* de Byron :

« Whose soul would sicken over the heaving wave. »

Quando o Desconhecido lhe pergunta se enjoa a bordo, res-

ponde Macario : « É a unica semelhança que tenho com D. Juan. »

Satan, interlocutor no drama-romance *Macario*, ainda tem sua razão, por isso que deve conhecer todo o mundo e terá lido todos os auctores, percorrendo todos os paizes. Cita as fallas de Romeo ao luar, os suspiros de Armida, os sonetos de Petrarcha, as amantes de Philippe II<sup>o</sup>, as personagens de Shakspeare como *Falstaff*, etc., etc.

(78) O Discurso recitado na Sociedade Ensaio Philosophico provocára a seu pai, que outrora figurára no partido conservador, alguns reparos acerca de seu liberalismo exagerado levado ás raias do republicanismo. Na *Carta* que lhe escreveu a 5 de Julho de 1850 explicou o filho o seu pensamento, pois á respeito do deleixo que notara quanto á Instrucção publica, referia-se aos governos de todos os credos, que nem um caso fariam da Constituição do imperio.

(79) *Litt. e Civ. em Port.*

(80) Que harmonia não reina na poesia *Sonhando*? Como também são lindos os versos daquelle *Adeus* com que termina *O poeta* :

« Adeus ! Rasgou-se a pagina saudosa  
Que teu porvir, etc. »

E os *Ais*... em que diz :

Une nos labios teus tua alma a minha !

A ultima estrophe do *Desalento* é uma bella interrogação ao Creador :

Que me resta, meu Deus ? aos meus suspiros  
Nem geme a viração,



E dentro, no deserto de meu peito  
Não dorme o coração?

A derradeira estancia da *Pallida innocencia*, é escripta  
com este primor :

Quem te amasse ! E um momento,  
Respirando o teu alento,  
Recendesse os labios seus !  
Quem lera, divina e bella,  
Teu romance de donzella  
Cheio de amor e de Deus !

O seguinte final de um *soneto* é de um bello effecto :

« Não te rias de mim, meu anjo lindo !  
Por ti as noites eu velei chorando !  
Por ti nos sonhos morrerei sorrindo ! »

Este trecho da poesia *Na varzea* é sublime :

« Tudo acorda meu Deus, n'estas campinas !  
Os cantos do Senhor erguem-se em nuvens  
Como o perfume que evapora o leito  
Do lyrio virginal ! »

E aquellas estancias em que termina o quinto canto do  
*Poema do Frade* são dignas de um grande poeta :

Meu céu ! Minhas montanhas verdejantes !  
Setim azul da languida bahia !  
Manhãs, etc.

(81) Como por exemplo a bonita canção de Don Juan,  
evocado do sepulchro pelo poeta :

« Ó faces morenas ! Ó labios de flor  
Ouvi-me, etc. »

*Sombra de D. Juan.*

(82) No *Poema do Frade* todo o primeiro canto com as suas 55 estancias constitue o seu prologo, que a final o poeta conhece que vae a não acabar :

« Basta, foi longo o prologo, confesso ! »

O seu *Charuto* occupa 16 estancias do terceiro canto.

(83) A *Canção do sertanejo* tem suas reminiscencias da *Canção do exilio* de Gonçalves Dias. Muitas vezes usa dos mesmos epithetos, como *frouxo* luar, etc., na poesia *Tenho um seio que delira*.

(84) O *Poema do Frade* é uma imitação de Don Juan.

(85) Veja-se nota.

(86) A *Gloria moribunda*, em que figura Bocage, é uma imitação de *Jacques Rolla* de Musset, e o poeta portuguez, o rei do improvisado, morre nos braços de uma prostituta, sobre a calçada da rua, como *Jacques Rolla* nos braços da *Marion* !

(87) Como a noite de luar na poesia *Um cadaver de poeta* :

Veio a lua

Banhando de tristeza o céu nocturno ;

Derrama, etc.

E aquella madrugada descripta por Claudius Hermann na *Noite da taberna*, etc., etc.

(88) Sem mestre e apenas com a simples leitura o Sr. Carlos Luiz do Nascimento, insigne retratista, tomou-se perito na arte da restauração dos velhos quadros não só da Academia das Bellas Artes e sua Pinacotheca, como da Santa Casa da Misericórdia e outros estabelecimentos d'esta côrte.



(89) Lá uma ou outra vez offerece o descuido de algum gallicismo, como n'este verso :

« Que um outro anginho chamou. »

*Anginho.*

O Sr. Dr. D. Jacy Monteiro nota gallicismos em seus escriptos, mas esse abuso é dissimulado, pois que apenas consta do torneio da phrase, menos portugueza de cunho, porém mais appropriada a nossa linguagem moderna. Ha escriptores que a força de se tornarem classicos se fazem pezados; são moços com a linguagem de velhos; por isso Gonçalves Dias mostrou que se não trajava á antiga portuguezã, como os mata-mouros, era por que não o queria, e quando o quiz o fez, e para isso vestiu o burel de *Frei Antão*.

(90) Para prova lêa-se o seguinte trecho da *Litt. e. Civ. em Port.* :

« O Edda das proezas elysias não é so os *Lusiadas*. Cada lauda dos fastos dos páramos e serranias de aquem do Aqueda e do Guadiana, dos campos baptisados no sangue infiel dos homens da contra costa, é um canto de Iliada architectonica, como os Nibelungen e o Antar Oriental, corado de sacrosantas reminiscencias, Biblia de velhas tradições portuguezas, como o Edda Islando-Scandinavo; ou o Chanameh Persa, a epopéa mythica do Oriental, onde elle entrelaçara, como um baixo relevo de Pompéia, os feitos dos homens antigos no seu véo de mysticas tradições; ou por ventura os threnos dos bardos cimbricos nos dolmens druidicos de Hirmensul; coroa gigantesca entresacada de flores poeticas, que enlouram victorias e onde desapertam enligadas rosas rúbidas e violetas de amethysta de langues aromas em seus halitos mimosos, d'essa

grinalda das molles canções que se chama o amor..... »  
*P. II, Lusos e Portuguezes.*

Ha outros trechos de igual exageração de estylo.

(91) Exemplos :

« Que nau cheia de gloria e de esperanças,  
Floreada ao vento a rubida bandeira,  
Na luz, etc.

*Crepusc. no mar.*

« Estrellinhas azues do céu vermelho,  
Lagrymas de ouro sobre o véo do tarde!  
Que olhar celeste em palpebra divina  
Vos derramou tremendo?

*Crep. nas mont.*

« Como á brisa vernal na relva molle  
O pecegueiro em flor derrama flores. »

*Tarde de verão.*

(92) Exemplos :

Lá bem na extrema da floresta virgem  
Onde na praia em flôr o mar suspira.

*A virgem morta.*

Foi um anjo, e marchou-se como as flores,  
Morreu sorrindo como as virgens morrem.

*Um cadaver de poeta.*

Anjo da vida passa nos meus olhos,  
E meus labios orvalha de esperança !

*Lag. da vida.*



Teu funebre clarão que a noite alaga.

*Hymn. do poet.*

Irei deitar-me n'essas trevas santas,  
Banhar-me na friez lustral da morte !

*Idem.*

Que vida que se bebia  
Na noite, que parecia  
Suspirar de sentimento !

*No mar.*

Vae a lua sedenta e vagabunda  
O teu berço banhar na luz saudosa,  
As tuas noites estrellar de sonhos  
E beijar-se na fronte vaporosa.

*Italia.*

É vermelho de sangue o véo da noite  
Que na luz do crepusculo se banha.

*Crep. no mar.*

Rubro flammea o céu sanguinolento,  
Da tarde na agonia.  
No cinereo vapor o céu desbota  
N'um azulado incerto.

*Cresp. nas mont.*

« Onde o vento adormece e se perfuma. »

*Anima mea.*

(93) Exemplos :

É ella, é ella, meu amor, minh' alma !  
É ella, é ella ! murmurei tremendo.

*É ella ! É ella !*

A gloria, a gloria ! Meu amor foi ella !

*Gloria moribunda.*

Amei, amei ! nos sonhos, nas vigílias.

Amor ! Amor, meu sonho de mancebo !

Ouvi, ouvi no leito da miseria.

*Idem.*

(94) A poesia *O lenço della* repete o ultimo verso de uma maneira harmoniosa, no fim de cada estrophe, o que faz lembrar certos Idylhos de Bocage, servindo a palavra pranto de estribillo obrigado :

Volveu-me os olhos humidos de pranto.

E deu-me o lenço que orvalhava o pranto.

O lenço della que orvalhava o pranto.

O lenço que banhei tambem de pranto.

(95) Exemplos :

Dei ao diabo os namoros. Escovado

Dei de pernas corrido e cabisbaixo.

*Nam. a Cav.*

Porque não durmo quando o sonho passa.

E do passado o manto profanado

Me roça pela face ?

*Sombra de D. Juan.*

A embriaguez preferia , em meia della

Preferia das noites na demencia.

*Poema do Frade.*



. . . . todos dormiam,  
Não podia dormir. . . .  
Não o póde.

*Idem.*

Não ouvíeis do labio as melodias  
Que vibrava a paixão? Não as ouvíeis?

*Idem.*

Onde correis, meus desgraçados versos!  
A tempo os açamei! Onde corriam!

*Idem.*

(96) Exemplos :

« Dormia pezado e fundo como o apóstolo São Pedro no Horto das Oliveiras... o caso é que ambos tinham ceado á noite. » *Noite na taberna.*

« Deus dorme no seio da criação como Loth no regaço incestuoso de sua filha. » *Macario.*

(97) Diz Macario :

« Deem alguma ponta de charuto ao burro que está suado como um frade bebado! »

« Deverias ser puro como um anjo e és devasso como um conego. »

Estes exemplos tiveram imitadores como vê-se no *Genesco*, romance da vida academica, impresso em S. Paulo.

(98) Exemplo.

« Pobre mãe! embala o nú... » trata-se nada menos de um mancebo! V. *Macario*, *seg. ep.*

« E porque não se morre de amor? Como uma estrella que se apaga pouco e pouco entre perfumes e nuvens côr de rosa,

porque a vida não desmaia e morre n'um beijo de mulher? Seria tão doce inanir e morrer sobre o scio da amante enlanguecida! No respirar indolente de seu collo confundir um ultimo suspiro! » *Macario, seg. ep.*

« Com as mãos virgens porque vibrou o alaúde lascivo esquecido n'um canto do lupanar? » *Idem.*

« Mulheres? tel-as virgens, adulteras ou prostitutas... O amor? dar-te-ei douzellas que morram por ti e realisem na tua fronte os sonhos de seu hysticismo. » *Idem.*

« Porque lembrar a estrella do amor á luz do lampeão da crapula? » *Noite na taberna.*

« A poesia é um gozo mystico pelo qual a virgem se morre de volupia sem saber-o por que. » *Idem.*

« Falla me antes na belleza de uma virgem nua. » *Macario, pr. epis.*

« Quereis vel-a? Está nua... » *Idem.*

« A virgindade é uma illusão! Qual é mais virgem, aquella que é desflorada dormindo ou a freira que ardente de lagrymas e desejos se revolve no seu catre, rompendo com as mãos sua roupa de morte, lendo algum romance impuro? *Macario, prim. epis.*

« A virgindade d'alma póde existir n'uma prostituta e não existir n'uma virgem de corpo. Ha flores sem perfume e perfume sem flores. » *Idem.*

(99) No *Poema do Frade* ha este verso :

« Se d'esta canção negra não gostaes. »

que o Sr. Dr. Jacy Monteiro preferiu a esta variante :

« Se não gostaes d'esta canção sombria. »



Mas este rima com harmonia e phantasia, e nunca deveria ser preferido o primeiro. Restituiu ao seu lugar.

(100) Não pude ainda vencer a repugnancia de ler versos escriptos a moda hespanhola. Tirarem essa pompa orthographica ao verso é despojal-o de sua magestade; as edicões perdem com isso toda a sua elegancia, pela falta de symetria que d'ahi resulta, restando-lhe uma tal ou qual pareçença com prosa mal estampada; nem sei que nem um povo europeu tenha adoptado semelhante orthographia.

(101) Exemplos :

Pelo astro, pela donzella.

*Anginho.*

Das gaivotas do alto mar.

*Sem titulo.*

Effluviosa gratidão.

*Canto do sertanejo.*

Do anjo das utopias.

*Crep. no mar.*

As aventuras tam choradas.

*Tarde de Outono.*

É a voz d'ella um hymno.

*Idem.*

A aurora é tua irmã.

*Cantiga.*

Da oriental seminua.

*Sombra de Don Juan.*

A cantilena do sabiá sombrio.

*Anima mea.*

É uma visão medonha uma caveira?

*Gloria moribunda.*

Procura na illusão a tua lembrança.

*Lag. da vida.*

A vida é uma planta mysteriosa.

*Trindade.*

Dei ao diabo os namoros. Escovado.

*Nam. a cavallo.*

E deixam gota a gota no argenteo orvalho.

*Na varzea.*

E quando eu amo ao clarão da lua.

*Poema do Frade.*

A embriaguez preferia ; em meio d'ella.

*Idem.*

Na poesia *Sombra de Don Juan*, parte V., todos os versos de 5 syllabas das qua'ro estrophes terminam com as palavras Don Juan e os versos tornam-se grandes.

(102) Exemplos :

Todos o viam e passaram todos.

*Um cadaver de poeta.*

Um poeta é um poeta — apenas isso.

*Idem.*



Não sou original ! É uma desgraça.

*Bohemios.*

Esquece-lhe a viagem enfadonha.

*Poema do Frade.*

(103) Exemplos :

A rosa da manhã cedinho aberto.

*Imitação.*

Cada flôr a noitinha de leve.

*Trad. de Parisina.*

Na scisma que anginho te conta segredos.

*Scismar.*

São meigos anginhos, são filhos de Deus.

*Anjo no mar.*

E os pobres anginhos estão a chorar.

*Idem.*

Com os anginhos do céu.

E da noitinha as aragens.

*Can. do sert.*

E o longo valle de florinhas cheio.

*Na minha terra.*

Estrellinhas azues do céu vermelho.

*Cresp. nas mont.*

Na poesia *Anginho*, que já é um diminutivo, não ha menos de tres :

No frio da facesinha

Pobresinho ! O que soffreu.

Que um outro anginho chamou.

(104) Nos fragmentos de um canto *Cordas de bronze* os versos saphicos nem sempre tem a pausa sobre as syllabas 2<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup>, tanto nos enteiros como nos partidos, como se vê nos seguintes :

A canção de meus ultimos amores.  
Sonhos em que afoguei o ardor da vida.  
Que lucro a alma descrida?  
Na orchestra dos ventos.

Na ultima estancia da imitação dos versos de Queiroga começa por dous saphicos e muda para dous versos heroicos, sendo ainda estes desiguaes nas pausas :

Com os labios que fervem-me d'anhelos  
E, teus olhos nos meus, morrer n'um beijo !

(105) Exemplos :

Os cavallos tocar p'lo bom caminho.  
*Un cad. de poet.*

Um dia atravessando p'la floresta.  
*Bohemios.*

Puchado p'lo nariz, o encher de lodo.  
*Idem.*

(106) Era avesso ao trabalho das correções, como elle mesmo o diz :

« Frouxo o verso talvez, pallida a rima  
Por estes meus delirios cambetêa ;  
Porém odeio o pó que deixa a lima  
E o tedioso emendar que gela a vea. »  
*Poema do Frade.*



(107) Como por exemplo n'estes versos :

« Pelo astro, pela donzella.

*Anginho.*

Voltará amanhã aziagas sinas.

*Hymn. do Proph.*

(108) Como n'este periodo :

*O caso é que é preciso que eu pergunte primeiro. Macario, prim, episod.*

(109) Um exemplo :

« So vela Satan ! »

*Macario, id.*

(110) O 1º e 2º canto do *Poema do frade* são em oitava rima. No 3º passa para sextilha, rimando o 1º verso com o 5º, o 2º com o 4º e o 5º com o 6º. Continua assim no 4º mas da 25ª oitava em diante rima até o fim, o 1º com o 2º e o 5º, e o 3º com o 4º e o 6º, innovação de mau effeito. No 5º canto continua com as sextilhas e rima como no 3º e principio do 4º. Nas estancias 30, 33, 34, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 47, 48 e 49 varia de novo, como no fim do 4º canto.

(111) Exemplos :

Contem do valle as florinhas.

*O poeta.*

Junto d'ella a noitinha.

*Fui um doido.*

Sejam só as estrellinhas.

*C...*

É a tua alma santinha.

*Cantiga.*

Nos olhos negros a alma innocentinha.

*Saudades.*

Os sonhos de sua alma innocentinha.

*Virgem morta.*

Noites, uas, estrellas da noitinha.

*Poema do Frade.*

(112) Exemplos :

Como a teus dedos lindinhos

Vibra-me o seio aos dedinhos.

*Sem titulo.*

Como tremem teus dedinhos

Vibram-me n'alma os anginhos.

*Idem.*

Dando pão com manteiga ás criancinhas

Sonhande-te a lavar as camisinhas.

*É ella! É ella!*

(115) Exemplo :

*Desconhecido.* Ahi encontrei-vos outra vez... Á propo-ito, não bebeis?

*Macario.* Pois não sabeis? Essa, etc., *Macario, prim. episod.*

« A tarde cahia, os vapores azues do horizonte se escureciam. Um vento frio saccudia as folhas da montanha. E vós contempleveis a tarde que cahia. » *Idem.*

(114) Exemplo : « Eu era lindo então ; que trinta annos



lá vão, que ainda os cabellos e as faces me não..., etc. »  
*Noite na taberna.*

(115) Um exemplo :

Porque recusas levantál-o agora ?

*Olha commigo ! Que espaçosa fonte.*

*Gloria moribunda.*

Aponto estes descuidos para que os jovens e estudiosos escriptores, que tanto se apaixonam por Alvares de Azevedo os procurem evitar. Já dice n'outro lugar : « Não são erros que envergonhem, porém são nodoas que mancham a nitidez dos escriptos. »

(116) LOPES DE MENDONÇA, *Mem. de litt. cont. Perfis litterarios em 1855*, art. 4º, p. 323.

117  
118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138



# PEÇAS ELEGÍACAS

RELATIVAS AO AUTOR

PECAS ELEGICAS

RELATIVES TO THE



I

## DISCURSOS

PRONUNCIADOS

**Por ocasião de dar-se á sepultura, no cemiterio  
de Pedro II,**

O ESTUDANTE

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

A 26 DE ABRIL DE 1852

---

Senhores,

Duas palavras ao pé desta cova onde vamos lançar  
um simples estudante.

Não venho aqui prantear a sorte de uma familia;  
Deus se amerceará d'ella e lhe dará o preciso conforto;  
venho render homenagem á virtude e ao talento, pran-  
tear a sorte da patria.

Sabeis quem era elle? Um genio a que só faltou o tempo. Sabeis quem elle era? Um poeta com as lavas de Hugo e de Byron e a uncção de Lamartine. Sabeis o que o futuro n'elle via? Um Kant e um Cousin; um Pereira e um Merlin. Ninguem que o conheceu achará que exagero.

Sabia conceber e meditar, exprimir-se em linguagem a mais corrente e sublime. A litteratura allemãa, a ingleza, a italiana e a franceza, nada bello apresentão que lhe fosse desconhecido. Suas poesias são verdadeiras glorias, e as notas com que sellou os seus compendios lhes dão valor inestimavel; consulta-las ha de seu pai advogado de nome, consulta-las hão de juizes e advogados de estudo e consciencia. Esse direito — o romano, — fonte de todos os direitos, mas entre nós tão desprezado, o estudou elle e sabia. Publicado ainda hontem, o nosso codigo do commercio já lhe era familiar; elle o havia já analysado, e confrontado com os codigos estranhos! Ao simples estudante confiei eu causas importantes, e as decisões dos tribunaes lhe coroarão os trabalhos.

Dizer-vos que era elle filho exemplar, mancebo que sublimava suas altas qualidades com a modestia com que as mostrava, seria repetir o que sabeis todos, o que todos sentis.

Escutai-o, e vereis patente o seu espirito religioso :  
« A idéa de progresso e civilisação, escrevia elle em S. Paulo, está ligada áquelles que seguirão o Homem



Deus do Deserto ao Calvario, que baptizárão as fronte  
na chuva de sangue e n'agua suarenta escoada de um  
cadaver pelo cedro de uma cruz. »

Escutai-o ainda, e vereis seu amor patrio :

« Tudo está profanado; a propria imprensa tambem  
despió seu manto auri-azul de rainha, enlaivou-se de  
torpeza no lupanar da calunnia, e enfurdou-se no lodo  
até aos joelhos, que nem poderá dobra-los para orar a  
Deus.

« Que todos aquelles em quem arde chamma de ta-  
lento e amor patrio se reunão, porque das reuniões,  
quer litterarias quer politicas, das vozes das praças pu-  
blicas, deve correr grande luz sobre o *problema*, deve  
tambem provir a solução d'elle ainda mais directa que  
da parte dos parlamentos, porque a chaga do povo é  
funda. A lei só olha a superficie; e só a luz da religião e  
da sciencia póde baixar como o mergulhador do Oriente  
ao fundo d'aquelles mares.

, . . . . .

« Sem uma philosophia, sem uma poesia nacional,  
como quereis uma nação? A cópia livida do que vai pelo  
mar além poderá ser o sangue de uma nação? O para-  
sitismo scientifico poderá ser condição de vida para a  
intelligencia de um povo?

. . . . .

« Os palpites de brazileirismo no coração dos nossos  
governantes póde ser que acordem á voz da mocidade,  
ao reclamo de toda uma geração nova que se vá dos pés

do altar das lettras a perguntar-lhes no leito do adormecimento : o que é de tanta jura de patriotismo leal, de liberalismo profundo?

. . . . .  
« E quando um dia nosso corpo adormecer no nada, e os homens da terra esquecerem aquillo que foi nossa intelligencia, restará de nós pelo mar turbido das peregrinações do progresso a trilha assignalada pelo rasto de ardentias que deixa a não sumida no horizonte dos mares pelas noites dos tropicos. »

Escutai agora sua caridade christãa... Mas não, senhores, não devo aqui relatar o que este cadaver calou sempre. A sua caridade foi exercida nas trevas; basta que a conheça Deus.

Eu o vi expirar como um santo; vi o expirar, chorei-o; mas choro ainda mais a patria que o perdeu.

Abençoi vós e respeitai a cova do estudante.

JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA.

---

Acaba de apagar-se uma vida bem preciosa : e neste dia funesto não é só uma familia desolada que se debate nos abysmos da dôr; tambem a patria lamenta a perda de um filho prestimoso. O senhor Manoel Antonio Alvares de Azevedo era um joven das mais bellas



esperanças : entrado apenas no vigesimo primeiro anno de sua idade chegava já ao termo de seus estudos de direito na academia de S. Paulo, onde só lhe faltava cursar o ultimo anno, talentoso e applicado frequentára sempre com brilhante aproveitamento todas as suas aulas : juizes competentes admiravão já seus notaveis conhecimentos em diversos ramos das sciencias juridicas, e como se poucos fossem ainda tão ricos dotes, Deus tinha acendido na alma do mancebo aquelle fogo sagrado da poesia que eleva o homem acima da terra, e faz correr de seus labios em cantos sonoros a linguagem do inspirado : elle era poeta; e a par desse espirito elevado seu coração era cheio de virtude, religioso, filho amante e devotado, bom amigo, modesto e agradavel, ninguem jamais o tratou que o não ficasse estimando.

Tudo pois parecia vaticinar-lhe o mais lisongeiro futuro : ainda um anno, e o talentoso joven viria ornado com um titulo honorifico estrear sua fructuosa carreira; o coração de seus pais palpitava de enthusiasmo, adivinhando os louros que coroarião a frente do filho amado; seus parentes e amigos já de antemão se ufanavão de seus triumphos; a patria como que se sorria gostosa prevendo a gloria do distincto mancebo; mas de repente fatal enfermidade vem arroja-lo sobre um leito que lhe deveria ser de morte; quarenta e seis dias são passados entre dubias esperanças e sinistros temores; finalmente a morte inexoravel triumpho dos amorosos

cuidados da extremosa familia e da solitudine de habi-  
lissimos medicos... a agonia se approxima... e o joven  
poeta, que resignado recebêra todos os soccorros da re-  
ligião, o joven poeta contrito e animado, com a alma  
de azas abertas para voar ao céo, com o pensamento  
embebido em Deus, mas ainda com o coração voltado  
para a terra, onde tinha de deixar tantos amores e tan-  
tas esperanças, fita os olhos em seu pai e tristemente  
balbucia : « Meu pai ! que fatalidade ! »

Emfim elle está morto ; deixou-nos como provas do  
muito que poderia fazer pelas nossas letras alguns bellos  
discursos e grande numero de excellentes poesias ; o  
Brazil perdeu n'este mancebo um cidadão dedicado e  
prestimoso, seus pais um filho que fazia a sua gloria e  
que honraria o seu nome, e todos nós perdemos um  
excellente amigo.

Nós o vimos ainda ha pouco tempo cheio de vida e  
radiante de alegria ; no entretanto o poeta parecia pre-  
ver o seu proximo fim ; alguns dias antes de adoeccer  
confiou-nos uma poesia em que a sua morte parece pro-  
phetisada.

Senhores, permitti que eu conclua lendo-vos esses sen-  
tidos versos : escutai ; é o canto do cysne<sup>1</sup>.

DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

<sup>1</sup> É a poesia : « Se eu morresse amanhã. »

---



E a ti que sentias como poeta, a quem talvez o genio matou n'um beijo de fogo, a quem Deus daria na existencia a corôa mystica dos amores, a gloria suas visões, a noite seus perfumes, a lua suas lampadas de ouro... Boa noite!

M. A. ALVARES DE AZEVEDO, *á morte*  
de F. Coelho Duarte.

Amigo!... Irmão!... Não ouves? Porque emmudeces? Porque me não falla tua alma aquellas fallas doces e inspiradoras que jorravão d'esses labios sempre abertos ao sentimento, qual de fonte do céu jorrão immensidades de luz? Porque não derramas ainda sobre nós um pouco do teu esplendor, ó raio do sol, tão cedo roubado á terra?... Como se dilatavão diante de ti os rutilos horizontes! Quanta vida n'essas veias, e quanta mocidade extincta! Quanto genio... ai de nós! mas o genio não é da terra — almeja o céu, sonha com os astros, procura Deus, e se diverte com seus anjos... E tu, esperançoso e pensador, buscaste o céu; tu, poeta, foste ver realizados os teus sonhos dos astros: tu, crente, foste ter com Deus, divertir-te com seus anjos!...

Oh! bem o previas!... Sentias em derredor de ti esvoaçar uma ave de morte — ouvias o tetrico susurrar de suas azas repercutir no imo de tua alma, como um mysterio entre tua alma e Deus...

E não te valeu de escudo tanta amizade, tanto amor immenso! Deixaste rebentar o collar de perolas da esperança que rojão pelo chão de teu leito, e não as ajuntaste... e deixaste-las rolar uma por uma até perder-se no infinito!

Onde essa mente que tanto ao longe expendia suas doçuras, suas harmonias? Porque te não posso eu erguer d'essa tumba? Porque não póde meu sangue dar-te vida? E porque te foste d'entre tantos braços que te cingião, como para obstar a esse desenho fatal?... Não vês os nossos prantos?... Não ouves os nossos soluços? Volta, volta ainda esses olhos para os que te procurão, te desejão, te chamão, humedecendo-te as faces luridas, e chegando-te o calor de sua vida á rija frieza de teu corpo!...

Mas não! tu descansas... para que perturbar-te?... Tu dormes — fatigarão-te os trabalhos da existencia e precisas-te repousar... Dorme pois, embalado pelos archanjos, um somno do céo... Hão de rociar-te o leito as lagrimas ardentes dos teus — hão de perfumar-te as flôres do coração dos pais, dos irmãos, dos amigos — fallar-te ha n'elle Deus — acompanhar-te-hão os sentimentos... Vai cumprir teus sonhos e sonha conosco!

Adeus! Ainda nos fallaremos mais vezes, — lá na presença do Eterno tu ouvirás minhas palavras e me responderás: lá tambem conversaremos conversas ardentes de um fogo celeste, cheias de suavidade e dos



aromas dos anjos, cercados pelas flôres de Deus... Lá nos encontraremos... Adeus! Deixa dizer contigo mesmo, deixa beber nos teus labios a minha ultima palavra diante do teu leito — Boa noite! Amigo!... Irmão! Boa noite!...

DOMINGOS JACY MONTEIRO.





II

SESSÃO FUNEBRE

DO

ENSAIO PHILOSOPHICO PAULISTANO

CELEBRADA

POR OCCASIÃO DA MORTE DO SOCIO BENEMERITO E FUNDADOR

O BACHAREL

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

NO DIA 23 DE MAIO DE 1852

---

Pelas 11 horas da manhã, depois de officiar-se na igreja de S. Francisco pelo descanso do finado consocio benemerito e fundador — o bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo, — passou o Ensaio Philosophico Paulistano a celebrar em a sala de seus trabalhos a sessão funebre commemorativa de tão infausto aconte-

tecimento. Ahi, no meio de um concurso numeroso das pessoas mais gradas d'esta cidade, ás quaes o Ensaio é tão agradecido, pelo interesse que tomão, já nos seus prazeres e gloria, já nas suas dores e saudade, fizeram ouvir os mais tocantes discursos, e as mais ternas poesias grande numero de associados : orou como orgão da Associação o Senhor bacharel A. Ferreira Vianna, e presidio a sessão o Illm. Sr. Dr.M. J. do Amaral Gurgel, que pronunciou a seguinte allocução :

« Senhores !

« Não vos parece ouvir resoar ainda n'este recinto os echos lugubres da sessão funebre com que o *Ensaio Philosophico Paulistano* commemorou o passamento d'um seu illustre socio? E já temos de lamentar a perda de outro igualmente talentoso, igualmente digno de saudade?! Ai! como é verdade que o homem n'este mundo phenomenal é apenas um meio ser, um ente estropeado posto entre o nada e a morte! É, na phrase do livro de Job, semelhante á flôr, que n'um momento desabroxa e séca : foge como a sombra, e nunca permanece no mesmo estado. Assim passou o nosso consocio da aurora da vida ao occaso do tumulo : elle, que se havia levantado como um gigante para correr a estrada das sciencias, desapareceu com a rapidez do relampago ; mas deixou após si traços luminosos, que serão indeleveis na memoria da posteridade. — Vamos pois,



senhores, derramar uma lagrima de saudade sobre o seu sepulchro : vamos cumprir este dever sagrado. »

Está aberta a sessão.

---

Senhores !

A mão mirrada, e certa da morte, desfechando medonho golpe sobre uma das mais lisongeiras esperanças de nossa Sociedade, e da patria, nos obriga á chorar n'este recinto de luto e de tristeza o passamento do nosso mui caro patricio e consocio Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

Nascido em S. Paulo, provincia cheia de recordações as mais sublimes, e de caracteres os mais distinctos e altaneiros, mostrou o nosso collega, desde a mais tenra infancia, que em seu cerebro descansava uma descommunal intelligencia, e em seu coração arrebatavão vigorosos sentimentos heroicos : por felicidade sua a natureza lhe tinha dado um pai illustrado, que sondando as forças do filho vaticinou n'elle um poderoso arrimo á sua velhice, um monumento para a patria, e um herdeiro de nossas glorias obumbradas pela insidiosa inveja.

Carregado de despojos, exornado de louros virentes

que tinha alcançado na luta porfiada da intelligencia na aquisição da verdade, considerado na opinião de todas as illustrações que o tinham dirigido no mar tempestuoso da vida litteraria, e que n'elle descobrirão uma razão libada, sentimentos nobres, e alma grande para conjurar os azares da fortuna, constituia o orgulho de si proprio, e as delicias de sua familia.

Accessivel aos encantos da poesia acompanhava os vates em seus arroubados vôos, apaixonava-se pelo bello, impressionava-se pelo sublime — tinha escandecido seu craneo nas magestosas labaredas de Dante, amoldado seu coração ás ternuras de Petrarca. apurado seu gosto nas bellezas de Victor Hugo e Lamartine, e embebido seu pincel de artista nas vivissimas tintas de Byron.

A seu nome está ligado não pequeno numero de produções, que arrancando-o do olvido das mediocridades attestão seus estudos, e seu delicado gosto.

Bacharel em bellas lettras, e cercado de prestigio e reputação, elle frequentou os quatro primeiros annos da Academia com singular momento, e tendo recebido no anno de 1851 a remuneração de seu afanoso lidar elle recolheu-se ao seio de sua familia que anciosa o esperava para estreitando-o em seus braços, imprimir-lhe o osculo da gratidão, e da saudade. — Mas ah ! seu destino estava lavrado ! Tombou em leito de morte accommettido por uma violenta enfermidade que o ameaçava fatalmente. — Sentado á borda do tumulo, alcançando com vistas profundas o immenso da immortalidade, e o



nada da vida d'este mundo de miserias e vexames, e percebendo avisinhar-se o momento d'agonia com resignação do justo; pedio a sua carinhosa mãe o crucifixo do Redemptor da humanidade, e recolhendo em seu seio de réo o inexoravel Juiz que em breve tinha de jugal-o, e com os olhos fitos em sua cara mãe, cercado de seu pai e de extremosos irmãos — expirou! bom christão e bom filho, como o tinha sido em toda a sua vida! — não mais oscilla em seu peito a pendula da existencia, e a gelida morte lhe avassalla todo o corpo — é um cadaver que vai ser abandonado aos vermes da terra!

Quando, senhores, vemos reduzido á completa materia o homem que durante sua existencia no mundo das contingencias viveo sob o peso dos estudos, nos monologos do gabinete, e na difficultosa indagação da verdade, quando vemos que os resultados de tantos, e tão afadigosos trabalhos é fruir por instantes inapreciaveis o gozo desproporcional dos conhecimentos adquiridos, quando em fim vemos seu corpo arrojado ao tumulto de envolto com o lodo da terra, esquecido, extincta assim a magestade de sua intelligencia, o brilho de sua razão, e a grandeza de sua alma, uma idéa por de mais sublime nos acode, e recolhendo nosso espirito faz-nos reflectir nas vaidades da terra, e conceber que esta vida é uma provação ou antes um combate renhido entre o bem e o mal, a virtude e o ocio, a obediencia e a colera. Se o homem não obstante as delicias rapidas do crime,

e os gozos passageiros da improbidade e da infamia, despreza tudo para com aspecto denodado praticar a virtude, e só a virtude, oh! então Deus, ser harmonico e justo, sem duvida não consentirá que aquelle que assim procede vá gozar da immortalidade á par do homem prostituido pelos vicios, embotado pelo constante exercicio do mal, abatido pelas exprobrações do justo, carregado de maldições do pobre á quem perseguia na terra, envolvido no habito do avarento, e ligando á si a historia de um malvado.

E quem será mais virtuoso e digno de seu autor aquelle que sempre viveu na ignorancia primitiva, ou o que estuda o Ser supremo, os deveres que tem contrahido a Creatura com o Creador, que gasta toda uma vida em busca da verdade?

Deus é a verdade, e toda a verdade, e tanto mais proximo e digno d'elle é o que possui maior somma de conhecimentos.

O sabio pois será salvo — gozará da Eternidade.

Sim, senhores, enxugai vossas lagrimas, não vos torturem as acerbias dores. O Senhor Deus disse : — aquelle que fôr constante na pratica da virtude, soccorrer os indigentes, alliviar as mágoas do afflicto, sera digno de mim; aquelle porém que no navegar da existencia mundana abalroar alguma vez nos escolhos do vicio, esse não naufragará, nem perderá meu reino se o arrependimento sanctificar sua alma. E quantas vezes não vistes o nosso fallecido consocio sarar as feridas do desgra-



gado, consolar os afflictos com sua generosidade, reprehender o vicio com sua eloquente palavra. O bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo goza da felicidade eterna. Sirva essa persuasão para abrandar as dores que torturão o coração de seu pai, de sua mãe e irmãos, para consolar seus collegas que sempre forão zelosos apreciadores de seu subito merito, que com elle trocarão suas amizades e dedicações; — sirva emfim para a tranquillidade do *Ensaio Philosophico Paulistano* que inconsolavelmente chora sua perda.

Goza do Céu, alma candida, do cantico doce e harmonioso desprendido das harpas sonoras dos Anjos, respira a aura do justo, e brilha como lucida estrella no firmamento dos escolhidos; o teu Creador conhece tuas virtudes, e te prepara louros merecidos — elle ouviu teu arrependimento ungido de palavras evangelicas :

Se no passado errei, se te esquecia,  
Se a blasphemia correu nos labios frios,  
Perdão, Senhor meu Deus ! que a febre insana  
A minha alma perdeu nos desvarios.

ANTONIO FERREIRA VIANNA.

E tua alma ainda juvenil subiu ao seio de Deus nas azas negras da morte, como o orvalho da terra se alevanta ao céu n'um raio do sol.

ALVAREZ DE AZEVEDO, *Nec. a Baptisia Pereira.*

### Senhores!

Ha dores, tão pungentes e tão intimas, que o coração se parte no delirio do desespero; tão agudas, que elle lá se vae a derreter em lagrimas na cruz do ataúde onde o filho do *nada* se prosterna para beijar uma campa!

Ha momentos na vida, em que o homem gasto de amarguras, tomba esmorecido no horto do soffrimento, olha a Providencia como uma sombra vaga que rarêa nas trevas e em seus labios de athêo — christão de outr'ora — desenha-se a blasphemia da incredulidade n'um sorriso d'escarneo : — é quando a Providencia fere cega — como a fatalidade!

Ha cizuras na alma, tão fundas que os balsamos não fechão, e nem a poeira do olvido coada pelo tempo póde seccar : — é o passamento do genio!

Não d'aquelle que viveu da embriaguez dos triumphos, que teve um leito de louros — por tumba, as hosannas e gemidos de um povo — por hymnos de morte.

Não d'esse, porque cumpriu sua missão e passou. Não de Cesar symbolisando um povo, de Goethe se mol-



dando no Fausto, de Raphael revivendo n'um quadro! Mas do genio em botão que as ventanias de gelo penderão da hastea, porque é uma lyra sem cordas, uma flôr sem aroma, um firmamento sem luz! Do genio que encosta a cabeça macilenta em travesseiro de pó, joven de vinte annos! De vinte annos — quando as illusões entre sorrisos desabotão da fronte e vão-se evaporando aos poucos, com os echos de uma lyra dedilhada no ermo! De vinte annos — quando a seiva da vida é pura e ardente como sonhos de infante e reçuma do coração em harmonia e perfumes de embriaguez e vertigens! De vinte annos — quando o fogo da inspiração lhe desce n'um raio de primavera e vae derramar seus reverberos em cordas de ouro.

É então que o genio se pranteia.

É então que os goivos ressequidos pedem lagrimas intimas, que a cruz pede saudades! E pois, lagrimas e saudades vamos nós — os vivos de hoje, entornar sobre a lousa de um irmão, que nos cobrirá tambem a nós — os mortos de manhã. Seu nome? A dør o einzelou nos corações e quantas vezes e entre soluços não terá elle atravessado vossos labios, imprecando a negra sina que desbotou a mais embalsamada flôr de nossa grinalda academica!

Era um genio! Não vergado pela caducidade sobre o pó do passado que lhe borrija o sudario, mas altaneiro e gentil como a palmeira d'Abyssinia; viçoso e frondente como um cedro novo do Libano, recostado aos

velhos troncos d'esses atalaias dos seculos; um genio embalado pelas nossas brisas, rico de inspirações como esta natureza virgem que lhe tecera um berço, fulgente como o seu céu de chrysolithos.

Não foi mister ir assentar-se nos marmores desabados de Parthenon ao lado das estatuas de Phidias, como o poeta dos *Martyres*, a pedir inspirações aos capiteis derrocados da cidade de Solon; não foi como o cantor de *Jocelyn* remogar o alaúde ao murmurio das ondas do Bosphoro, que vão oscular Stamboul em suas muralhas eternas. Não! Na terra abençoada de seus pais, sua alma sabia palpitar á sombra dos coqueiros no estalar dos leques, no ciciar das brisas, nos nevoeiros de um luar sombrio, no ultimo raio do sol a broxlear nas vagas, qual pallida lampada no sacrario do templo. Erão as notas de sua harpa — tristes ás vezes, como as lagrimas do Tasso nas pedras da masmorra, ou como as recordações de Chénier na vespera do supplicio; outras vezes — altivas e sombrias como os vapores de Byron, cujos cantos no dizer do poeta, semelham : — o adeus do cysne na hora do passamento. Childe Harold foi-lhe o poeta do coração.

Um dia, correndo as cortinas de seu leito elle se alevantou cantando a aurora que lhe sorria fagueira como um labio de noiva, mas seu canto era lugubre como o pio do mocho que presagia o morrer; — tão triste, como o gemido extremo de extremo soluçar. O sol foi-se encravar em chão de negro e a morte baixando



em nuvens pretas quebrou sua lyra no angulo dos mausoléos; destemperou suas cordas com fetido bafo que exhalou das tumbas e sua voz descahiu... e morreu... Que importa! Seu canto perpassado de melodiosa angustia, eterno echoará nas fibras d'alma, como a prece do peregrino nas abobadas sombrias das catacumbas de Roma!

É uma lapida que o Brasil deve aquecer de pranto! Não foi um nome que se apagou, uma gota de menos no oceano da vida, um corpo frio n'um leito de cal — foi um busto que o Brasil perdeu para a galeria das grandes intelligencias, — um astro de menos no céu de seu porvir, — uma cabeça que lhe sonharia um monumento e uma penna que o gravaria em marmore, — foi um cysne implume que se alou nas azas do anjo, deixando louros da terra, para perfumar-se dos risos de Deus!

E que saudades tão tristes nos deixou!...

E o peito de um pai que rala angustias, que segredava um futuro tão de encantos e luzimento, nessa fronte engrinaldada pelo talento, abrilhantada pelo genio, aformoseada pela esperança de amanhã?...

E a desolada mãe, que crava beijos de fogo em labios frios, que estreita um cadaver em angustiado transe, pedindo vida a uma palpebra chumbada, fallando em balde e sempre a um corpo exanime... enregelado... e quedo?...

Pobres! — Não ha conforto aqui na terra que serene

esse volcão de suspiros, que seque a fonte de lagrimas e gemidos que uma agonia veio cavar fundo em vosso amor! Chorai — chorai um sol que se apagou, — um lyrio murcho, — um presente sem vida, — uma vida sem futuro! Chorai — pregados á cruz de vossa afflicção e desespero, como Magdalena abraçada no Golgotha, e olhai para Deus até que elle vos diga : — basta!

FELIX XAVIER DA CUNHA.

---

Escuta, é cedo ainda, porque fôges?  
Não tem o dia a aurora, a noite estrellas,  
Os campos flores, e a folhagem brisas  
A murmurarem tépidas?

E as ondas que mansas se espreguição  
Á noite, quando o sol descamba palido,  
Não tem arcanos que sedusem a alma,  
Não tem primores?

Não tens os peitos dos fieis amigos,  
P'ra nelles derramar as magoas tuas?  
Não tens a irman c'o riso seductor  
E a mãe tão cára,



Que a fronte te acalore esmorecida?  
Escuta, é cedo ainda, por que fôges?

---

Soldado da tua idéa  
Caminhaste fronte altiva,  
Não pungiu-te — a d'esperança  
Por que tinhas a fé viva;  
E quando alguém te apontava  
O futuro que enganava  
Os teus almejos de poeta  
Mostravas co'a fronte erguida,  
A carreira percorrida  
No horizonte pela sétta.

Pendida a face pr'a o seio  
Meditaste teu viver,  
E quando chegou a hora  
Que te forçou a morrer,  
Lavaste a mão de guerreiro  
No sangue do almo cordeiro  
Do rebanho do Senhor :  
Alma rigida, sem ira  
Abraçaste tua lyra  
No ultimo abraço de amor.

---

E ella a pobre coitada  
Vacillou, estremeceu,  
E suas cordas vibrão  
Como um cantico do céu;  
Por entre o pranto sumida  
Era uma queixa sentida,  
Era uma infinda vontade  
Que real não poudeser,  
Era um continuo diser  
As magoas de uma saudade.

---

E além murmurava o canto extremo  
Do cysne que nas trevas se atufou;  
E na órla do horizonte... desmaiada  
Uma voz s'extinguiu... tremeu... chorou.

---

Morreste viajor, na impia cidade  
De tuas sandalias sacudiste a poeira,  
E lá no teu dormir gelado e fundo  
Teu anjo vella á tua cabeceira.

E sobre a terra, a mó de povo em furia  
Busca, no embate sanguinoso, a gloria;  
E tu — tens lá no céu remanso ameno,  
N'um coração de mãi tua memoria.

---



Morreste, em tua rapida passagem  
Fundo marcaste o sello de teus feitos;  
Era brilhante o teu futuro de homem,  
Sorria a fama, te aguardavão preitos.

---

E pois desconfiado, esvoaçaste,  
Fendeste os mundos, te abrigaste aos céos,  
Eu que tardio demorei-me ainda  
D'aqui te envio o derradeiro adeus.

A. C. RIBEIRO D'ANDRADA MACHADO E SILVA.

---

Em manso adejo desflorando a terra  
Passou um dia o cysne peregrino,  
E harmoniosos quebros gorgeando  
Despareceu nas nuvens!

B. J. DA SILVA GUIMARÃES.

Vôa, não pares, ó genio, que a tua vida é breve! E  
qual rapido raio de luz que passa no horizonte em noite  
de procella, no céu além se esvai! Vôa, sim, sobre tuas  
azas d'ouro a demandar em regiões ethereas o que na  
árida terra teus avidos olhos de balde buscão — Felici-  
dade, palavra vaga e mysteriosa com que a esperança  
enganadora envolta em traição nos embala em illusões,

desde o primeiro arfar de vida, até que horrido phantasma, ennegrecido pela mão do Senhor, venha dizer-lhe : Poeta, porque corres? depõe a lyra, tua gloria é esta! Ella, a campa avara com seus horriveis, insondaveis misterios. E curvado, submisso, qual escravo ao mando do senhor, tremulo recebe com a destra a taça de amargo veneno, com que a mão da morte vai dene-grir seus roseos labios!

É então que elle vê a harpa harmoniosa á cujas notas, myriadas de povos, se curvavão respeitosos diante d'ella, quebrada na terra para não mais cantar, porque o poeta é peregrino, sua patria é o céu!... É lá que elle vae cantar como Byron sua peregrinação na terra, esse genio da antiga Albion, que em sua imaginação esbrazeada, cansado de soffrer as vicissitudes da sorte, povoa novos mundos, canta novos prazeres em meiga soidão, patria da morte, para servir-lhe de asylo em horas de tristeza. E nessas horas em que a mente obumbrada ao povo do infortunio, comsigo exprime em linguagem silencioso a dôr, o poeta ainda é feliz, porque a Musa, companheira inseparavel, lhe segue sorrindo até a campa, a campa horrivél, mas que a seus olhos é um somno de longo dormir, para acordar-se na Eternidade ao brilho d'essa luz pura e doce, que se espalha ao redor dos homens justos — Felicidade Eterna.

E tu, por quem hoje cobrimos de lucto o templo da sciencia, tu, que como Byron sabias comprehender o perfume e a sublimidade da poesia, acceita as home-



nagens, que te rendem nossos irmãos de letras, reunidos n'este recinto, no qual a corôa de virentes louros do triumpho das sciencias deveria coroar tua fronte tão jovem, e de tão profundos conhecimentos na sciencia e na litteratura. Morreste sim! mas como Gilbert tomando no ultimo momento a lyra, pressentistes rogar sobre tua fronte as azas da morte, e disseste — Se eu morresse amanhã? — Mas debalde! o céo não quiz!...

Eu te saúdo, o genio Brasileiro, no teu occaso adormecido.

ANTONIO CARLOS CARNEIRO VIRIATO CATÃO.

---

Só a virtude impera além do tumulo, e perdura pelos seculos sem dobrar seu vigor ás futilidades do mundo.

Quando o homem, Senhores, vêem carpir no sombrio silencio dos tumulos a perda de um amigo sincero e leal, de um amigo devotado e extremoso, cumpre por sem duvida um dever profundamente humano e religioso; quando porém a patria vêem prantear a morte prematura do filho predilecto, que formava uma de suas glorias, uma de suas mais bellas esperanças, então, Senhores, o sentimento é mais que profundo, é um colosso sublime, que se arvora nas fluctuações da sensi-

bilidade, como um pedestal indelevel, que deve immortalizar seu nome prestigioso.

E com effeito, Senhores, esse joven tão amavel, em cujos labios ainda se deslizava o sorriso da infancia, e para quem o futuro se ostentava immenso e grandioso, infatigavel no esmero de suas fadigas, e portentoso em suas concepções, ainda nos primeiros arroubos de seu enthusiasmo, já havia penetrado esse involucro tenebroso da sciencia, e escalado a muralha de bronze, que offusca o esplendor dos grandes pensamentos nas trevas da ignorancia.

Dotado de aspirações tão vastas imaginai-o, Senhores, transpondo as raias das Sciencias Juridicas e Sociaes, e guindado lá por sobre os encantos da litteratura, entoar seus hymnos ao poeta inspirado, a esse Byron de imaginação divina, que era o objecto querido de seus sonhos. Ah! Senhores, nós o vimos tambem no extase d'esse sentimentalismo seductor, que faz do homem um heróe, um semi-Deus electrizado pela uncção da poesia. Elle sorria-se aos canticos celestes dos seus amores, mas tambem reclinada a fronte sobre a palmeira do deserto, modulava a lyra do poeta internecillo, e chorava as misérias humanas.

Quando n'este sanctuario augusto da sciencia, no meio de uma scena igualmente luctuosa, vinhamos outr'ora render as ultimas homenagens ao nome glorioso do nosso amigo e collega Coelho Duarte, elle chorava sobre seu tumulo, e escrevia as consolações do



poeta. Mal soubera então, Senhores, que n'este momento solemne nossas lagrimas correrião copiosas sobre sua lembrança, e que o Corpo Academico, e a Patria tão cedo sentiria esse vacuo immenso nos annaes dos jovens amigos, e esperançosos. Sim, Senhores, ninguem o pensava, porque ao homem não é dado perscrutar os mysterios do Creador. Elle o quiz, e sua vontade é uma lei imperiosa, cujo poder o homem contempla absorto na fé da Religião, sem comprehendel-o na existencia do seu nada.

Deixemos pois tranquillo dormir o somno dos mortos esse amigo, cuja perda nós deploramos, e permetti, Senhores, que ao jovem Companheiro nas lidas de quatro annos ainda uma vez rendamos nossas saudosas saudações.

JOÃO PIRES DA SILVA JUNIOR.

---

O dia de amanhã não vos pertence;  
Amanhã... amanhã... porvir... futuro...  
Problema d'esperança, ou tudo ou nada.  
.....  
E no meio de tantas ironias,  
De sonhos, d'illusões, d'engano e nada  
Cuida-se o homem rei... vaidade humana!

DR. D. J. G. DE MAGALHÃES.

Quantas vezes no céu puro e sereno,  
Uma nuvem se quer não vendo ao longe,

De repente notamos ponto negro  
Manchando o azul celeste,  
E depressa e veloz a dilatar-se  
Pela dos astros região sublime?  
Quantas vezes nos ares assomando

Procella carrancuda

Fugir não faz o dia espavorido,  
E apaga a luz que o mundo esclarecia?  
Quantas vezes contente o nosso espirito  
Não se expande adorando a natureza,  
Mas logo em trevas, por idéa triste

De chofre accommettido,

Bem dentro de si mesmo se concentra  
Nos peitos de crepe revestindo?  
Inda ha pouco orgulhoso este recinto  
Trajava festas, ostentava gallas,  
E era o pavimento salpicado  
De prazenteiras, de viçosas flores;  
Mas hoje sobre o chão seccas, chorosas,  
Atiradas se vê só flores tristes,  
Que d'ossos n'um torrão tão só vicejão.  
Inda ha pouco a entoar alegres hymnos

O horóscopo cantava.

Nos animados, nos contentes rostos,  
Scintillava o prazer; e lá fagueiro  
O futuro lizindo apresentava

Corôa radiante,

Que devia talvez cingir a fronte



D'este mesmo recinto, que enluctado  
Pelas azas do anjo do sepulchro

Prantea o passamento

Do joven vate, do chorado socio,  
Que altivo defrontou c'o a féra morte,

E que altivo cahio

Beijando as plantas, descarnadas, osseas,  
Negras, empoeiradas,

Quando da gloria a estrada perlustrava :

Sumiu-se, sim, sumiu-se qual estrella

Que ufana no horizonte se mostrando,

Não vê a denegrida, immovel nuvem

Que pretende roubar-lhe a luz divina

Encerrando-a no vasto, opaco seio.

Apagou-se, morreu, morreu pr'a sempre

A luz que resplendendo

Em o vasto horizonte da sciencia,

Já c'os raios seus brincando sempre

Nas faces do futuro

Roubar-lhe as negras côres

Transformando seu rosto carrancudo

Em placido semblante,

Estalando quebrou, cahiu por terra,

Mais este poderoso, egregio fuste!

Pobre moço.... tão moço.... e já na campa !

Quantos thesouros não soterra a lousa !

Sumiu-se sua voz ; jaz enterrado

Envolto nos lenções de frio leito

Onde dorme c'o rei triste mendigo  
O moço de talento em cuja cithara  
Tão grandes esperanças s'enroscavão ;  
O futuro tão bello que fulgindo

No horizonte da vida

Espera o genio pr'a croar-lhe a fronte  
Tambem cahiu na lousa ! Que mais resta ?  
Uma idéa tão só, triste, pungente  
De vagar passeando ante a memoria  
Os nossos corações estortegando.  
Sim, tudo que é terreno desaparece.  
De tantas perfeições, que recamavão  
Essa vida que nós hoje choramos,  
Só a virtude ficou, illesa, augusta  
Pr'a junto ao throno do Senhor dos mundos,  
O passado advogar do joven probo,  
Que o caminho seguiu por Deus marcado.  
Só a virtude ficou illesa, augusta

Pr'a escancarar-lhe as portas  
Da gloria, do salão da Eternidade.  
Tyrannos, que regaes de sangue a terra  
Adiante de vós lá vai a morte  
Aguardar-vos sentada no fastigio  
Das grandezas ephemerass do mundo.  
Impassiveis magnates deslumbrados  
Pelo ouro que cobre esses vestidos  
Vêde a morte cruel, inexoravel.  
Não se deixa vender, tentaes debalde



Cegar-lhe os olhos c'o luzir do ouro.  
Essa riqueza vã ella repelle,  
Esses aureos galões á terra entrega.  
A virtude, a virtude nosso escopo :  
Tudo mais é terreno, ao pó se junta.  
Aonde está o talento que choramos,  
O nosso amigo que comnosco junto  
Nos adjudava no lidar insanno?  
Separou-se de si, deixando á terra  
    Seu corpo que é da terra,  
E fez voar a Deus su'alma egregia  
Pr'a com elle viver, viver c'os anjos.  
Lá na egregia mansão recebe o pranto,  
Ouve o gemido da saudade nossa.  
Nós te choramos por perder o mundo  
Uma alma ingenua, poderosa e forte  
No crysol da virtude depurada.  
Adeus, esp'rito feliz, por nós depreca  
Ao arbitro do mundo, ao Ser dos Seres.

JOSÉ DIOGO DE MENEZES FRÓES.

Que fatalidade ! meu pai.

A. DE AZEVEDO, *ao morrer.*

Uma por uma vão cahindo todas as esperanças da vida, como aquellas gotas frias e monotonas que de espaço a espaço cahião do tecto humido da prisão de Esmeralda. O astro que se levanta bello e radiante, como são os brilhantes do céu, some-se em breve em volto no manto negro da tempestade : a flôr que se desprende às auras matutinas — murcha-se á calma de meio dia, ou quebra-se ao vento frio da tarde. E porque, senhores? É que a vida será uma chimera, a esperança um sonho, o futuro uma decepção? Digão-no as nuvens que passam, as estrellas que empalidecem. Nos cantos magoados de Ossian chora o guerreiro de Inasfail ; morto de saudades, pensativo no ermo, tendo apenas por companheira a columna derrocada da terra classica da Grecia, definha o louco — entusiasta cantor de D. Juan.

O pensamento do futuro é vario como um pensamento de homem : o calculo da vida é incerto e traidor como o espelho das ondas. E o que é a vida? folha secca que o vento leva, ave perdida na amplidão dos mares? não, é uma hora da eternidade, é um tempo do infinito, mais ou menos calculado no pensamento de Deus.

Não o viste — esse moço de quem tendes tantas saudades? — Elle scismava na sua hora extrema, mas



scismava com a lucidez do moribundo; e já um pouco allumiado por um raio do céu, mas ainda soluçando á vida o seu ultimo adeus, murchos os labios ao sopro gelado da morte, e languidos os olhos á nevoa eterna do sepulchro, como que intermediario entre a divindade e o homem, inspirado, propheta de um mundo desconhecido, dizia ao triste que ainda lhe sustentava a fronte, e que via a cada instante voarem as suas esperanças — que fatalidade! meu pai.

Pobre moço! que pensavas em um futuro tão lindo, que sonhavas com tantas corôas! porque tão tarde te desenganaste? Era um genio, senhores : naquella fronte pallida e bella, como a fronte de Gilbert, lia-se a imaginação de Chatterton e Werther, com a placidez de Werner e de Uhland. Era um homem de futuro; ao menos desses poucos que pregando ao hombro a sua divisa de cruzado, sacrificando prazeres mesquinhos a essa realidade que se lhe antolhava como a sua estrella d'alva, lobrigava um porvir esperançoso no horizonte embora acobertado de nevoeiros. Era o marinheiro, que ás lufadas do furacão, por entre o céu da tormenta, lá divisava a salvação no ponto brilhante que luzia como o anjo da sua guarda.

E entretanto — morreu! era que a sua missão já tinha sido cumprida. Ave do céu, pairou apenas sobre a terra, como a andorinha do inverno que apenas busca um abrigo : mal se poudo equilibrar : adejou e adejou muito, e tanto, que sumiu-se! E qual foi sua missão?

passar, passar apenas pelo mundo, como as flores murchas que o vento atira a corrente.

Agora dorme elle um somno longo e socegado : com a sua viagem findou o seu dia ; sacudiu o seu manto da chuva humida da vida, teve pousada no céu, e dorme aquecido pelo manto da Virgem — á sombra eterna das palmeiras do paraíso.

Entretanto, senhores, deixou-nos um legado : é a sua memoria que irá voando como as brancas pennas do condor que o vento da tempestade arranca do alto das serranias. Não o desperteis do seu somno ; se o quizerdes ver, fazei como Ilaydéa a grega ; fechai os olhos que vél-o-heis no coração.

MANOEL ANTONIO DUARTE DE AZEVEDO.

---

O sol nasceu apenas : peregrino  
Porque teu passo afrouxa fatigado ?  
Não é doce manhã — e a paz respira  
Na terra.... e ar.... e céu tão socegado?

Luz que cercou-te a fronte ao nascer d'alva  
Não te aponta o porvir, o mundo, a historia ?  
A viração que passa murmurante  
Não é teu canto nobre de victoria?



Na margem do caminho porque estacas,  
E mortecido teu olhar parece?  
Porque do labio á flor um ai te morre,  
Como a vaga nas praias adormece?

É teu ai derradeiro que ha-de eterno  
N'um coração de mãe viver guardado,  
Como a innocencia vive em peito infante,  
E o puro incenso em peito recatado!

Nasceu-te d'alma! — é canto de soluços,  
Raio que finda á sombra de uma cruz,  
Perfume da saudade evaporado,  
Da estrella que se apaga ultima luz!

O sol nasceu apenas : peregrino  
Porque parou teu passo fatigado?  
Não é doce manhã — e a paz respira  
Na terra.... e ar.... e céu tão socegado!

Inda em botão — no alvor da juventude  
Vês claro aqui e além escuridade;  
Foi o anjo da morte que mostrou-te  
Entre murchos laureis.... a eternidade!

É o destino, mancebo! a gloria mata,  
Os sonhos d'alma são uns beijos loucos!  
Mas quando a sêde inda nos séca a vida,  
Quem no somno ficou? — talvez bem poucos!

É que as gottas de orvalho embebe a terra ;  
É que os frocos de espuma espalha o vento ;  
É que entre a dor e a esp'rança o homem vive,  
E o pranto lhe precede o nascimento !

Mas tua dor foi celeste ! — no futuro  
O teu olhar prophético perdeste ;  
Resaste a Deus, poeta — e assim tranquillo  
No marco do caminho — ahí morreste !

Inda a manhã reluz, a tarde é longe  
— E tu não voltas, ó meu caro amigo !  
Oh ! quando á noite creio ouvir-te o passo,  
Vai-se sumindo ao longe... embalde o sigo !

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

---

Un tombeau est un monument placé sur  
les limites des deux mondes.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE.

Senhores !

Quando, não ha muito tempo, ouviamos ufanos levantar-se neste recinto a voz eloquente e harmoniosa de um de nossos mais illustres consocios, e altivos ap-



plaudiamos os vôos da imaginação enthusiastica de um joven cheio de esperanças e de futuro, de certo ninguem ousaria presagiar que hoje nos havíamos de reunir aqui para chorar a perda dessa flôr, que com seus perfumes vivificava a nossa Associação.

Mas quem ordenaria que tão cedo a morte viesse com seu sopro funereo bafejar aquella fronte em que brilhavão a intelligencia e o enthusiasmo de um filho do solo americano?

A Providencia! a Providencia, que não quiz que por mais tempos habitasse entre nós quem merecia mais elevada morada. Ella quiz que soffressemos um golpe tão duro, nós que nunca prestamos o devido culto a tão excelso talento e a tão sublimes qualidades.

Se por uma disposição natural para a virtude, os tumulos e os grandes homens nos inspirão uma veneração profunda e tocante, nascida da pratica do bem, e dos beneficios esparsos durante o seu rapido trajecto neste mundo de illusões e de torpezas, por outro lado, quando se abre um tumulo a um joven que cheio de ardor e já coberto de triumphos que annunciavão o genio, estreava uma vida que toda se devia passar no meio de glorias e de ovações, um sentimento de melancolia e de desanimo se apodera de nós, e como que nos arrasta á descrença.

Senhores! — O bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo era um joven cheio de talento e de esperanças, e destinado por suas brilhantes qualidades a occupar

uma posição eminente no mundo social. Nascido em S. Paulo, logar tão notavel pelos filhos illustres que tem dado á patria, e descendente dessa raça heroica e leal que ahi vemos ennobrecendo as paginas da nossa historia, não desmentia a bem fundada gloria de sua provincia.

Elle era dotado de uma alma apaixonada, e quando enlevado pelos encantos da natureza e pelas modulações da poesia, vibrava sua harpa afinada pela mão de Deus, d'ella desprendião-se sons harmoniosos e repassados d'esse sentimento terno e doce que o creador faz germinar no coração dos seus privilegiados. Cheios de elegancia e de belleza, os seus escriptos não respiravão senão patriotismo e enthusiasmo pelo que é grande e sublime.

Faltando-lhe apenas alguns mezes para concluir a sua carreira escolastica, dispunha-se a gozar os frutos de tantos annos de trabalho. O horizonte de sua vida se alargava limpido e radiante de gloria, e a patria orgulhosa e ovante o esperava como um filho que a honrava e ennobrecia.

Mas de um momento para outro se dissiparão todas as illusões — o futuro até então bello e encantador tornou-se negro e medonho. Uma molestia fatal dominou-lhe todo o corpo e o arrasta pouco e pouco á borda do sepulchro, onde em breve é precipitado pela mão inexoravel da morte.

Toda a familia se reúne em torno de seu leito de



morte, de todos o desanimo se havia apoderado -- elle só impavido e resignado, com a consciencia tranquilla, encarando a morte como a recompensa do justo, abraçado com a effigie do Martyr da redempção, e dando um exemplo sublime de uma morte grandiosa, disse o ultimo adeus á sua triste mãe, que debulhada em pranto sentia-se morrer com tão infausto golpe.

E o que resta hoje d'esse genio que audaz se levantava até os céos, onde ia beber suas inspirações divinas?

Um tumulto na terra, e a saudade em nossos corações!

PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUSA JUNIOR.

---

É ainda uma aurora sem dia, que perdeu-se  
na noite de uma tempestade de inverno.

ALVARES DE AZEVEDO.

Porque morreu?! A aurora entre sorrisos,  
E o sol do amanhecer que resurgia,  
E o céu sem nuvens limpido e sereno,  
Deram-lhe ha pouco a saudação do dia!

Inda tão cedo! flôr aberta apenas  
Bem pouco olhou o céu, pendeu á terra,  
Na furias de um tufão cahiu pr'a sempre  
E a fria lage de uma campá o encerra.

Era o porvir o sonho de sua alma ;  
Scismava n'elle a noite adormecido,  
Ao nascer da manhã, á tarde, sempre  
Dos vapores da gloria embebecido.

Tinha as azas do Genio — e foi tão rapido  
O seu vôo no mundo... ei-lo mirrou-se!  
Nem uma esp'rança! sua lousa é muda  
E o branco cysne em seu cantar finou-se.

Erguêra-se do leito a fronte pallida,  
E o coração sem forças pr'a viver;  
Mandou um triste adeus á natureza,  
Cantou inda uma vez e foi morrer.

Deixou no mundo o coração sem vida  
A quem na vida o coração lhe deu :  
Alou-se ao céu e ao senhor nas nuvens  
Sua alma pura, humilde offereceu.

Porque morreu?! E a tarde inda o espera  
Para entoar-lhe o canto da saudade;  
Ai! não mais voltará — Deus quiz ouvi-lo :  
Deu-lhe um poema no céu — a eternidade!

F. DA COSTA CARVALHO.

---



Não me chorem, irmãos! se meu cadaver  
Manchou-se em podridão e same impura,  
Minha alma se acordou : com azas brancas  
Foi ao seio de Deus dormir mais pura!

ALVARES DE AZEVEDO.

Senhores!

Em um dia de luto, em que a mocidade academica, possuida da mais acerba dôr — pela perda de um irmão de letras, procurava um lenitivo á sua justa magôa — satisfazendo aos suffragios prescriptos pela nossa religião, — no momento em que a cerimonia se havia ultimado, deixando ouvir apenas os ultimos echos dos hymnos sagrados, e o soluçar dos amigos e dos irmãos : — então, uma fronte varonil, que ainda na primavera da vida, já deixava distinguir os caracteristicos do talento e da virtude, — rompeu a multidão, e approximando-se do funerario leito para dizer um ultimo adeus aos preciosos restos que ali repousavão, fez ouvir uma vóz eloquente modulada pelos accents da sabedoria, que assi fallou : « Não é preciso que eu venha escrever sobre este tumulo um nome — que vos acorde reminiscencias do passado — que eu vos diga que essa fronte fria é a de um nosso irmão de letras, que aquelle peito pulsou fervente no entusiasmo santo do poeta, e aquella cabeça sublime sonhava no porvir os louros da

gloria, que não as flores murchas e cheias de cinza da capella do finado. »

. . . . .

E sabeis, senhores, — quem era esse joven, que assim nos fallava, carpindo a fatalidade, que sobre nós havia pairado? Conheceis essa vóz eloquente, tão cheia de attractivos quão digna de admiração?. . Ai de nós! Quão doloroso é disermos com elle, — não é preciso, que eu venha perante esta lugubre solemnidade enunciar seu nome, que nos recorda um tempo mais feliz, em que elle era estreitado em nossos braços; não é preciso que eu vos diga que essa fronte varonil, essa vóz eloquente, era a do nosso consocio o bacharel — Manoel Antonio Alvares de Azevedo, cuja cabeça sublime sonhava no porvir os louros da gloria, — que não as flores murchas e cheias de cinza da capella do finado. Mas ah! Que disse eu!... Uma pergunta vos suscitei... eu a vejo assomar em vossos labios!... Onde pois está elle, quereis dizer, que não veio como outr'ora auxiliar os nossos trabalhos? Porque não compareceu á hora da peleja?... Oh! não profirais essa phrase, por isso que então, força será dizer-vos :

Porque na fronte os louros do poeta  
E da louca ambição febris venturas?  
Como a onda na praia o sonho estalla  
E mirrão-se os laureis nas sepulturas!

ALVARES DE AZEVEDO.

Sim, senhores! Eis a triste realidade, que o Ensaio



Philosophico hoje prantea, commemorando o inesperado passamento d'esse irmão querido, que agora jaz na funeraria campa, gozando o descanso eterno!... Porém, senhores, que triste antithese se offerece a nossa contemplação!... Ainda ha pouco cheio de vida e de talentos, conquistando os louros academicos, grangeando a estima de todos aquelles que tinham a dita de conhecê-lo, fasia a ventura de sua familia e dos seus amigos; e hoje? Redusido ao nada!... He certamente um quadro repugnante para aquelles, que como nós, — partilharão suas fadigas, presenciando com admiração os gigantescos passos com que progredia — na brilhante vereda, que havia encetado!... Quão precaria é a condição do homem! Vida... Talentos... *Essa gloria, que presentia em seu futuro... Essa aurora de porvir e de manhã...* Tudo em um só momento se estinguio!...

Sim, realisou-se a fatal lei do exterminio; — mas a sua memoria não desaparecerá á entrada do tumulo, nem os laços da vida dissolvidos pela fatalidade, — extinguirão já mais a lembrança da amisade e o respeito devido ao merito; a dôr não apagará os vestigios de suas nobres acções, enquanto a historia do Ensaio Philosophico Paulistano — offerecer á nossa apreciação os serviços que lhe forão prestados.

Mas, senhores, — para que perturbar o silencio do tumulo? Para que revolver tão preciosas cinzas? Para que essas infructiferas lagrimas? Para que enfim clamar contra essa fatalidade? Si ella, ai de nós! é a von-

tade do Todo Poderoso? E enquanto o athêo procura debalde saudar os arcanos de Deus, e seu espirito confuso se emmaranha no dedalo do mysterio, — o Chris-tão deve respeitar essa vontade sagrada, curvando-se humilhado ao alto poder que a promulgou. Deixemos pois em repouso esses restos preciosos; entreguemos á morte os seus despojos, e exultemos de possuir aquillo que ella jamais nos poderá roubar : a memoria do Bacharel — Manoel Antonio Alvares de Azevedo, que sempre será grata aos ouvidos dos seus contemporaneos.

E tu, sombra querida, lá do empyreo em que te achas, acolhe o adeus saudoso, que hoje te dirigimos : recebe mais esta lagrima — derramada sobre a lousa, que para sempre te occultou á nossa vista : — ella não é a offe-renda da vil lisonja, — é a dadiva leal e sincera de um amigo, que sempre chorará tua perda, e bem dirá tua memoria.

E vós, Soberano Senhor, — derramai sobre a sua alma a abundancia de vossas misericordias, aceitai os sacrificios que por ella vos offerecemos, e fasendo com que repouse no seio das delicias da vossa celeste morada, dignai-vos attender á sua prece tão cheia de unção, que assim vos diz :

Se no passado errei, se te esquecia,  
Se a blasphemia correu nos labios frios,  
Perdão, Senhor meu Deus! que a febre insana  
A minha alma perdeo nos desvarios!  
Despi como o Propheta o manto escuro,



Lavei na campá da existencia o erro !  
Eis-me puro, Senhor ! banhada a fronte  
Nas aguas sanctas e lustraes do enterro !

JERONIMO JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR.

---

On ne doit pleurer ceux qui dorment dans  
le sommeil de paix, comme si on n'avait point  
d'espérance.

BOSSET.

As terriveis impressões porque passou minha alma, a  
dôr intensa que me lançou no abismo da agonia, e mer-  
gulhou me no pégo das decepções, vós o sabeis, amigo,  
lá mesmo do mundo da verdade para onde vôu vossa  
alma. Eu não venho, n'esta occasião solemne, senão dar  
aos sentimentos a expansão que exigem, para que não  
morrão suffocados no estreito circulo de meu peito. Como  
amigo e companheiro de letras, não posso deixar de  
acompanhar a justa dôr que a Illustre Associação mani-  
festa hoje pela morte do mui digno socio o Bacharel  
Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

Quando o homem, identificando-se com um futuro  
luminoso que aguarda a intelligencia mesmo lá na ex-  
trema de sua peregrinação terrestre, como o proscenio  
às portas da eternidade, que lhe serão escancaradas,  
descortina o lisongeiro quadro dos preclaros feitos de

talentos em bem da patria, da humanidade, e em gloria do ser; o espirito humano se aniquilla e de si mesmo duvida, si, fazendo ouvir seus direitos, a inexoravel morte corta o fio de tão preciosa existencia. O espirito mais calmo, das puras regiões da verdade seria arrastado ao scepticismo; e em sua descrença, com agigantados passos, profanaria o recinto augusto da Divindade, si por ventura a fé, reflexo de Deus no espirito do homem, não estendesse suas salvadoras mãos, reedificando as sanctas crenças, que baqueavão. Ella serena as tempestades sobranceiras, e nos revella a necessidade do facto, como realisação dos planos da Providencia.

Morreu! Fatalidade! Onde essa fronte virente, séde de tão ferteis concepções — esses labios d'onde se exhalavão as flores da imaginação de Lamartine ou Petrarca, de Ossian ou de Byron! Tudo está subterrado na lousa; mas sua fama será immorredoura e seu nome com letras de ouro será gravado no Pantheon dos povos.

Sim, o ser cuja morte hoje pranteamos, foi uma d'essas intelligencias, um d'esses espiritos raros, que apparecem no mundo de quando em vez, e que cedo e rapido vão ao Empyreo — um d'esses corações depurados pelo crisol da virtude, que se não dignão demorar na terra em contacto com seus vicios e miserias: qual raio de luz no meio das trevas, assim são elles no meio da corrupção. Deus bem cedo os chama, e a humanidade eternamente os chora.

Eia, uma lagrima sobre a campa, e reste-nos a conso-



lação da consciencia da dôr e da saudade, e a conservação de monumentos que legou a posteridade, onde o espirito do crente, do philosopho e do poeta se achão estampados com indeleveis caracteres.

JOSÉ MARIA CORRÊA DE SA E BENAVIDES.

---

Que te fizemos nós que te assim tão cedo  
Teus amigos deixaste?  
Tu não vês que choramos?  
Choramos e por ti.

MAGALHÃES.

Senhores!

A vida humana, tão cheia de vicissitudes, tão inconstante, volve sobre um eixo de tal sorte fraco, que muitas vezes basta um sopro para derriba-la; a vida humana, ás vezes tão cheia de encantos, é um dom tão precario que, quando d'ella nos julgamos mais possuidos, um acontecimento inopinado no-la rouba para precipitar-nos nos insondaveis abysmos do nada; *é a vida humana finalmente* um peregrinar de tal modo perplexo, que nunca lhe podemos assignalar o tempo de duração, nem os caminhos que ella tem de percorrer antes que chegue ao periodo de seu anniquilamento completo.

É por isso que ora vemos o soberbo magnate, no mo-

mento em que mais delicias se lhe preparão, cahir para nunca mais erguer se; é por isso que ás vezes presenciámos arrancar-se dos braços da mãe desvellada o filho que lhe servia de arrimo; é por isso também que vemos, ante um sopro, esvair-se as mais bellas esperanças, e um porvir inteiro de glorias, quando se rouba o joven de talento do seio de uma familia desolada, e da patria que se deleitava ao contemplar o filho predilecto.

E seu desaparecimento é mais lamentavel — quando se realisa no instante em que elle se achava prestes a ver sua fronte coroada de louros pelo ultimo triumpho, e quando o mundo lhe abria os braços. Oh! então mais intensa deve ser a dôr de quantos o conhecião! Trabalhar incessantemente no desenvolvimento de sua intelligencia, e morrer sem ter colhido o fructo de seu trabalho! Passar insomnias e vigílias, e receber em paga o frio marmore de um tumulo! Praticar a virtude e ser interrompido por um golpe inesperado! Amar extremosamente sua familia e sua patria, e privá-la tão cedo de tão grande affecto! Oh! tudo é doloroso! E no entanto o nosso infeliz consocio — Manoel Antonio Alvares de Azevedo — passou insomnias e vigílias para esclarecer sua alma da luz eterna da verdade, e não pôde colher os fructos; praticou a virtude, e foi impedido de continuar a practica-la; amou extremosamente sua familia e sua patria, e nem se quer pôde continuar a ama-la! Desappareceu ao sopro gelido da morte, e com elle se



foi um amigo dedicado, um filho respeitoso, um cidadão capaz e instruído, deixando em nossos corações um vazio eterno, privando sua família de um arrimo infatigável, e sua pátria de um astro brilhante que devia luzir em seu firmamento.

Ei-lo a prever que era chegada a hora suprema, e de seu punho sahem os sentidos versos — *Se e morresse amanhã.*

Ei-lo padecendo angustias e torturas, e nunca atterdorias blasphemias; ei-lo prestes a expirar, e sempre um respeito profundo aos decretos do Altissimo, sempre uma união admirável!

Bem viu Deus que a terra não era digna d'aquella alma ardente, d'aquelle espirito abundante de poesia!... e foi por isso que o arrebatou de nós! Não quiz que sua alma sublime se emmaranhasse nas torpezas do mundo! Fez que este o conhecesse para chora-lo; mas não quiz que elle conhecesse o mundo para não ver o mal que lhe corroe as visceras.

Privou-o das illusões traioeiras e levou-o a habitar o reino da luz, a gozar a verdadeira tranquillidade, a legitima ventura na eternidade! Era alma feita para o céu que o mundo não devia possuir! Viveu, viveu quanto era bastante para que hoje o pranteemos; morreu, morreu, como morrem os anjos, para que festejemos sua ascensão ao céu!

Viveu; como tinham vivido Descartes, Bacon, Malebranche e Locke — dedicando-se ao estudo do espirito

humano; viveu, como Blair e como la Harpe, estudando a litteratura; viveu, como Byron, como Sá de Miranda e como Ferreira, cultivando a poesia, essa poesia emanada do Altissimo, e concedida a seres privilegiados! Morreu, como sóem morrer os que na terra antevêm o céo, como Agostinho, como Francisco Xavier, como o rei Luiz, como João de Castro, tranquillos de consciencia, e com o pensamento em Deus!

Sua morte deve ser pranteada pela patria que n'elle via um dos elementos que devia constituir sua futura gloria; mas não devem pranteal-o seus amigos e parentes, tão certos que, um dia, hão de ir gosar a seu lado as immorredoras recompensas destinadas aos justos.

Cessai pois de chorar, parentes, amigos desvellados, por que elle se acha no seio do Eterno em porto de salvamento!

E vós, Soberano Senhor, cessai o flagello com que nos perseguis — talvez por nossas culpas; abrandai a ira, que, durante successivos annos, tem roubado os nossos melhores irmãos de letras, muitos dos quaes tem exhalado o ultimo suspiro, tem visto passar a hora derradeira, ausentes d'aquelles cujos carinhos lhes poderião adoçar o caliz de amargura!

Ah! Senhor, ainda nos achamos no começo de nossas fadigas annuaes, e já temos perdido dous de 'nossos irmãos!

Minorai os males que pesão sobre nós, para que não tenhamos de, supplicantes, repetir-vos continuamente



as palavras cheias de sentimento e de unção do nosso chorado consocio, quando, com a consciencia de seu proximo fim, volvendo os olhos para os que mais o estimavão, e para seu pai inconsolavel, exclamou : Meu pai! que fatalidade!

MANOEL FRANCISCO CORREIA.

---

Amisade, illusão que os annos somem.  
Amor, um nome só bem como o nada,  
A dôr no coração, delicias n'alma,  
Nos labios o prazer, nos olhos pranto,  
Tudo é vão, tudo é vão, excepto a morte.

G. DIAS.

Consenti que entre flores de eloquencia  
Um funéreo cypreste se levante  
De dôr curvado, os ramos luctuosos,  
A funebre raiz em chão de morte.  
Eis-nos hoje do dó trajando as vestes,  
O adusto coração em dôr immerso,  
Olhos demissos de pezar e prante,  
Roxa saudade nos enlucta a face.  
Não é que a patria que soluça e geme  
Visse em seu sangue imigos ferros tintos,  
Não é que de grilhões a tyrannia,  
Nos arroche de novo os livres pulsos;  
São suspiros de dôr e de saudade,

São lagrimas da infancia brasileira,  
Que geme hoje do immaturo golpe  
« Que tão azinha nos roubára um genio. »

Vate — morreu no viço de seus annos,  
Mal chegou a trilhar da vida a senda;  
Morreu — quando a existencia lhe sorria,  
E um risonho porvir se lhe antolhava.  
Um risonho porvir? sim — de chimeras,  
De esperanza — que n'ella esvae-se a vida,  
Como sonho fagueiro que se extingue  
Fatal realidade apóz deixando!  
Mesmo no leito da cruenta morte  
De dores lacerado o corpo exangue,  
As palavras de um genio se revelão :  
— Fatalidade, meu pai — fatalidade...

Era o carpir do cysne peregrino  
Que as brancas azas sacudio da poeira,  
Depois de haver trinado seus queixumes  
« Repassados de amor e de saudade. »  
Era um genio que havia entrado apenas  
Pelos mares do mundo procellosos,  
E não poudesuster da vida o embate...  
Era bella violeta entre perfumes,  
A meneiar a fronte melindrosa  
Em seu tenue pedunc'lo, ao brando sopro  
Dos favonios que a vida lhe embalavão!



Mas ergueu-se o bulcão, toldou-se os ares,  
Desbotou-se a corôlla tão mimosa,  
E a florsinha... pendeu... murchou... cahio...  
O que lhe resta agora?... a sepultura —  
Murcha coroa de esfolhadas flores —  
Uma vida a gosar lá n'outra esphéra...  
E a nós como legado — uma saudade!

Que ao mundo dos mysterios  
Sorrindo se inclinou,  
E nos chorões da campa  
A lyra pendurou.

P. J. M. RODRIGUES COSTA.





III

ARTIGOS E POESIAS

SOBRE A MORTE

DO POETA ALVARES DE AZEVEDO

PUBLICAÇÃO DE VARIOS JORNAES E REVISTAS LITTERARIAS

---

Onde o poeta ardente, esperançoso,  
Que ao limiar da vida inda sentado  
Hymnos soltava de harmonia cheios  
Desvendando futuros?

Onde essa alma tão grande e generosa;  
Essa fronte de genio erguida ao alto,  
Que a cento e cento borbullhava ousada  
Idéas gigantescas?

Onde pára também esse destino,  
Essas vindouras glorias deslumbrantes  
Que a mente esclarecida debuchava  
Nas vestes do porvir?

Tudo, tudo no abysmo foi sumir-se!  
Com o sopro da tarde a flor murchou-se  
Que petalos abria rescendentes  
De celeste perfume!

Quando teu nome em caracteres d'oiro  
No horizonte da patria burilavas  
Onde foste, mundano peregrino,  
Onde a sorte arrojou-te?

Caminheiro a lutar foi sempre ufano  
Pelos infindos campos da existencia,  
Ora dorme no crepe mortuario  
Dos vivos desterrado!

Tu subiste ás alturas sublimadas  
Onde fulgura Deus e fallão anjos  
Os mares da sciencia roteando  
Com olhos aquilinos.

Mas da morte a secure coifadora  
Veio os vãos cortar, arrecciosa  
Que zombando mais um de seus estragos  
Inmorredôr ficasse!



Caminheiro a lutar foi sempre ufano  
Pelos infindos campos da existencia,  
Ora dorme no crepe mortuario  
Dos vivos desterrado !

Dorme, ó poeta, o somno do jazigo,  
Muito lutaste na affanosa lide,  
Descança agora em paz, soou na campã  
A hora do silencio !

Dorme, dorme, ó poeta, o somno eterno,  
O vèò da vída para ti correu-se;  
Novas scenas p'ra ti vão desdobrar-se  
Dos justos na mansão.

Dorme ! — tuas noites perturbar não quero ;  
Deixa que espalhe apenas sobre a lousa  
Estas flôres mirrhadas que bem mostram  
Minha dôr e saudade.

M. RIBEIRO DE ALMEIDA.

---

Sonho ou delire ? A luz me falta ou vivo ?  
Descri dos céos, do mundo, da ventura ,

Ai ! pobre coração ! soluça, sofre  
— O sentimento no sofrer se apura...

---

Ser de virtude ! porque em meus ouvidos  
Inda não côas lavas de poeta ?  
Porque mais me não dizes do futuro,  
Que tu sonhavas, infinita meta ?

Porque aos braços do amigo já não corres  
A contar-lhe extremados sentimentos ?  
Porque o canto não ergues, desvendando  
Ao mundo os teus divinos pensamentos?...

Tudo é silencio ! — Cala-se a bafagem  
Que os cabellos de joven te beijava,  
E queria apartar da fronte excelsa  
A nuvem que os ardores assombrava...

---

Mas inda ouço-te a voz de sala em sala  
Entre o luto que cobre e extingue a luz :  
— É o écho brando d'essa voz sentida  
Que um Anjo aos lares célicos conduz!...

Ouçõ inda os passos que dizem vida,  
E ora perdêm-se em lethal mudez!...



Gemem as vagas na arenosa praia;  
— Fallão de ti, gemendo, inda uma vez!..

---

E eu te vi... Quanta gloria n'essa fronte!  
— Inda crêr parecias no porvir...  
N'esses olhos que fogo! — Inda abrazou-me  
Os seios d'alma em lobrego sentir!...

Junto do teu meu coração batera,  
Minha mão estreitára a tua mão :  
Fil-o ainda — e a mão nem mais moveu-se  
Nem bateu uma vez o coração...

Então chorei... o meu ardente pranto  
Cahiu-te sobre o peito e te accordou...  
— Ouvi-te segredar no meu ouvido,  
Sentí pulsar o peito que esfriou...

Moveste os cilios negros ; resignado  
E meigo olhar lançaste sobre mim ;  
Fallaste de teus paes... a voz baixinha  
Perdeu-se na minha alma e em céos sem fim...

. . . . .

Foi um momento só! — Delirio ou sonho?  
— Sonho! insania da vida! atra visão!  
Vi a ampa cerrar toda esperança :  
Fatalidade! é bronzea tua mão!...

De lagrimas reguei a fria terra ;  
Muda os prantos contigo sepultou...  
Ó duvida! ó engano! crenças! vida!  
Morrer! morrer! — A mente tresvariou!

---

Creatura celeste! uma vez inda  
Recebe d'alma o extremo intimo adeus!  
E deixa-me sonhar, e nos meus sonhos  
Vem — Poeta! — trazer-me o ardor dos céos!

D. JACY MONTEIRO.

---

Deus quiz ouvil-o,  
Deu-lhe um poema no céu — a Eternidade.  
F. DA COSTA CARVALHO.

Morreu! foi como um sonho venturoso  
Que horrivel pesadello espedaçou!  
Foi um riso nos labios começando  
Que em pranto de repente se trocou!

---

Foi dourada esperança, que descrida  
Para sempre da mente se sumio!



Uma flôr que perfumes exhalando  
Pendeu tão bella e a se murchar cahio!

---

Foi um canto que ouviu-se arrebatando,  
Um som que harpa affinada desprendeo!  
Foi um écho que hosana repetira  
Um poeta tão jovem que morreo!...

---

Voou ave do céu seu vôo eterno,  
Para o espaço de Deus se retirou,  
Pairando as azas em gorgueio edenico  
A terra que lhe ouvira — arrebatou...

---

Era uma estrella scintillante e pura  
No céu da poesia, que brilhava,  
Era Byron ou mais em sua idade —  
Era um genio que o mundo admirava.

---

E um futuro que a mente enlouquecia  
A querer divisál-o... era do céu;  
Bem na terra prophetas não podião  
Rasgar a venda — descortinar-lhe o véo.

---

E essa estrella tão formosa  
Em seu céu pallideceo!  
E esse poeta — esse genio  
Aos vinte annos morreo!

E hoje o que nos resta em troco del'e  
Do talento que tanto careciamos?!...  
Nada mais do que o lucto da sciencia,  
A perda desse ampáro nos estudos,  
Chordas quebradas de uma lyra d'ouro.  
E tu, minha alma, que padeces tanto,  
Falla tambem do pranto d'amizade,  
Liga á dôr que soffreu a intelligencia  
A dôr do coração tão dolorida.  
Que nos resta na terra em troco delle?!...  
Nada mais do que o nome tão lembrado  
A saudade pungente que nos ralla,  
Nos corta as fibras e nos sangra o peito,  
E na mente uma sombra desenhando  
A imagem do que foi esse cadaver  
Deitado lá na cal da sepultura.  
Oh! mas o que valle o que soffremos,  
E os soluços de um pai sorvendo á goles  
O fel da dôr á corroer-lhe o peito,  
Se existe uma mulher enlouquecida  
De joelhos chorando ao pé da lousa  
Da pedra tumular que encobre um filho?  
Onde encontra-se amor assim immenso,



Amor de mãe estremecido e santo?!...  
Esse amor que o mysterio ella só sabe  
Que Deus, nem mesmo Deus, não pôde tel-o!...  
Que saudades tamanhas — que torturas  
Lhe recorda essa abenção derradeira,  
O beijo maternal do adeus eterno!  
E louca pobre mãe — exclama ainda  
« Meu filho » — e não o tem mais neste mundo!  
Já não tem « minha mãe » quem lhe responda;  
Sómente ao longe emmudecido e triste  
S'escuta um écho a repetir — meu filho. —

LEONEL MARTINIANO DE ALENCAR.

S. Paulo, 24 de maio de 1852.

---

A morte, não é um somno eterno,  
pelo contrario, é o comêço da immor-  
talidade!

ROBESPIERRE.

Era um genio! no craneo escandecido  
A lava das paixões dentro bramia!  
Era um'aguia que os páramos fendia  
Em busca do impossivel! Era um descrido!...

Era o genio do mal! Satan na fronte  
O estigma de Byron lhe estampou!

E su'alma no abysmo resvalou  
Abrindo no Brazil novo horizonte !

Tinha sangue de mais ! Era-lhe a vida  
Horriavel pesadello ! Amava a gloria !  
E podéra dos tempos na memoria  
Seu neme gravar de « Genio suicida ! »

Em meio aos histriões, a liberdade  
Tinha em su'alma um culto fervoroso !  
No porvir antevia o sol formoso  
O Santelmo de luz da mocidade !

Era a luz do progresso ! O povo escravo,  
Remordia os grillhões do despotismo !  
O quadro do passado, o torvo abysmo  
Chamava-o lidador, poeta e bravo !

Dorme cantor ! A mocidade chora  
Sobre a lousa que guarda os restos teus !  
Tua morte precoce ella deplora  
Porque o genio, poeta, é quasi Deus !

PEREIRA ROÇAS.

---

Um amigo nosso dirigiu-nos a seguinte carta, que  
nos apressamos a publicar, sobre a prematura morte do



Senhor Manoel Antonio Alvares de Azevedo. A sentida imitação dos versos do joven poeta com que termina a carta do nosso amigo deve merecer a attenção dos leitores.

« Appreciador do merito, talentos e qualidades do erudito mancebo cuja preciosa existencia acaba de finar-se, não fui o ultimo a pagar-lhe o tributo de minhas saudosas lagrimas : foi sob a impressão do geral sentimento e da pungente magoa que enluta o coração de seus verdadeiros amigos que devorei com os olhos razos d'agua a tocante noticia que de tão triste successo deu hoje o *Correio Mercantil*, e os melindrosos versos (por si sós bastantes para fundar uma reputação poetica) que com tanta propriedade denominou o canto do cysne. Do fundo d'alma, e como um accento de dôr, escapou-me nesse instante a seguinte imitação, á qual lhe peço dê publicidade, como prova de consideração por sua familia, e para melhor realçar o inexprimivel merecimento do original.

« Se me fosse, mancebo, dado ao menos  
À tua doce mãe, á triste irmã  
Os prantos mitigar, eu morreria  
Sem pezar ámanhã.

« Essa gloria brilhante, esse futuro  
Que te sorria na feliz manhã,  
Convertêra em laureis, em dulas e' rôas,  
E morrerá ámanhã.

« O sol, o céu azul, essa que n'alva  
Natureza tu vias tão louçã,

Não me roubará nem um aî do peito,  
E morrêra ámanhã.

« Mas esta dôr que a vida me devora,  
A pungente saudade, amargo afã  
Não sentira cruel, poupára ao menos,  
Se morresse ámanhã!

L. S.

« Rio de Janeiro, 27 de abril de 1852. »

---

Os *Ensaio Litterarios*, continuando na liça do jor-  
nalismo, vão sentir um vácuo immenso na morte pre-  
matura do Senhor Manuel Antonio Alvares de Azevedo,  
um dos seus mais distinctos e zelosos collaboradores,  
que não poupou esforços e cuidados para fadar-lhes um  
destino cheio de vida e de esperanças.

Ainda nos primeiros arroubos de sua quadra infantil,  
quando sua intelligencia parecia apenas um botão, que  
lutava com as forças do tempo no seu desabrochar;  
fructos doces e sazoados pendião copiosos de seus ta-  
lentos, e secundavão as paginas dos *Ensaio Litterarios*.

O gosto depurado pelas letras ateou-lhe n'alma o  
fogo poetico da imaginação, e promettia ao mundo lit-  
terario uma grinalda immarcessivel no horizonte do seu  
futuro esperançoso.



Suas produções, que ali correm impressas, servirão para attestar o elasterio dos seus talentos e erudição, e avivar no volver dos tempos o nome glorioso desse joven, que fez honra á corporação academica e á mocidade brasileira.

Os *Ensaio Litterarios* muito lhe devem : e pois neste momento solemne, quando de novo vem reassumir o peso oneroso de sua alta missão, não podião deixar de imprimir em uma de suas paginas uma lembrança dolorosa do seu nome, que na cõrte e nesta capital já havia recebido as ultimas homenagens de litteratos abalissados e da mocidade academica. É um dever que cumprimos traçando esta lembrança em signal de respeito e gratidão aos serviços de sua intelligencia : e fazemos votos ao Creadôr pelo descanso de sua alma na mansão dos justos.

(Artigo da revista *Ensaio litterarios do Atheneo Paulistano*. — S. Paulo, agosto de 1852.)

---

Não sei que maldição do inferno pesa sobre a cabeça do poeta ! Não sei que mão de ferro extortega o leito de purpura, que é reservado ao genio, e atira na encherga da miseria ou desventura !

Esse sentimento melancolico e divino, que é como a

lampada mysteriosa, que se alimenta na inspiração e no genio... essa imaginação ardente e caprichosa, que faz brotar phantasmas do seio das flôres, e nuvens d'ouro do regaço negro da tempestade... bem depressa gelão-se no scepticismo da existencia, e como que cançadas de soffrer procurão na descrença a tregoa de seus males e infortunios!

E esse genio, que era como o fogo do céu penne-jando fagulhas de diamantes, se perde nos dithyrambos da vida — como a phalena nos matagães incultos; — e essa imaginação, que era como o vôo da aguia por sobre os paramos do sol, se descora — como a luz de uma aurora de Italia ennuviada pelos vapores cerrados do inverno!

Que de lyras, tão ricas de inspirações e de musicas, não se tem quebrado antes de tempo aos lategos da fatalidade?! Que de astros brilhantes não se tem offuscado, quando para elles Deus apontava em que céu devião brilhar?

Tasso humedeceu de lagrimas as pedras negras de sua masmorra. Camões chorou no fundo do hospital a ingratição de sua patria! Chatterton, no suicidio, abnegou um futuro de miserias, um viver de privações e lagrimas! Malfilâtre e Gilbert morrerão na miseria, engolindo suspiros e dôres!

Chénier, o cantor da heroína de 92, o poeta da liberdade, afogou-se nas lavas do Vesuvio revolucionario, que ameaçou engolir a Europa inteira. A guilhotina re-



bentou-lhe as cordas da lyra, ceifando ao lampo do clarão da vida, um apostolo das instituições liberaes! Como os bardos da Thebaida, elle não foi pendurar sua lyra nos salgueiros do valle; foi sua patria ingrata, ingrata é sempre, que envenenou-lhe as fontes da vida, e o embarcou nas lages frias do tumulo!

Lamartine, o bardo sancto, em cujo cerebro ardente a mão invisivel da Omnipotencia encarnou a fibra delicada da religião e da crença, tambem descansou a lyra, como que adormecida nas decepções da vida, tambem perdeu o vôo da aguia altiva e pairou em outras regiões mais frias a que chamão — historia.

Lá vae caminho de desterro o proscripto de Jersey! A cabeça ungida nas aguas lustraes da liberdade, foragido na terra do exilio, chora a patria escravizada, e do fundo de seu leito de dôres, apenas manda-lhe um suspiro de saudade!

E o poeta vae perdendo suas inspirações e harmonias na poenta viagem do desterro; e sua imaginação, que ora balouçava-se no pincaro das nuvens, ora embrenhava-se na crypta dos abysmos — como que vae empalidecendo aos tibios raios de sol da Inglaterra!!

Quão grande não é o numero d'esses desventurados genios, que passam na terra — como o canto matutino da avesinha, extasião-nos de melodias e doçuras, e desmaião n'aurora da vida — como o lirio branco crestado pelas geadas do inverno!? Quão grande não é o numero d'essas flôres do paraizo, que mandadas ao mundo, para

perfumar-nos com seus attractivos e seducções, emmurchecem, cantando — como o rouxinol a ultima saudade, e nos legão uma tristeza doce e suave, porque é filha do coração e da dôr!?

Um exemplo vivo vem confirmar esta minha triste asserção :

Ha bem pouco tempo, que nas extensões do céu Brasileiro, um cysne desdobrou suas longas azas. Seu canto se fez ouvir — ora doce e intimo, como uma recordação de ventura — ora terno e merencorio, como as brisas que gemem nos cedros do sepulcro, — ora suave e meigo, como o gorgueio do rouxinol por noites de primavera!

O Brasil o saudou. Era mais um talento raro, que esmaltava a nossa litteratura com seu esplendido fulgor! sublime como Lamartine, quando de sua alma desprenhia-se o canto mellifluo da crença e do amor, da religião e do céu! grandioso como Byron, quando a ironia ressaltava de seus labios, e a descrença lhe orvalhava o fel da vida! doce como Chénier, quando antes de debruçar-se no leito da morte, su'alma alou-se ate os céos, esparzindo em sua passagem os perfumes do coração nos immortaes versos — *Se eu morresse amanhã*. Era o presagio do genio, que sentia a morte *na dôr do coração*. — Cysne, que se reclinava no berço da correnteza soltando o seu canto de morte!

E o cysne afogou se nas ondas do sepulcro. Sua lyra perfumada das flôres da juventude estalou suas corôas



de sonhos, tão férteis de vida e esperanças, tão ricas de inspirações e harmonias!

Hoje o Brasil prantea o eclipse d'esse astro, que já rebrilhava no céu da glória, e cinzelava o seu busto de mancebo, cingido dos louros da sciencia, no pantheon da litteratura patria!!

M. A. A. de Azevedo é um dos poucos nomes no Brasil, que o velho deve repetir com amor, e o mancebo com enthusiasmo — um d'esses nomes que ficará esculpido nos bronzes da historia, entre esgalhos de saudades e o reflexo írisante das glorias!

Poeta de sentimento, que ao dedilhar as cordas de sua lyra d'oiro, só tinha vozes do coração a derramar monodias de morte!

Em todas suas estrophes res-umbra sempre a imagem pallida do tumulo á sorrir-lhe nas rosas verdes da mocidade! Em todas as perolas que formão sua grinalda de poeta ha sempre um écho de morte, que vem annuiar as paisagens côr de rosa de seus sonhos de mancebo!!

Como é doce e suspirosa essa poesia intitulada — *Lembrança de morrer!* Toda ella é um hymno triste e doçoroso, como as lagrimas do amante de Leonor gotejadas nas paredes humidas de seu carcere!

Só levo uma saudade — é d'essas sombras  
Que eu sentia velar nas noites minhas...  
De ti, ó minha mãe, pobre coitada,  
Que por minha tristeza te definhas!

De mei pai... de meus unicos amigos  
Poucos — bem poucos — e que não zombavão  
Quando, em noites de febre endoudecido,  
Minhas pallidas crenças duvidavão.

Oh! parece que a mão do anjo da saudade escrêvera estas estrophes n'uma hora de recolhimento e solidão, esvoçando por sobre os goivos emmurchecidos da campa!

Não repetirei os topicos mais arrojados do genio, porque difficil fôra distinguir a estrella mais brilhante da noite, ou a concha mais rosada das praias do mar!

Não me seria dado dizer : isto é melhor que aquillo; pois que para mim cada uma de suas producções, é como o pedestal de um titulo de gloria, onde se pôde alevantar a auréola brilhante de sua reputação litteraria.

Choremos pois mais uma fronte, despida de vida, que se envergou ao vento do sepulcro. Ella era — como o sol que doirava o alto verdejante das serranias, e que a nuvem da tormenta escureceu com sua sombra. Era a estrella d'alva, coberta do orvalho da noite, desmaiando antes de ostentar todas suas galas e luzimento!...

. . . . .  
E onde a lapida, que guarda, em seus marmores frios, o sudario sacrosanto do genio?

— Em nossos labios — o seu nome; em nossos coraçãoes — a saudade.

LINDORF ERNESTO FERREIRA FRANÇA.



## IV

# DISCURSO BIOGRAPHICO

DO BACHAREL

M. A. ALVARES DE AZEVEDO

RECITADO

**Na quarta sessão solenne do Gymnasio Brasileiro  
pelo socio effectivo e primeiro secretario**

DOMINGO JACY MONTEIRO

---

## I

O Brazil é fecundo em genios : nem é a primeira vez que o dizemos, nem a dizê-lo somos o primeiro. Também por outro modo não podia acontecer. — Ao fulgor das alampadas celestes das nossas noites, ao abraçar do sol dos nossos dias, ao cicio das aragens de nossas tardes devia seguir o canto das myriadas de nossos pas-

saros e o brilho das suas mil côres; devia seguir o brotar das flôres que são maravilhas do mundo, e que não escolhem manhãs para abrir porque todas as manhãs são bellas, nem esperão por primavera porque todas as estações são boas... E a tudo isto devia seguir-se a expansão dos talentos, como uma acção de graças ao Creador — o apparecimento dos genios, como predicaos de tal patria... — Aquella imaginação ardente e superior da Arabia da tradição; aquella eloquencia magestosa e arrebatadora da Grecia a vetusta e de Roma a barbara; aquelle *amor da sabedoria* e aquelle arrojo da Germania e de Albion: aquelle espirito attico e fino da nação dos Lizes; aquelle brio dos Lusos do Indo e Ganges, e do Cabo-das-tormentas; aquelle cavalheirismo da patria dos Cids, tudo se devia reunir na terra a que a natureza doára quanto ha bello e grande e sublime!

Quereis nomes? Não; não os precisaes : longo seria, arduo, até impossivel para nós o fazê-lo, que para tentá-lo fôra mister para cada um uma historia... Dizem-os alguns livros, ou apenas, quando muito, algumas folhas, ou revistas, que são expostos ao pó dos cantos ou ao desdem de mercadores ignorantes, como pasto aos vermes...

E entretanto assim não devêra ser; porque os nomes gloriosos de uma nação devem ser emmoldurados em ouro, como preciosidades da grande familia — a patria, que não envolvidos no pó do olvido, que não atirados ao tremedal da indifferença e da ignorancia, como as



telas que passarão da moda, como as flôres que ao calor do baile servirão de aprazimento e receberão osculos, e que, ao transpôr as portas da mansão alegre, forão beijar a lama das ruas e desapparecer ao pisar dos urcos... Seria pois aqui uma repetição mais fria, menos meritoria que as outras, e demais van talvez...

Mas silencio! que estas maculas o povo — quando chegar a ser o que esperamos, o povo Brasileiro — lavas-as-ha como o ferido ás chagas... quando porventura não gangrenão...

Si porém o vento da devastação varre com seu sopro infesto as cumiadas das montanhas ou as faces dos valles, onde as arvores se ostentão arreiçadas de milhares de flôres, lava-as aos centos, nem só aquellas que já derão seus perfumes, como ainda as que desabotoão... Por isso nem só havemos que commemorar os grandes nomes que derão suas flôres á patria, como lamental-a por aquelles que as não derão ou apenas as começárão a dar. Se pois temos para mencionar Cayrú, Pizarro, Silva Lisboa, e outros, temos tambem Bernardino Ribeiro, Penna, Dutra, e tantos outros — Alvares de Azevedo emfim!...

Cumprindo portanto a missão que nos impuzemos quando, ao sonhar grandezas e progressos para a patria, nos reunimos com firme vontade á phalange de alguns estudiosos, cumprimos ainda uma vez a da amizade... — missões nobres ambas, e que se não extinguem para corações que sentem...

II

As duas horas da tarde do dia 12 de setembro de 1851, na cidade de S. Paulo, ao passarem, sahindo da lição, estudantes do Curso juridico, ouvirão-se vagidos de recém-nascido, partidos de uma sala que servia de bibliotheca... Aquelle em quem pulava o coração de pai, inquirindo ácerca do novo fructo do seu amor, obteve de alguém a resposta : « É um estudante ! »

Fôra sina ou acaso ?

Dous annos depois, pouco mais ou menos, voltou o menino para o Rio de Janeiro com seus paes o Dr. Ignacio Manuel Alvares de Azevedo e D. Maria Luiza Silveira da Motta Azevedo.

Foi-lhe até aos cinco annos brilhante a robustez, o viço da saude a par das graças, das alegrias, da vivacidade que nos olhos scintillava, e da expansão que na fronte exarava o futuro. Então pela vez primeira sua vida perigou. — Ao lado de um irmãozinho finado, de quem desejava as vestes e a quem queria acompanhar na folgança — dos anjos por certo — a que julgava que ia elle, começavão a apparecer-lhe os phenomenos de uma febre das mais graves, que depois se declarou com toda a violencia ! Não forão porém baldados os esforços dos medicos e os desejos de seus paes... Restou-lhe entretanto alguma cousa dessa enfermidade : foi certa fra-



queza, certo adoentamento do corpo, que persistiu até á sua morte. Foi talvez por isso, e tambem pelos mestres, que, dos seis annos em que começou as primeiras letras, até aos nove, poucos progressos fez.

Foi então, em janeiro de 1840, que entrou para o collegio, que já não existe, do Sr. Stoll. Trez mezes ainda não erão passados, e já este homem, tão severo, como conhecedor do character e talento de seus discipulos, que estudava acuradamente, escrevia ao pai do seu novo discipulo o seguinte : « *Votre petit Manuel m'enchanté toujours davantage ; c'est bien l'enfant de la plus belle espérance de mon collège, excepté pour la gymnastique, où il est le dernier...* » Vê-se por aqui ainda provado o que dizemos sobre aquella fraqueza que lhe restou sempre da fatal molestia aos cinco annos, fraqueza que o impediu sempre de entrar com seus companheiros nos brincos que exigião esforço. — Em outubro desse mesmo anno dizia elle : « *Votre fils est toujours le meilleur de mes élèves pour l'esprit, l'intelligence, l'aimable gaieté, et surtout pour le cœur... Plus j'analyse cet enfant, plus j'ai lieu de vous féliciter d'avoir un tel fils. Dieu lui prête vie et santé, et vous verrez qu'il deviendra quelque chose de bon, et de très-bon.* » — E em novembro : « *Vraiment il n'a pas perdu son temps cette année et s'il continue ainsi, cela deviendra un Brésilien qui pourra se mesurer avec les premières capacités européennes.* » — Em abril de 1841, assim se exprimia esse professor : « *Notre petit héros fait toujours ma gloire*

*et mon bonheur. Il réunit, ce qui est bien rare, la plus grande innocence de mœurs à la plus vaste capacité intellectuelle que j'ai rencontrée en Amérique dans un enfant de son âge... Rien n'est plus charmant pour moi que de le voir, après avoir surpassé tous les grands dans les leçons, s'occuper dans ses jeux à planter des fleurs sans racine pour faire un petit jardin d'un quart d'heure de durée, ou bien à bâtir une petite maison que le vent emporte. » — Em maio deste mesmo anno referia o seguinte : « J'ai reçu la visite de Mr. Guimarães<sup>1</sup>, qui, étonné des progrès de votre petit Manuel, veut me confier ses deux fils. Vraiment, Maneco est mon recruteur. Plus de quarante personnes viennent me féliciter d'avoir fait merveilles avec lui, — J'ai entendu un de vos élèves, me dit-on ; mais c'est vraiment admirable comme il parle français, anglais, déclame, sait l'histoire et la géographie — ... »*

Eis como já então se exprimia esse professor, que não era prodigo de elogios, e sabia avaliar pela observação até aonde iria o talento de seus discipulos.

Passados cerca de quatro annos, estando o Sr. Stoll proximo a deixar o seu estabelecimento, e demais tornando-se precaria a saude de Azevedo, sahiu elle do collegio, e mezes depois (em agosto de 1844) partiu para S. Paulo com seu tio o Dr. José Ignacio Silveira da Motta, pelo reccio que seus paes concebêrão de sua vida,

<sup>1</sup> O Sr. Dr. Francisco José Pinheiro Guimarães.



e até por conselho de alguns medicos. Nessa cidade passou melhor e fez exames de francez, inglez e latim, voltando no fim desse anno para o Rio de Janeiro, não tendo feito exame de historia e geographia por não ter idade para seguir o curso juridico, a que se destinava.

Até junho de 1845 estudou com o barão de Planitz o que lhe faltava para entrar para o quinto anno do Collegio de Pedro II; em que se matriculou como interno, depois de haver feito os exames exigidos.

Neste collegio soffreu bastante a principio. — Quer porque a altivez propria extranhasse certas usanças, quer porque seu gosto pelo desenho, junto a um genio mais ou menos travesso, como succede em tal idade, o levasse a pôr em caricatura empregados do estabelecimento, apesar de ser reconhecido como dos primeiros estudantes do seu anno, teve por varias vezes de ver a escuridão do carcere do collegio. Todavia, afinal, vendo que lhe não quebrantavão o genio, e até tirando deste bons augurios do seu futuro, e vendo ao mesmo tempo que sua saude já precaria mais se resentia por aquelle facto, desculpárão-lhe esses pequenos desmandos pelo talento que o caracterisava. Seus companheiros o estimavão, e abonavão-lhe especialmente a imaginação, o conhecimento da historia e da philosophia.

Em 1847 tomou o grão de Bacharel em letras, e em 1848 partiu para o Curso juridico de S. Paulo, que frequentou até ao fim de 1851, em que completou o seu

quarto anno de estudos, bem como sempre. Só lhe faltava um anno para fechar a sua carreira...

### III

Temos resumidamente visto a sua carreira escolar; vejamos o seu progresso litterario durante ella, até á sua morte.

Tinha elle dez annos : estava no collegio do Sr. Stoll. Este ralhára fortemente por um facto acontecido entre um criado, uma criada e um outro empregado do estabelecimento, cada um de nação differente. Dias depois veio um criado queixar-se-lhe de que Azevedo o ridiculisava em companhia de outros collegas. O Sr. Stoll, que não perdoava o desrespeito, vae com intenção de reprehender severamente o menino. Passava-se a scena em uma das camaras de estudo : erão horas vagas. — Stoll chega á porta; mas, para não ser precipitado, olha pela chave e escuta. O que viu e ouviu por tal fórma lhe mudou os sentimentos com que ia, que em vez de reprehensão, quando abriu a porta, foi um apertado abraço que lhe deu! — Tão bem reproduzidos viu pelo seu *pequeno genio*, como em suas cartas o chamava, o seu modo, os seus gestos, a sua falla de suta-que estrangeiro no facto citado!... Era um entremez



que o menino ideára, e para cuja representação convidára seus companheiros.

O seu gosto pela poesia e pelos poetas já era muito pronunciado : recreiava-se na leitura dos *Lusiadas* de Camões e da *Henriqueida* de Voltaire. Já então gostava também summamente do desenho. Foi ao enviar a seu pai, no dia dos annos deste, um dos desenhos por elle feitos no collegio que fez os primeiros versos, em referencia ao dia da sua lembrança, e em francez, versos porventura informes, mas que ninguem diria serem producto de uma criança de dez annos.

Quando em 1844 foi pela primeira vez para S. Paulo, não se esqueceu da poesia, et no *Album* de sua querida irmã escreveu, despedindo-se, quatro versos, também em francez, reflexo talvez de uma poesia do mesmo genero de M<sup>lla</sup> Flaugergues.

No collegio de Pedro II ainda não deixou de dar emprego á sua imaginação, escrevendo algumas composições e traducções, e compulsando os bons autores das diversas linguas que cultivava.

A mór parte porém dos seus primeiros escriptos e papéis perdeu-se entre as rosas desfolhadas de sua infancia... Tudo isso era ainda nada : apenas singelos arrojos de criança que denunciavão precocemente os feitos do futuro homem, como essas faiscas envoltas em fumo e cinzas que o vulcão atira ás auras da planicie, antes de arremessar aos uracões das alturas as flammæ que tornão noites em dias...

O seu principal ponto de partida de progresso, o seu abrangimento da litteratura, a sua volta em derredor de todo esse mundo de intelligencias superiores foi do fim do primeiro anno do seu curso juridico para diante. Foi então que começárão nelle a desenvolver-se em todo o viço, em todas as galas as flôres do talento. O aturado estudo, o compulsar continuo dos bons livros — e bons os tinha, e podia elle ter; que lhe negaria seu pai, a elle o céu de suas esperanças? — o puzerão a par da grande litteratura.

E desde então até á época de sua morte o progresso foi rapido, admiravel! Discorria, e não perfunctoriamente, sobre a litteratura portugueza, franceza, ingleza, italiana e allemãa. Erão-lhe conhecidos os principaes escriptores dessas linguas.

Não se pense porém que a litteratura lhe absorvia todo o tempo; emquanto se entranhava nella, não se esquecia da sua carreira, e no fim do quarto anno já conhecia tão bem como a qualquer dos modernos poetas, o Direito mercantil a que especialmente se dedicava, e o Direito civil, tendo bem aprofundado o Direito Romano.

As provas ahi ficárão — pouca cousa, bem pouca, é o que deixou para o que aquella cabeça sonhava e meditava! Mas esse pouco diz muito, não aos seus amigos que o sabião, e demais, para muito choral-o, mas á patria, que ainda não sabia o filho que alli criava!...

A força, a profundeza de seus estudos ficou exarada em razões por elle feitas, em autos por elle respondi-



dos, em pareceres por elle dados, não a bisonhos, mas a advogados peritos e que ouvião com todo o apreço. — A extensão de seus conhecimentos litterarios e a grandeza de seus pensamentos e de sua imaginação ficou traçada em discursos que deixou, em poesias que compôz.

Os seus escriptos mostram á primeira vista um fundo conhecimento da lingua portugueza : ha nelles certo geito de phrase que lhe era peculiar. — Na prosa ha, ás vezes, mais ou menos affectação de quinhentismo; na poesia ha, ora aquella doçura de Millevoye, acompanhada de certa volupia, ora aquella pensar chão e austero que encerra o epigramma e a duvida, mais vezes aquella sentimento melancolico que se acha em André Chénier, de que muito gostava. — Ha entretanto um devaneio quasi continuo, certas imagens, certas expressões que sempre lhe transluzem nos escriptos e sobretudo uma idéia á qual tudo parecia sacrificar, tudo referir — a idéia de morte, de morte em mancebo, de morte sem attingir a meta do seu futuro!...

Pouco publicou elle : — apenas um discurso recitado na festa academica de S. Paulo, como representante de seus collegos de segundo anno; um ensaio critico a respeito do poema *Jacques Rolla* de A. de Musset; poucas poesias, duas das quaes na *Guanabara* sem assignaturas e algumas allocuções necrologicas por occasião da morte de companheiros de estudos. — No seu quarto anno academico tencionou publicar com dous collegas e ami-

gos, os Srs. Bernardo de Silva Guimarães e Aureliano José Lessa, uma collecção de poesias com o titulo — AS TRES LYRAS; não se tendo porém podido verificar esta publicação, resolveu elle, a conselho de alguns amigos, publicar sómente as suas com o titulo — LYRA LOS VINTE ANNOS; resolução que tambem não foi levada a effeito.

#### IV

M. A. A. de Azevedo era bom amigo, caridoso, affavel; ás vezes porventura um tanto altivo : sua conversação era sempre agradável, e até a sua voz, fina e pouco cheia, parecia dar-lhe certa macieza. Ainda até além do seu primo anno academico era alegre e risonho; depois porém seu riso não tinha tanta expressão de contento.

A sua vida intima, em S. Paulo, compartiu-a a principio com alguns amigos seus com quem morava, e com alguns outros que o procuravam, ou a quem elle procurava. Com elles, por noites escuras e invernosas, ao redor de uma mesa, allumiados por um candieiro, envoltos no fumo dos charutos ou dos cachimbos, passava o tempo em palestras litterarias, em disputas escolasticas, em fantasias extravagantes, em improvisos longos, ou escrevendo quanto a imaginação lhe dictava impressionada pela occasião. Outras vezes, por noites alvas de



luar, ião todos apreciar e embevecer a mente nas bellezas fantasticas da natureza nessas horas mortas... Outras vezes era elle só quem figurava diante da sua mesa, lucubrando horas esquecidas, e d'essas lucubrações brotando no outro dia folhas marchetadas de sombrias scismas, de matizes do pensamento e da imaginação, como dos orvalhos da noite resaltão faiscas aos primeiros raios do sol, ou esparzem seus aromas as flôres cujos seios a aura da noite e o fulgor persistente dos astros foi abrindo mysteriosamente. — Depois ao peso dessas noites veladas fechavão-se-lhe as palpebras; e os olhos cansados se tornavão a abrir pela hora do trabalho quotidiano...

Por ultimo deixou até os seus mais intimos amigos, e foi viver só. O que então pensava e sentia só elle e Deus o sabião — só Deus o pudéra ter escripto no seu livro eterno... O facto é que elle escrevia e muito, e seus prazeres consistião em concentrar-se comsigo — sózinho — em sua casa... Mas tambem, como o mergulhador do Oriente, que desaparece nas profundezas oceanicas e torna depois á flôr das aguas com as perolas que colheu, assim elle de mais em mais se engolfava nos estudos de direito, e das litteraturas estrangeiras, donde colhia perolas que mais se esparzião nas suas curtas conversas ou no seu longo escrever...

Assim se tinha ido operando nelle uma mudança que reflectia em todos seus habitos. Já, quando nas férias do segundo anno veio de S. Paulo para o Rio de Janeiro, Alvares de Azevedo ia-se tornando tristonho, de idéias

melancolicas. Era que talvez penetrára elle mais nas fantasias do Faust, nos sentimentos apaixonados de Werther, ou que talvez requemavam-lhe o cerebro os pensamentos bebidos porventura no desprezo da vida, no scismar sceptico de Byron ácerca de suas amarguras e das injustiças do mundo?... — Aquella sombra triste e merencoria n'aquelle desejo de soledade era o resultado d'esse desvanejar que se esquece do presente para procurar os futuros envoltos em nuvens sem sol; d'esse philosophar taciturno e mésto que preza mais as noites do que os dias, mais a lua do que sol, mais o murmuro triste do riacho occulto, que se despenha n'um sorvedouro, do que os canticos festivos dos passarinhos da aurora — ou era o resultado d'esse afinco ao estudo, d'esse desejo de entranhar-se nos ramos emaranhados da vasta litteratura — ou enfim o resultado de alguma dôr occulta, de algum pensamento intimo, de algum presentimento?...

A verdade é que elle escreveu muitas cartas e de diversos logares a um amigo, em uma das quaes dizia : « Se eu morrer moço ainda, sejão as minhas cartas a historia da minha vida, a autopsia dos meus soffrimentos... » N'estas palavras parecia presentir seu fim temporão, e então trabalhava com mais força, com precipitação, como tendo confiança em que seu nome seria levado á posteridade por seus escriptos...

Desde então tudo quanto escreveu teve esse caracter mais ou menos epigrammatico, mais ou menos extra-



vagante de quem descrê do mundo e ri-se d'elle, ou esse character, ora delirante, ora triste de quem se entrega ás illusões para esquecer-se, de quem só espera — talvez — o futuro para sua memoria, e vê no presente a imagem do acabamento...

Eu deixo a vida como deixo o tédio  
Do deserto, o poento caminheiro...

Diz elle em uma de suas poesias, que tem por titulo — LEMBRANÇA DE MORRER. — E n'outra em que pranteava a morte de uma formosa moça finada no Rio de Janeiro :

Bem cedo ao menos eu serei contigo  
— Na dôr do coração a morte leio...

Em uma poesia feita em S. Paulo em 1851, no dia de seus annos, poesia a que intitulou — SAUDADES — pôz uma epigraphie tirada de Byron, que diz : « De que vale esforçar-me, se eu hei de morrer moço? » e na poesia — TARDE DE VERÃO — diz :

... Mancebo morrerei...  
Adeus, amores, adeus!

E sempre esta idéia apparecia, em todos ou quasi todos os seus escriptos, de envolta tambem com o pensamento de seus paes que tanto o amavão. Isto era talvez nada; mas havia o quer que fosse de sinistro nos seus pensamentos, principalmente nos dos ultimos tempos da sua existencia. Qual a causa d'essa dôr, d'essas tristezas?

V

Depois do exame do seu quarto anno voltou, como de costume, para o Rio de Janeiro.

Algum tanto influia talvez n'elle o clima d'esta cidade, porque de S. Paulo sempre vinha mais corado e menos desfeito do que ia do Rio; entretanto n'este ultimo anno veio porventura peor...

Aqui não parou : mostrou quanto havia aprofundado os estudos de direito; leu muito; escreveu muito — era-lhe ás vezes uma especie de frenesi, uma ancia indizivel de deixar exarados em caracteres indeleveis os seus pensamentos; tinha pressa, tinha medo talvez de que elles perecessem...

Juntos passámos o mez de dezembro em uma Fazenda de provincia, e então mais uma vez pude aprecia-lo : que mocidade e que futuro!... E entretanto (cousa singular!) parece que elle procurava os abalos e as distrações, para fugir a uma idéia maldita que parecia ter-se-lhe gravado na mente : era o anno da sua morte. Um dia, após um passeio ao campo, e quando conversavamos, elle, nós e uma pessoa muito sua amiga, a respeito de estudos e progresso, vimol-o, como quo de chofre assaltado por aquella idéia, pronunciar estas palavras : « Tenho vontade de não ir este anno para S. Paulo,



porque está-se-me figurando que morro... » E explicou-nos, ao dissuadirmol-o de semelhante pensamento, o successo repetido e extranho de haver fallecido consecutivamente por trez ou quatro annos um estudante de cada quinto anno; que estavam escriptos, cremos que até n'uma parede da casa em que elle morava, os nomes dos estudantes quinto-annistas com a éra concernente á sua morte, achando-se em branco na éra de 1852 o logar do nome que o havia de occupar, com a declaração de quinto-annista. « E, accrescentava elle, parece-me que o meu nome é que se ha de escrever no logar branco... »

E esta mesma idéia lacerante ainda a repetiu aqui na cidade em nossa presença e na d'essa mesma pessoa... Logo depois parecia querer afugentar esse pensamento, e então dizia : « Não! isto nada vale; irei para Pernambuco. » Mas então parecia passar-lhe pela fronte uma nuvem, como um desanimo, que elle procurava extinguir com o sorriso esperançoso das ultimas palavras : entretanto este sorriso esperançoso tinha alguma cousa de fantastico, de chimerico, em que não cria — como o sorriso d'aquelle que refugiando-se em uma gruta vê na escuridão de um baratro, cuja abertura lhe está fronteira, luzirem olhos de féra, e lhe parece certo que vae ser tragado, mas sorri-se com a esperança de não ter sido sentido, esperança e sorriso que logo lhe parecem simples pretextos do espirito, que se não verificarão!...

E repetia muita vez esse pensamento...

VI

É triste, bem triste! a posição d'aquelle que tem de arrancar á urna de seu peito a lembrança saudosa de quem amou, e tem de rasgar o véo de seus prantos e deixal-o penetrar da luz publica, como se quebrasse o sigillo de um mysterio em noite de tormenta, e o sol da madrugada viesse despertar-o do seu embebecimento, mostrando-o a vistas extranhas, a risos muitas vezes de mofa.

Ainda não ha muito. . Tão depressa passou a manhã d'esses dias e chegou-lhes a noite profunda e cinerea!... Foi ainda hontem : e porque já não o é mais hoje?... Porque? Deus o sabe — Deus, para quem não ha presente, passado, nem futuro! Mas para o homem? — misero que se debate entre areias, ora aquecidas pelas dôres, ora molhadas pelos prantos, e que apenas tem por allivio o sol que ás vezes rutila sobre sua cabeça uma flôr que ás vezes matiza-lhe as tardes, ou uma gota de orvalho que ás vezes refrigera-lhe as noites! para o homem que sente os affectos que o céu lhe deu, que os sente fundos, e que são para elle outros tantos raios de vida e de soffrimento? Para o homem existe o passado como uma longa rua de sylvas e de maravilhas murchas, que vê no declive da montanha que a custo galgou, mas



que não póde descer; para o homem existe o presente em que pisa e para o qual não olha, que é apenas como um ponto onde existe uma flôr ou um espinho, uma pomba ou uma serpe; e o futuro? esse está na cumiada da montanha, cercado de nevoas, sem luz, sem fórmãs, perdendo-se no espaço...

Só ha pois o que passou e que não póde tornar — painel em que se retracção scenas do céo ou scenas do inferno, unico para o qual podemos olhar, depondo sobre elle algumas saudades, ou procurando extinguil-o ou tapal-o com denso véo...

Quanta vez, n'esse lugar em que estivemos, ao voltarmos do rio em tarde estiva, ao passearmos pelo campo a ver perder-se na penumbra do crepusculo, como uma nuvem no céo, a alva capella do morro — a ver por detrás das montanhas o sol deitar-se, entre cortinas e franjas purpuradas e luminosas, no leito cujo friso de ouro se mostrava nos horizontes, para depois tambem extinguir-se — ao ver o recolher de uma immensa e longa manada — ao olharmos para a lua candida e sem véos a espelhar-se no riacho, ou escondidos no sombreado mysterioso da casa que nos furtava sua luz; quantas vezes nos não entregámos a essas cogitações pelo passado e a esses sonhos pelo futuro, que não podiamos ver! Quantas outras não lançámos ás aragens os improvisos do momento e da situação, inspirados pela natureza ou pelas circumstancias, e por isso mesmo ora arrebatados, ora tristes e melancolicos, ora extravagantes e

caprichosos ! Quantas outras nos enthusiasmámos pelo porvir da patria e discutimos suas forças e seus fins com a eloquencia simples de corações brasileiros, moços e cheios de esperanças ! Quantas outras nos não embalámos na letra das tradições, no mysterio das lendas da patria, e metamorphoseámos os montes longinquos em moradas de Caciques e as arvores em bosques de Brazil ! . . . . .

As estrellas que nos allumiavão n'essas noites divinas que digão nossos enlevos ; as arvores a que nos abrigámos que pintem nossos enthusiasmos de mancebos ; as nuvens, que a briza conduzia, que escrevão essas palavras que com ellas voárão, e das quaes só ficarão recordações intimas !...

Cada arvore, cada sombra, cada caminho, cada flôr marca uma reminiscencia ; mas essa reminiscencia só se póde exprimir com lagrimas, ou com o arquejar do peito em repetidos soluços, que não com a palavra...

## VII

Mas seria com effeito só esse pensamento fatal que o dominava, ou era porventura uma dôr que o corroia e na qual sentia certa a morte, mas que talvez não quizesse communicar, talvez se resignasse a soffrer tacitamente até quando Deus lh'o permittisse, por causa de



sua mãe que era toda extremosa para elle, e a quem elle adorava como a Deus?...

O certo é que por este tempo despertou-se n'elle o quer que fosse de infantil para com ella, tanto mais de notar quanto só em sua meninice o fizera... — Fôra isto um apego, um conchego assiduo a sua mãe, a expressão profunda, indizível do amor que por ella sentia, expressão que cessára de patentear-lhe assim desde o approximar da puberdade.

Pouco sahia — e este pouco não era de ordinario para passeiar, sim para ir escrever, ao escriptorio de seu amante pai que lh'os entregava confiado, autos aos quaes respondia como advogado perito e abalisado... Todo o tempo porém que lhe restava d'este trabalho, empregava-o junto de sua mãe : deitado a seus pés, sentado junto a ella, abraçando-a e beijando-lhe as mãos, chovendo-lhe sempre as palavras de amor para ella, como o maná do Senhor para o povo de Israel... As noites, e alguma parte do tempo que não podia assim passar, gastava escrevendo muito. E as febris insomnias d'essas horas banhava-as com risos loucos na tarde seguinte...

E quantas lagrimas não derramou ella por isso mesmo! Quanta doce exprobração lhe não fez, ao achal-o pallido e merencorio, inclinado á sua secretaria, entregue a seus pensamentos tristes — como o Faust ás aparições de Mephistopheles, como o Hamleto ás visões da sombra de seu pai — transportando-os ás folhas que diante de si tinha!... Mas elle erguia-se — um sorriso

como de esquecimento lhe pairava no semblante — abraçava sua mãe e parecia pedir-lhe perdão do que fazia insensivelmente... Quando ella extranhava-lhe suas tristezas, respondia-lhe elle que nada sentia, que tudo provinha do seu temperamento melancolico...

N'essas occasiões sua mãe lembrava-se de que elle fôra sempre folgazão ; e acudião-lhe á mente dous sonhos que a respeito d'elle tivera — horriveis pesadellos, n'um dos quaes o vira louco, e n'outro, moribundo em sua propria cama...

Um dia sua mãe foi achal-o em seu quarto a escrever : convidou-o a sahir d'ahi, a ir conversar : voltou-se elle e dice-lhe que ouvisse a poesia que acabava de escrever e que queria mandar publicar, e com voz maviosa leu :

Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã !  
Minha mãe de saudades morreria,  
Se eu morresse amanhã !

Não vos diremos as outras estrophes — quasi todos as sabem... e demais o pranto nos escurece a vista e humecta a penna... São dores tão demasiado fortes, que não podem ser escriptas completamente, cansão a mente, espedação o coração, affogão o pensamento em mares de desanimo... O tremor de nossas mãos, o soluçar de nosso peito nos diz ha muito que cessemos...

Mas não — em que nos pêze, cumprimos nossa missão...



### VIII

Nós comprehendemos, vós todos que sentis o pranto do coração subir aos olhos, podeis comprehender qual seria a dôr d'essa pobre mãe, e suas lagrimas ! Começou a exprobrar-lhe o contristal-a, e o ter na sua idade só pensamentos de morte, quando os devia ter de prazer e amor, e de illusões do futuro... Logo Azevedo pareceu sentir confranger-se-lhe o coração, e ter pezar ; depois riu-se, e respondeu-lhe que seu futuro e seu unico amor era o de sua mãe ! Que choro amargo verteu esse triste coração materno... Ella afastou-se por não poder mais conter seus soluços!...

Não parece que elle sentia a morte ir-se-lhe apode-rando do corpo, como a bóia se enrosca á ovelha, e que não queria morrer longe de sua mãe em S. Paulo?...

Foi isto poucos dias antes de cahir enfermo... para não levantar-se senão para a tumba!...

Poder-se á dizer que o moral — esta idéia terrivel do seu acabamento — influíra para a sua morte ; mas não : se esta influiu foi talvez para resignar-se, para occultar o soffrimento que ás vezes — por acaso insensivelmente — lhe rompia aos labios aquellas palavras. Não ! parece que elle o sabia, que elle o sentia como

um toxico que o mirrava internamente e a que não poderia escapar ! Tambem, desde o dia em que o medico reconheceu a séde e o genero da enfermidade, declarou-a mortal...

No dia 10 de março, do anno que corre para o seu termino, queixou-se M. A. A. de Azevedo pela primeira vez. Tudo lhe foi feito, e por alguns dias conservou-se no seu quarto, mostrando ledô o semblante quando qualquer se chegava a elle, e até gracejando e dando motivos especiosos á sua molestia. Sua mãe, que o não deixava, dice-lhe um dia que seu quarto era muito quente, e offereceu-lhe a sua cama. Parece que a fronte do mancebo carregou-se; sorriu-se depois, e recusou firmemente. — Talvez se lembrasse do sonho a seu respeito, que sua mãe lhe contára (fôra no começo do anno) e do qual — cousa singular ! — ella se esquecêra completamente até á sua ultima hora ; mas uma esperança de vida bateu ainda n'aquelle coração de 20 annos!...

Dias depois porém foi elle proprio quem instou para ir para a cama de sua mãe... E desde então não quiz arredar-se mais d'ahi; apenas tres dias antes do seu fallecimento conseguirão a custo tiral-o d'ahi por momentos, tendo elle dicto antes que desejava ficar n'essa cama *até o fim*, e tendo por mais de uma vez manifestado desejos de vêr certos objectos, respondendo, quando lhe perguntavão a razão, que era para poder vêl-os *antes de se ir embora*...

Emfim, ao cabo de 46 dias de horrorosas dores, de



padecimentos inexprimiveis, de uma resignação santa e firme, depois de ter soffrido uma grave operação no ventre e seus doridos curativos, pedindo sempre a presença da sua mãe, que passava dias e noites ao pé de sua cama; suffocando junto d'ella as expressões de seus soffrimentos, que substituiu por olhares de cordeiro a embevecer-se nos d'aquella, que procurava ter sempre o riso nos labios com a angustia no coração; apertando-lhe a mão que quasi continuamente tinha entre as suas; e depois de ter tido uma melhora admiravel, que fez conceber suaves esperanças, e durou trez dias, durante os quaes até chegou a levantar-se (6 dias antes do termo fatal), rendeu a alma ao seu Creador ás 5 horas da tarde de 25 de abril...

N'este dia pediu uma missa e a confissão: a missa, não obstante ser o desejo de um moribundo, que ainda uma vez queria elevar-se a Deus nas palavras do Evangelho, foi-lhe negada... por ser domingo. Confessou-se e ungiu-se... Quando sentiu que sua alma queria desprender-se do involucro das paixões, quando sentiu a mão da morte constringir-lhe as pulsações do coração, pediu a sua mãe que se retirasse, ergueu-se um pouco, reclinou-se ao peito de seu irmão, e tomando a mão de seu pai, levando-a aos labios e deitando-lhe um olhar embebido e ardente, murmurou: « Que fatalidade, meu pai!... » Depois algumas palavras inintelligiveis morrerão-lhe nos labios: — parecião ser o complexo dos nomes de seus paes e de Deus, que se tinham reunido

para elevarem-se com sua alma em um arranco de saudade! — erão como as palavras do Christo na hora da agonia! — era talvez que a alma já via um mundo novo e soltava uma palavra de admiração!...

Foi no momento mesmo talvez em que elle se desligava inteiramente da terra, que despertou-se na mente de sua mãe a lembrança do seu sonho — fôra como uma inscripção que no livro da vida obscurecêra o pó de um seculo, que n'aquelle momento fôra varrido pelo furacão e allumiado pelo raio!... Quiz correr, clamar... e cahiu sem conhecimento e delirando, querendo como que agarrar-se ainda á cruz de seu filho e bradar no desespero — *Videte si est dolor sicut dolor meus!* —

. . . . .

## IX

Memorar cada passo que se deu com aquelle que se pranteia; ter de passar em revista todas as phases de sua existencia; encher o espirito d'essas recordações alegres e tristes, mas todas saudosas e cobrindo-se de crepe no momento em que se quer transmittil-as á patria, é um impossivel, porque o sentimento embarga a voz e ennevôa o pensamento... Fazer apenas um esboço já é immenso sacrificio, mas aquelle que se partiu



de nós ainda é merecedor dos sacrificios do amigo que peregrina pela terra, e a patria tambem é exigente d'esses sacrificios...

Eil-o pois! Se cabem glorias para a patria de taes filhos, glorias terá a nossa; se valem memorias para aquella associação que tem por norte a gloria da patria, valer-lhe-á a memoria d'aquelle que com o mesmo fito estudou e progrediu...

Chatterton, Gilbert, André Chénier, Malfilâtre, Millevoje tambem morrêrão jovens — mancebos de palavras de fogo, uns queimárão-se talvez demais n'aquelles lumes que alguma cousa têm do sol e muito de Deus, outros forão abrazados pelo volcão das revoluções! E esses nomes marcão paginas de gloria e de engrandecimento para sua patria... E talvez não houvesse tanto sentimento nas ultimas palavras de Chénier ao seu amigo Roucher: « *Pourtant j'avais quelque chose là!* » batendo na fronte; talvez não houvesse tanta somma da esperanza perdida, porque já mostravão dias de gloria e de prazer, que no delirio da febre e por entre as nuvens dos olhos transparecião, n'aquellas ultimas palavras de Beethoven ao seu amigo: « Não é verdade, Humel, que eu era um genio? » talvez não houvesse tanta unção n'essas palavras, como n'aquellas ultimas em que Alvares de Azevedo parecia esquecer-se de si para só lembrar-se dos seus: « Que fatalidade, meu pai!... »

Perdoae, Srs. se molhei a penna no sangue do sentimento, se vos escureci a vista com o crepe mortuario: é

hoje dia de festa, e dia solemne : pois bem ! permitti que sob o laranjal perfumado e de fructos de ouro se entresache um tristonho cypreste, uma casuarina gemente; que entre as flôres do ramo de nossa festa se entremeie uma saudade — e a festa solemne das lettras mais solemnidade ganhará, porque terá uma folha de *cesalpina* para o Brasileiro de tanta esperança que não póde contar em seu gremio, mas que seria uma gloria da patria : e a patria agradecida tomará cada uma das lagrimas de sentimento d'esta associação e fará d'ella uma pedra preciosa da corôa de sua existencia; e a emulação ganhará vãos entre vós outros, para que no dia em que soar a tuba da eternidade tenhaes tambem uma flôr, uma lagrima d'estas, uma memoria — e do alto do Capitolio das lettras patrias, bem que banhado na ingratição herdada, possaes, ainda que como o Tasso, na postrema hora, dizer com o poeta portuguez :

— Posteridade ! és minha !

12 de outubro de 1852.



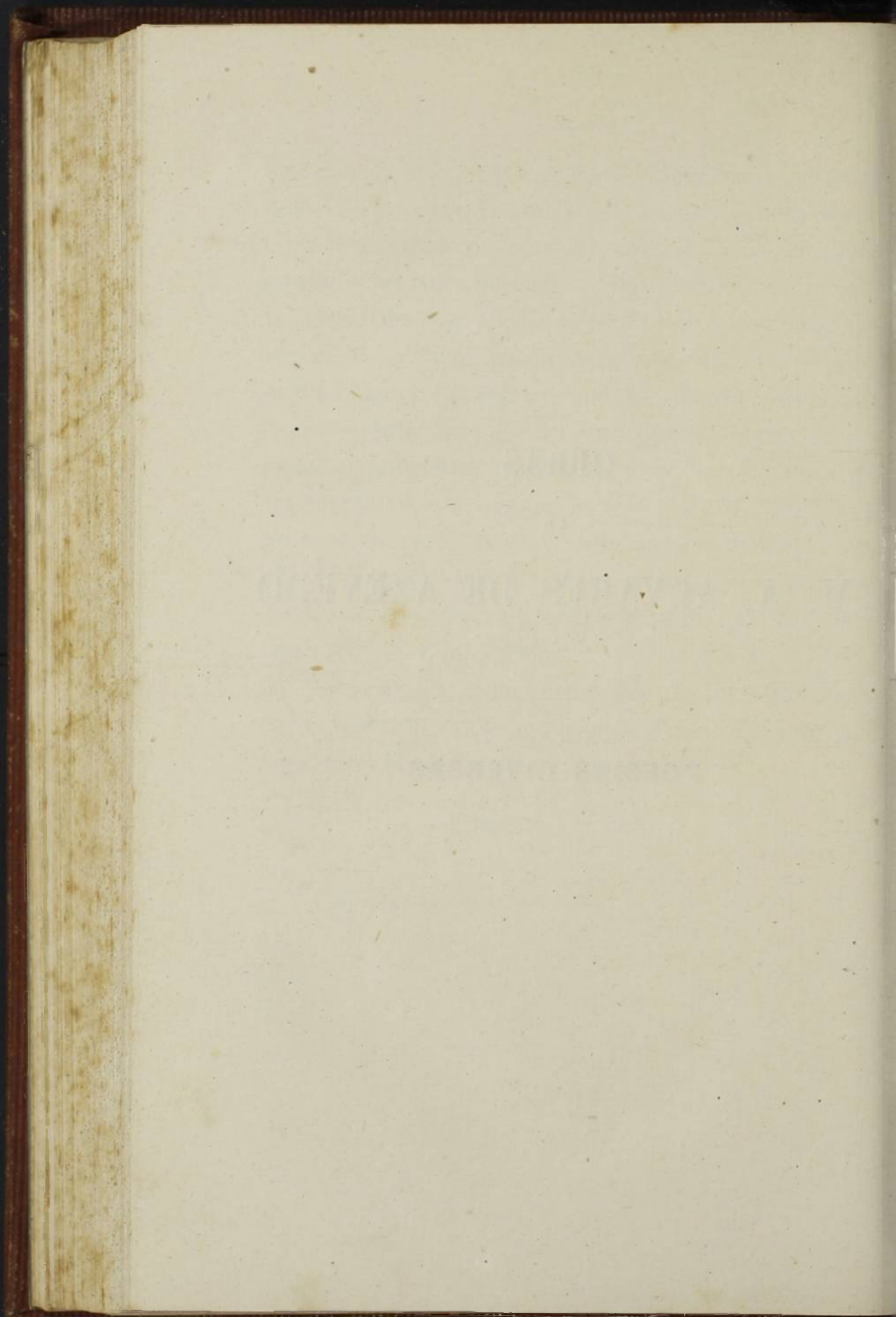
OBRAS

DE

M. A. ALVARES DE AZEVEDO

---

POESIAS DIVERSAS





# POESIAS DIVERSAS

---

## GLORIA MORIBUNDA

Une fille de joie attendait sur la borne.

TH. GAUTIER.

### I

É uma visão medonha uma caveira?  
Não tremas de pavôr, ergue-a do lodo.  
Foi a cabeça ardente de um poeta,  
Outr'ora á sombra dos cabellos loiros.  
Quando o reflexo do viver fogoso  
Alli dentro animava o pensamento,

Esta fronte era bella. Aqui nas faces  
Formosa pallidez cobria o rosto;  
Nessas orbitas — ocas, denegridas! —  
Como era puro seu olhar sombrio!

Agora tudo é cinza. Resta apenas  
A caveira que a alma em si guardava,  
Como a concha no mar encerra a perola,  
Como a caçoula a myrrha incandescente.

Tu outr'ora talvez desses-lhe um beijo,  
Porque repugnas levantál-o agora?  
Olha-o comigo! Que espaçosa fronte!  
Quanta vida alli dentro fermentava,  
Como a seiba nos ramos do arvoredó!  
E a séde em fogo das idéas vivas  
Onde está? onde foi? Essa alma errante  
Que um dia no viver passou cantando,  
Como canta na treva um vagabundo,  
Perdeu-se acaso no sombrio vento,  
Como nocturna lampada apagou-se?  
E a scentelha da vida, o electrismo  
Que as fibras tremulantes agitava  
Morreu para animar futuras vidas?

Sorrís? eu sou um louco. As utopias,



Os sonhos da sciencia nada valem.  
A vida é um escarneo sem sentido,  
Comedia infame que ensanguenta o lodo.  
Ha talvez um segredo que ella esconde;  
Mas esse a morte o sabe e o não revela.  
Os tumulos são mudos como o vácuo.  
Desde a primeira dôr sobre um cadaver,  
Quando a primeira mãe entre soluços  
Do filho morto os membros apertava  
Ao offegante seio, o peito humano  
Cahiu tremendo interrogando o tumulo...  
E a terra sepulchral não respondia.

Levanta-me do chão essa caveira!  
Vou cantar-te uma pagina da vida  
De uma alma que penou, e já descansa.

## II

— Por quem esperas tremula a deshoras,  
Mulher da noite, na deserta rua?  
A miseria venceu os teus orgulhos,

E vens na treva contractar teu leito?  
Vem pois. És bella. Tens no rosto frio  
A imagem das Madonas descoradas.  
Vagabunda de amor, és bella e pallida.  
Será doce em teu seio de morena  
Um momento sentir os meus suspiros  
Estuantes nos labios doloridos.  
Se inda podes amar, ergue-te ainda,  
Une teu peito ao meu, pallida sombra! —

### III

Era uma fronte olympica e sombria,  
Nua ao vento da noite que agitava  
As loiras ondas do cabello solto;  
Cabeça de poeta e libertino  
Que fogo incerto de embriaguez corava  
Na fronte a pallidez, no olhar acceso  
O lume errante de uma febre insana.



IV

— Mancebo, quem és tu?

— Que importa o nome?

Um poeta de santas harmonias  
Que a Musa obscena do bordel profana.  
Na apparição balsâmica dos anjos  
Porventura enlevei a mocidade.  
Das virgens no cheiroso travesseiro  
Porventura dormi... Meu Deus! que sonhos!  
Em seios que a innocencia adormecia,  
Repousei minha fronte embevecida.  
Amei, mulher! amei!

Que sêde intensa!

Seccou-se-me a torrente do deserto  
Que as folhas de frescura borrifava.  
Tudo! tudo passou... Amei... Embora!  
Quero agora dormir nos teus joelhos.  
Nessa esponja da vida inda uma gota

Talvez reste a meus labios anhelantes  
Que me dê um assomo de ventura  
E um leito onde morrer amando ainda.

E que vida, mulher! que dôr profunda,  
Faminta como um verme aqui no peito!  
Murcha desfalleceu a flôr da vida  
E cedo morrerá... E vós, meus anjos,  
Ó Virgem Santa, que eu amei, na lyra  
A quem votei meu canto delirioso;  
Amantes que eu sonhei, que eu amaria  
Com todo o fogo juvenil que ainda  
Me abraza o coração, porque fugistes,  
Brancas sombras, do céu das esperanças?

Oh! riamos da vida! tudo mente!  
Os meus versos gotejem de ironias!  
Esse mundo sem fé merece prantos?  
Á orgia! na saturnal entre a loucura  
Derrama o vinho somno e esquecimento.  
Vinde, bellezas que a volupia inflamma!  
Bebamos juntos... Cantarei de novo:  
A minha alma nas azas do improvisado,  
Como as aves do céu, võe cantando...  
Todos cahirão ebrios?... só eu resto?  
Embora! em minha mão a lyra pulsa,



Meu peito bate, a inspiração agora  
Canticos immortaes ao labio inspira,  
Voai ao céo — não morrereis, meus cantos!

V

A gloria! a gloria! meu amor foi ella,  
Foi meu Deus, o meu sangue... até meu genio...  
E agora!... Além os sonhos desta vida!  
Quando eu morrer, meus versos incendeiem!  
Apague-se meu nome — e ao cadaver  
Nem lagrima nem cruz o mundo vote.  
Sou um impio (disserão-n'ô!) pois deixem-me  
Descansar no sepulchro!

Porque choras,  
Descorada mulher? Sabes acaso  
Quem é o triste, o malfadado obscuro  
Que delira e desvaira aqui na treva  
E tuas mãos aperta convulsivo?  
Eu não te posso amar. Meu peito morto  
É como a rocha que o oceano bate

E branqueia de escumia — alli não póde  
Medrar a flôr cheirosa dos enlevos...  
Teu amor... Eu descri até dos sonhos...  
Demais dentro em tua alma eu vejo trevas,  
Uma estrella de Deus não a illumina.  
Quem pudéra nas ondas do passado,  
Ditoso pescador, erguer no lodo  
O ramo de coral de teus amores?

VI

Amei ! amei ! no sonho, nas vigílias  
Esse nome gemí que eu adorava !  
Votei amor a tudo quanto é bello !  
Escuta... A rua é quêda. A noite escura  
É negra como um tumulto. Durmamos  
No leito dos amores do perdido.  
Vês ? nem lua no céu !... tudo é medonho !  
Nem estrella de luz !... — Silencio ! Embora !  
Escuta, anjo da noite ! no meu peito  
Não ouves palpitar o som da vida ?  
Deixa encostar meus labios incendiados



No teu seio que bate. Vem, meu anjo !  
A alma da formosura é sempre virgem !  
Minha virgem — irmã — meu Deus ! contigo  
Oh ! deixa-me viver ! Eu sinto bella  
A tua alma acordando reflectir-te  
Nessos olhos tão negros d'Hespanhola.  
Quero amar e viver — sonhar — em fogo  
Meus frouxos dias exaurir n'um beijo,  
Derramar a teus pés os meus amores,  
Minhas sanctas canções a ti erguêl-as,  
A ti, e só a ti ! —

## VII

— Que tens ? desmaias ?

Que tens, mancebo ?

— Nada. É cedo ainda.

Não é ella inda não. Chamei por ella...

Foi em vão... delirei...

— Por quem ?

— A morte.

— Morrer ! pobre de ti, ó meu poeta !

— Se a morte é soffrimento, eu soffro tanto,  
Que a mudança do mal será consolo ;  
Se a morte é somno, meu cansado corpo  
No descanso eternal deixai que durma.

— Eu tambem soffro... mas a morte assusta.  
Eu misera mulher nas amarguras  
Descorei e perdi a formosura.  
No amor impuro profanei minh'alma...  
E nesta vida não amei comtudo !  
Não sou a virgem melindrosa e casta  
Que nos sonhos da infancia os anjos beijão,  
E entre as rosas da noite adormecêra  
Tão pura como a noite e como as flôres ;  
Mas na minh'alma dorme amor ainda.  
Levanta-me, poeta, dos abysmos  
Até ao puro sol do amor dos anjos !  
Ó minha vida, minha vida pura,  
Porque forão tão breves da innocencia  
Das crengas virginaes os bellos dias ?  
Chamei por Deus em vão. Sobre meu leito  
Em vez do anjo do céu senti gelada  
Sombra desconhecida vir sentar-se,  
Em beijos frios roxear meus labios,



Em abraços de morte unir-me ao seio.  
Douda ! chamei por Deus ! a meu reclamo  
Veio o torvo Satan... Oh ! não maldigas  
A misera que os seios innocentes  
Entregou sem pudor a mãos impuras :  
Erão taças de Deus... eu bem sabia !  
Mas todo o pesadello do passado  
Foi uma horrenda sina... tudo aquillo  
Escrevêra Satan... —

### VIII

— Fatalidade !

É pois a voz unanime dos mundos,  
Das longas gerações que se agonisão,  
Que sobe aos pés do Eterno como incenso ?  
Serás tu como os bonzos te fingirão ?  
Sublime Creador, porque engeitaste  
A pobre criação ? porque a fizeste  
Da argila mais impura e negro lodo,  
E a lançaste nas trevas errabunda  
Co'a pallidez na fronte como anathema,

Qual lança a borboleta a raça doiro  
No pantano e no sangue?

Tudo é sina !

O crime é um destino — o genio, a gloria  
São palavras mentidas — a virtude  
É a mascara vil que o vicio cobre.  
O egoismo ! eis a voz da humanidade.  
Foste sublime, Creador dos mundos !

## IX

Tudo morre, meu Deus ! No mundo exausto  
Bastardas gerações vagão descritas.  
E a arte se vendeu, essa arte santa  
Que orava de joelhos e vertia  
O seu raio de luz e amor no povo,  
E o genio soluçando e moribundo  
Olvidou-se da vida e do futuro  
E blasphema lutando na agonia.  
Agonia de morte ! Só em torno  
No leito do morrer as almas gemem.



E o phantasma da morte gela tudo.  
Porque um ardente amor não mais suspira  
Notas do coração pelo silencio  
Da noite enamorada? A chamma pura  
Porque das almas se apagou nas cinzas?  
E a lyra do poeta, se murmura  
As illusões de um mundo visionario,  
Porque estala tão cedo? Vagabundo  
Adormeci das arvores na sombra  
E nos campos em flôr errei sonhando,  
Coroando-me dos lyrios da alvorada.  
Arvore prateada da esperança,  
Sombra das illusões, ó vida bella  
E sempre bella, e no morrer ainda,  
Porque pousei a fronte sobre a relva  
Á sombra vossa, delirante um dia?

Oh! que morro tambem! na noite d'alma  
Sinto-o no peito que um ardor consome,  
No meu genio que apaga-se nas orgias,  
Que foge o mundo, e o sepulchro teme...  
Exilei me dos homens blasphemando...  
Concentrei-me no fundo desespero,  
E exausto de esperança e zombarias  
Como um corpo no tumulto lancei-me,  
Suicida da fé, no vicio impuro.

X

E o mundo ? não me entende. Para as turbas  
Eu sou um doudo que se aponta ao dedo.  
A gloria é essa. P'ra viver um dia  
Troquei o manto de cantor divino  
Pelas roupas do insano. — Os sons profundos  
Ninguém os applaudia sobre a terra.  
Para um pouco de pão ganhar da turba,  
Como teu corpo no bordel profanas,  
— Fiz mais ainda ! — prostitui meu genio !  
Oh ! ditoso Fylinto ! elle sim pôde  
Na miseria guardar seu genio puro ;  
Nunca infame beijou a mão dos grandes :  
Morreu como Camões, morreu sem nodoa !  
Mas eu ! A voz do vicio arrebatou-me,  
Fascinou-me da infamia o reverbero...  
Maldições sobre mim ! Abre-te, ó campá !  
Alli obscuro dormirei na treva. .



XI

Ó sancta inspiração ! fada nocturna,  
Porque a fronte não beijas do poeta ?  
Porque não lhe descansas nos cabellos  
A corôa dos sonhos, e rebentão-lhe  
Entre as lividas mãos uma per uma  
As cordas do alaúde no vibrar-as ?  
Ó santa inspiração ! porque nas sombras  
Não escuta o poeta á meia-noite  
Os sons perdidos da harmonia santa  
Que o pobre coração de amor lhe enchião ?

Eu fui á noite da taverna á meza  
Bater meu copo á taça do bandido,  
Na louca saturnal beber com elle,  
Ouvir-lhe os cantos da sangrenta vida  
E as lendas de punhal e morticínio.  
De vinho e febre pallido deitei-me  
Sobre o leito venal de uma perdida...  
Comprimei-a no meu exausto peito,

Fallei-lhe em meu amor, contei-lhe sonhos,  
Do meu passado a flôr, as glorias murchas  
E os longos beijos da primeira amante...

Amor ! amor ! meu sonho de mancebo !  
Minha sêde ! meu canto de saudade !  
Amor ! Meu coração, lábios e vida  
A ti, sol do viver, erguem-se ainda,  
E a ti, sol do viver, erguem-se embalde !

Ouvi, ouvi no leito da miséria  
A pallida mulher junto a meu peito  
Contar-me seus amores que passarão,  
Fallar-me de purezas, d'esperanças...  
E soluçava a triste, e ardentes, longas,  
As lagrimas em fio deslizando  
Eu vi cahindo sobre o seio della...  
Oh ! suas emoções, humidos beijos,  
Dos seios o tremor, aquelles prantos,  
E os offegantes ais... erão mentira !...



## XII

Ah ! vem, alma sombria que pranteias.  
Por quem choras? Por mim? Em vez de prantos  
Deixa-me suspirar a teus joelhos.  
Tu sim és pura. Os anjos da innocencia  
Poderião amar sobre teu seio.  
Aperta minha mão ! Senta-te um poco  
Bem unida a minha alma em meus joelhos ;  
Assim parece que um abraço aperta  
Nossas almas que soffrem. Revivamos !  
O passado é um sonho — o mundo é largo,  
Fugiremos a patria. Iremos longe  
Habitar n'um deserto. No meu peito  
Eu tenho amores para encher de encantos  
Uma alma de mulher... Porque sorriste ?  
Sou um louco. Maldita a folha negra  
Em que Deus escreveu a minha sina...  
Maldita minha mãe, que entre os joelhos  
Não soubeste apertar, quando eu nascia,  
O meu corpo infantil ! Maldita !...

### XIII

Escuta.

Sinto uma voz no peito que suspira.  
É a alma do poeta que desperta  
E canta como as aves acordando.  
Oh ! cantemos ! até que a morte fria  
Gele nos labios meus o ultimo canto !  
Um cantico de amor, ó minha lyra !  
Annalia ! Armia ! apparições formosas !  
Eu amei sobre a terra as vossas sombras,  
O ideal que vos anima eu buscava,  
Vive apenas no céo ! vou entre os anjos,  
Entre os braços da morte amar com elles ! —

### XIV

O poeta a tremer cahiu no lodo.  
A perdida tomou-lhe a fronte branca,



Pòl-a ao collo — era livida — inda o fogo  
Lá dentro vacilava agonisando,  
Como fluctua a claridão da lampada  
Apagando-se ao vento.

E quando a aurora.

Nos céos de nacar acordava o dia,  
E nas nuvens azues o sol purpureo  
Se embalava no efflúvio de ventura  
Das flores que se abrião, dos perfumes,  
Da briza morna que tremia as folhas,  
Macilenta a mulher no chão da rua  
Sentada, a fronte curva, sobre os seios  
Embalava cantando aquelle morto.

Na manta o encobriu. Medrosa a furto  
A infeliz o beijou — o pobre amante  
Que uma noite pernoitou com ella  
Para aos pés lhe morrer — e sem ao menos  
Nas faces della estremecer um beijo.

Alguem que alli passou, vendo-a tão pallida  
Sentada sobre a lage, e tão ardente,  
Chegou ao pé — ergueu ao malfadado  
A manta.

Como subito acordando  
Disse a moça a tremer :

— Deixa-o agora.  
Elle penou de febre toda a noite,  
Deitou-se descansando sobre o leito...  
Oh ! deixa-m'o dormir.

— Mulher, no peito  
Sabes quem tu dormiu ?

— « Que importa o nome ? »  
Assim fallava-me...

Ai de ti, miserrima !  
Um poeta morreu. Fronte divina,  
Alma cheia de sol, fronte sublime  
Que de um anjo devêra no regaço  
Amorosa viver... Morreu Bocage !



## NO ALBUM DA EX<sup>MA</sup>. SRA. D. O....

Era uma flôr a embalsamar-me a vida,  
Era um astro a doirar meu firmamento,  
Era um ser ideado em sonhos d'oiro  
Anjelico o sorrir ao meu tormento;

E essa flôr, e esse anjo, e essa estrellã  
De limpido fulgôr tão peregrina .  
Ereis vós tão sómente que eu sonhára  
Qual anjo melancolica e divina ;

E sentimento foi que não tem nome,  
Que não é — não — amor, nem amizade,

Affecto que se sente e não se exprime,  
Mas olente do odôr da castidade;

E esse meu sentir nasceu bem santo,  
Como vós repassado de pureza,  
E bem candido vive, bem suave  
Como da lua morbida tristeza!



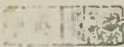
## PEDRO IVO

Perdoai-lhe, Senhor! elle era um bravo!  
Fazia as faces descorar do escravo  
Quando ao sol da batalha a fronte erguia,  
E o corsel gottejante de suor  
Entre sangue e cadaveres corria!  
O genio das pelejas parecia...  
Perdoai-lhe, Senhor!

Onde mais vivo em peito mais valente  
N'um coração mais livre o sangue ardente  
Ao fervor desta America bulhava?  
Era um leão sangrento que rugia :

Da guerra nos clarins se embriagava —  
E vossa gente — pallida recuava —  
Quando elle apparecia !

Era filho do povo — o sangue ardente  
As faces lhe assomava incandescente,  
Quando scismava do Brasil na sina...  
Hontem — era o estrangeiro que zombava,  
Amanhã — era a lamina assassina,  
No cadafalso a vil carnificina  
Que em sangue jubilava !

Era medonho o rubro pesadello !  
Mas nas fronte venaes do genio o sello  
Gravaria o anathema da historia !  
Dos filhos da nação a rubra espada  
No sangue impuro da facção ingloria  
Lavaria dos livres na victoria  
 A mancha profanada !

A fronte envolta em folhas de loureiro  
Não a escondemos, não !... Era um guerreiro !  
Despio por uma idéa a sua espada !  
Alma cheia de fogo e mocidade,  
Que ante a furia dos reis não se acobarda,



Sonhava nesta geração bastarda  
Glorias... e liberdade!

Tinha sêde de vida e de futuro ;  
Da liberdade ao sol curvou-se puro  
E beijou-lhe a bandeira sublimada :  
Amou-a como a Deus, e mais que a vida!  
Perdão para essa fronte laureada!  
Não lanceis á matilha ensanguentada  
A aguia nunca vencida!

Perdoai-lhe, Senhor! Quando na historia  
Vêdes os reis se corôar de gloria,  
Não é quando no sangue os thronos lavão  
E envoltos no seu manto prostituto  
Olvidão-se das glórias que sonhavam!  
Para esses — maldição! que o leito cavão  
Em lodaçal corrupto!

Nem sangue de Ratcliff's o fogo apaga  
Que as fronte populares embriaga,  
Nem do heróe a cabeça decepada  
Immunda, envolta em pó, no chão da praça,  
Contrahida, amarella, ensanguentada,  
Assusta a multidão que ardente brada  
E thronos despedaça!

O cadaver sem benções, insepulto,  
Lançado aos corvos do hervaçal inculto,  
A fronte varonil do fuzilado,  
Ao somno imperial co'os labios frios  
Podem passar no escarneo desbotado  
Ensanguentar-te a seda ao cortinado  
E rir-te aos calafrios!

Não escuteis essa facção impia  
Que vos repete a sua rebeldia ..  
Como o verme no chão da tumba escura  
Convulsa-se da treva no mysterio :  
Como o vento do inferno em agua impura,  
Com a bocca maldita vos murmura :  
« Morra! salvai o imperio ! »

Sim, o imperio salvai ; mas não com sangue!  
Vêde — a patria debruça o peito exangue  
Onde essa turba corvejou, cevou-se!  
Nas glorias, no passado elles cuspirão !  
Vêde — a patria ao Bretão ajoelhou-se,  
Beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se!  
Elles a prostituirão!

Malditos! do presente na ruina



Como torpe, despida Messalina,  
Aos apertos infames do estrangeiro  
Traficão dessa mãe que os embalou!  
Almas descritas do sonhar primeiro  
Venderião o beijo derradeiro  
Da virgem que os amou!

Perdoai-lhe, Senhor! nunca vencido,  
Se em ferros o lançarão foi trahido!  
Como o Arabe além no seu deserto,  
Como o cervo no páramo das relvas,  
Ninguém os trilhos lhe seguira ao perto  
No murmurio das selvas!

Perdão! por vosso pai! que era valente,  
Que se batia ao sol co'a face ardente,  
Rei — e bravo também! e cavalleiro!  
Que da espada na guerra a luz sabia  
E ao troar dos canhões entumescia  
O peito de guerreiro?

Perdão, por vossa mãe! por vossa gloria!  
Pelo vosso porvir e nossa historia!  
Não mancheis vossos louros do futuro!  
Nem lisongeiro incenso a nodoa exime!

— Lava-se o polluir de um leito impuro,  
Lava-se a pallidez do vicio escuro ;  
Mas não lava-se um crime !

Rio de Janeiro. — Novembro de 1850.



## A MINHA MAI

És tu, alma divina, essa Madona  
Que nos embala na manhã da vida,  
Que ao amor indolente se abandona  
E beija uma criança adormecida ;

No leito solitario és tu quem vela  
Tremulo o coração que a dôr anceia,  
Nos ais do soffrimento inda mais bella  
Pranteando sobre uma alma que pranteia ;

E se pallida sonhas na ventura  
O affecto virginal, da gloria o brilho,

Dos sonhos no luar, a mente pura  
Só delira ambições pelo teu filho !

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,  
Quando a lua no mar se vai doirando :  
Pensamento de mãe é como incenso  
Que os anjos do Senhor beijão passando.

Creatura de Deus, ó mãe saudosa,  
No silencio da noite e no retiro  
A ti vò a minh'alma esperançosa  
E do pallido peito o meu suspiro !

Oh ! vêr meus sonhos se mirar ainda  
De teus sonhos nos magicos espelhos !  
Viver por ti de uma esperança infinda  
E sagrar meu porvir nos teus joelhos !

E sentir que essa briza que murmura  
As saudades da mãe bebeu passando !  
E adormecer de novo na ventura  
Aos sonhos d'ouro o coração voltando !

Ah ! se eu não posso respirar no vento,  
Que adormece no valle das campinas,



A saudade de mãi no desalento,  
E o perfume das lagrimas divinas,

Ide ao menos, de amor meus pobres cantos,  
No dia festival em que ella chora,  
Com ella suspirar nos doces prantos,  
Dizer-lhe que tambem eu soffro agora!

Se a estrella d'alva, a perola do dia,  
Que vê o pranto que meu rosto inunda,  
Meus ais na solidão lhe não confia  
E não lhe conta minha dôr profunda,

Que a flôr do peito desbotou na vida  
E o orvalho da febre requeimou-a;  
Que nos labios da mãi na despedida  
O perfume do céu abandonou-a !...

Mas não irei turvar as alegrias  
E o jubilo da noite susurrante,  
Só porque a magoa desnuou meus dias,  
E zombou de meus sonhos delirantes.

Tu bem sabes, meu Deus! eu só quizerá  
Um momento se quer lhe encher de flôres;

Contar-lhe que não finda a primavera,  
A doirada estação dos meus amores ;

Desfolhando da pallida corôa  
Do amor do filho a perfumada flôr  
Na mão que o embalou, que o abençoá,  
Uma saudosa lagrima depôr!

Suffocando a saudade que delira  
E que as noites sombrias me consome,  
O nome della perfumar na lyra,  
De amor e sonhos coroar seu nome !...



## SONETO

Passei hontem a noite junto della.  
Do camarote a divisão se erguia  
Apenas entre nós — e eu vivia  
No doce alento dessa virgem bella...

Tanto amor, tanto fogo se revela  
Naquelles olhos negros! só a via!  
Musica mais do céo, mais harmonia  
Aspirando nessa alma de donzella!

Como era doce aquelle seio arfando!

Nos labios que sorriso feiçoiro !  
Daquellas horas lembro me chorando !

Mas o que é triste e dóe ao mundo inteiro  
É sentir todo o seio palpitando...  
Cheio de amores ! e dormir solteiro !



## THEREZA

Je l'ayme tant que je n'ose l'aymer.  
CLÉMENT MAROT.

Quando junto de mim Thereza dorme,  
Escuto o seio della docemente :  
Exhalão-se dalli notas aereas,  
Não sei que de amoroso e de innocente !

Coração virginal e um alaúde  
Que dorme no silencio e no retiro...  
Basta o roçar das mãos do terno amante,  
Para exhalar suavissimo suspiro !

Nas almas em botão, nesse crepusculo  
Que da infante e da flôr abre a corolla,

Murmurão leve os tremulos sentidos,  
Como ao sopro do vento uma viola.

Diz — amor ! — essa voz da lyra interna,  
É suspiro de flôr que o vento agita,  
Vagos desejos, ancia de ternura,  
Uma briza de aurora que palpita.

Como dorme innocente esta criança !  
Qual flôr que abriu de noite o niveo seio,  
E se entrega da aragem aos amores,  
Nos meus braços dormita sem receio.

O que eu adoro em ti é no teu rosto  
O angelico perfume da pureza ;  
São teus quinze annos n'uma fronte santa  
O que eu adoro em ti, minha Thereza !

São os loiros anneis de teus cabellos,  
O esmero da cintura pequenina,  
Da face a rosa viva, e de teus olhos  
A saphira que a alma te illumina !

É tua fórmula aerea e duvidosa  
— Pudor d'infante e virginal enteio ;



Corpo suave que nas roupas brancas  
Revela apenas que desponta o seio.

Eu sei, mimosa, que tu és um anjo  
E vives de sonhar, como as Ondinas,  
E és triste como a rola, e quando dormes  
Do peito exhalas musicas divinas!

Ah! perdôa este beijo! eu te amo tanto!  
Eu vivo de tua alma na fragrancia...  
Deixa abrir-te n'um beijo as flores d'alma,  
Deixa-me respirar na tua infancia!

Não acordes tão cedo! enquanto dormes  
Eu posso dar-te beijos em segredo...  
Mas, quando nos teus olhos raia a vida,  
Não ouse te fitar... eu tenho medo!

Emquanto dormes, eu te sonho amante,  
Irmã de seraphins, doce donzella:  
Sou teu noivo... respiro em teus cabellos  
E teu seio venturas me revela...

Deliro... junto a mim eu creio ouvir-te  
O seio a suspirar, teu ai mais brando,

Pouso os labios nos teus; no teu alento  
Volta minha pureza suspirando!

Teu amor como o sol apura e nutre;  
Exhala fresquidão e doce briza;  
É uma gota do céu que aroma os labios  
E o peito regenera e suavisa.

Quanta innocencia dorme alli com ella!  
Anjo desta criança, me perdôa!  
Estende em minha amante as azas brancas,  
A infancia no meu beijo abandonou-a!



## A MEU AMIGO J. F. MOREIRA

NO DIA DO ENTERRO DE SEU IRMÃO

A vida é uma comedia sem sentido,  
Uma historia de sangue e de poeira,  
Um deserto sem luz...

A escara de uma lava em cranco ardido..  
E depois sobre o lodo... uma caveira,  
Uns ossos e uma cruz!

Parece que uma atroz fatalidade  
A mente insana no porvir alenta  
E zomba da illudida !  
O frio vendaval da eternidade

Apaga sobre a fronte macilenta  
A lampada da vida.

Não digas, coração, que alma descansa  
Quando as idéas no prazer enfurda  
O escarneo zombeteiro...  
Que loucura!... amanhã o peito cansa...  
Resta um enterro... e uma reza surda...  
E depois... o coveiro!

Fermente a seiba juvenil no peito,  
Vele o talento n'uma fronte santa  
Que o genio empallidece...  
Embalde! a noite, ao pé de cada leito  
O phantasma terrível se levanta...  
E seu bafo entorpece!

E comtudo essa morte é um segredo  
Que gela as mãos do trovador na lyra  
E escarnece da crença;  
Um pessadello — uma visão de medo ..  
Verdade que parece uma mentira  
E inocula a descrença!

E quem sabe? é a duvida medonha!  
Quem os véos arregaça do infinito



E os tumulos destampa?  
Quem, quando dorme, ou vela, ou quando sonha,  
OuvIU revelações no horrendo grito  
A rebentar da campa?

E quem sabe? é a duvida terrivel :  
É a larva que aos labios nos aperta  
Entre-abrindo o sudario !  
A realidade é um pesadello incrivel !  
Semelha um sonho a lapida deserta  
E o leito mortuario !

E quando acordarão os que dormitão ?  
Quando estas cinzas se erguerão tremendo  
Em nuvens se expandindo ?  
Perguntai-o aos cyprestes que se agitação,  
Ao vento pela treva se escondendo  
Nas ruinas bramindo !

E comtudo parece um desvario,  
Blasphemia atroz o cantico atrevido  
Que rugem os atheos ;  
Sem a sombra de Deus é tão vasio  
O mundo — cemiterio envilecido !...  
Oh ! creiamos em Deus !

Creiamos, sim, ao menos pára a vida  
Não mergulhar-se n'uma noite escura...

E não enlouquecer...

Utopia ou verdade, a alma perdida  
Precisa de uma idéa eterna e pura

— Deus e Céu... para crer!

Consola-te! nós somos condemnados  
Á noite de amargura : o vento norte

Nossos pharóes apaga...

Iremos todos, pobres naufragados,  
Frios rolar no littoral — da morte

Repellidos da vaga!

S. Paulo, 2 de novembro 1851.



## SONETO

Perdôa-me, visão dos meus amores,  
Se a ti ergui meus olhos suspirando !...  
Se eu pensava n'um beijo desmaiando  
Gozar contigo uma estação de flôres ;

De minhas faces os mortaes pallores,  
Minha febre nocturna delirando,  
Meus ais, meus tristes ais vão revelando  
Que peno e morro de amorosas dores...

Morro, morro por ti ! na minha aurora

A dôr do coração, a dôr mais forte,  
A dôr de um desengano me devora...

Sem que ultima esperança me conforte,  
Eu — que outr'ora vivia ! — eu sinto agora  
Morte no coração, nos olhos morte !



## A MINHA ESTEIRA

Aqui do valle respirando á sombra  
P'asso cantando a mocidade inteira...  
Escuto no arvoredos os passarinhos  
E durmo venturoso em minha esteira.

Respiro o vento, e vivo de perfumes  
No murmurio das folhas da mangueira ;  
Nas noites de luar aqui descanso  
E a lua enche de amor a minha esteira.

Aqui mais bella junto a mim se deita  
Cantando a minha amante feiticeira ;

Sou feliz como as ternas andorinhas  
E meu leito de amor é minha esteira !

Nem o Arabe Califa, adormecendo  
Nos braços voluptuosos da estrangeira,  
Foi no amor da Sultana mais ditoso  
Que o poeta que sonha em sua esteira !

Aqui do valle respirando á sombra  
Passo cantando a mocidade inteira ;  
Vivo de amores ; morrerei sonhando  
Estendido ao luar na minha esteira !



## SE EU MORESSE AMANHÃ!

Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã :  
Minha mãe de saudades morreria,  
Se eu morresse amanhã !

Quanta gloria presinto em meu futuro !  
Que aurora de porvir e que manhã !  
Eu perdêra chorando essas corôas,  
Se eu morresse amanhã !

Que sol ! que céu azul ! que doce n'alva  
Acorda a natureza mais louçã !

Não me batêra tanto amor no peito,  
Se eu morresse amanhã !

Mas essa dôr da vida que devora  
A ancia de gloria, o dolorido afan...  
A dôr no peito emmudecêra ao menos,  
Se eu morresse amanhã !



## SONETO

Oh ! paginas da vida que eu amava,  
Rompei-vos ! nunca mais ! tão desgraçado !...  
Ardei lembranças doces do passado !  
Quero rir-me de tudo que eu amava !

E que doudo que eu fui ! como eu pensava  
Em mãe, amor de irmã ! em socegado  
Adormecer na vida acalentado  
Pelos labios que eu tímido beijava !

Embora — é meu destino. Em treva densa

Dentro do peito a existencia finda...  
Présinto a morte na fatal doença!...

A mim a solidão da noite infinda!  
Possa dormir o trovador sem crença...  
Perdoa, minha mãe — eu te amo ainda!



# O POEMA DO FRADE

ON JUAN.

Ce que je crois?

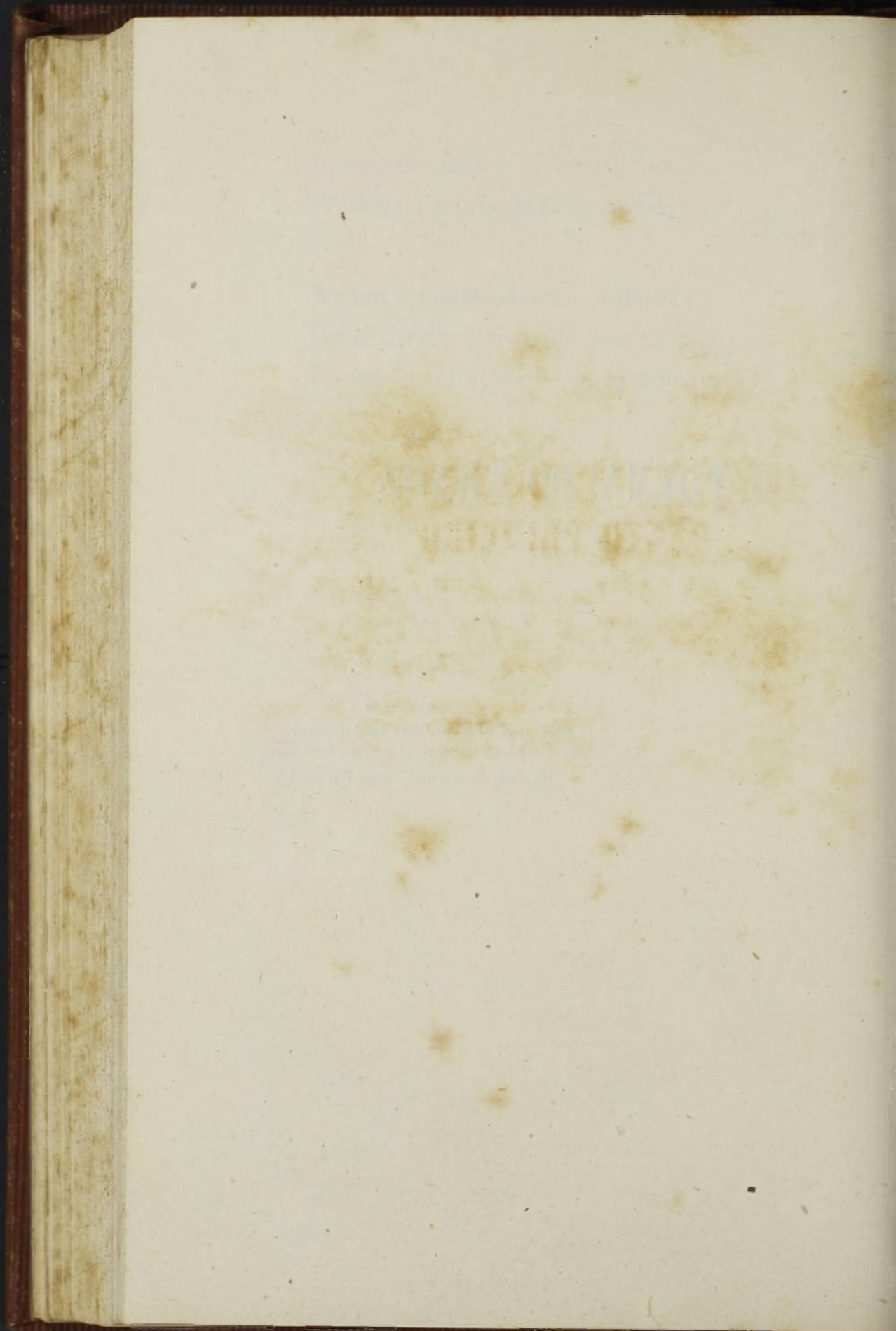
SGANARELLE.

Oui.

DON JUAN.

Je crois que deux et deux sont quatre,  
Sganarelle, et que quatre et quatre sont huit.

MOLIÈRE, *Don Juan*, acte III, sc. I.





## CANTO PRIMEIRO

Man being reasonable must get drunk,  
The best of life is intoxication....

BYRON, *Don Juan*.

### I

Eia ! acorde-se a gloria aos meus lamentos  
Com as faces de sangue salpicadas !  
Tremão nos cantos meus da lide aos ventos  
As gottejantes lucidas espadas !  
Revolvão-se raivando macilentos  
Os cavalleiros das nações passadas !

Brilhem as mu'tidões ao sol ardente  
Com as nuvens dourendas do poente!

II

N'essas lividas mãos rompa-se a lyra!  
Além canções cheirosas como o nardo  
Que nos festins da noite o vinho inspira!  
Não vêdes que da guerra aos sonhos ardo?  
Não vêdes que meu cerebro delira  
E arqueja em fôgo o coração do bardo,  
E como um rei trocara o meu laurel,  
Meu reino — por um ferro e um corsel<sup>1</sup>?

II

Como das grutas de Fingal na bruma  
Do norte a ventania se derrama;  
Como róda o tufão no mar que espuma;  
Como a cratera do volcão se inflamma,  
Como a nuvem de fôgo no ar se apruma  
Assim no peito meu o estro em chamma  
Agita-me, afoguêa o peito langue  
E como as aguias, só anhela sangue!

<sup>1</sup> SHAKSPEARE, *Henry IV* : « My kingdom for a horse! »



IV

Mas em que mar cavado eu me perdia !  
De errante pescadôr leve canôa,  
Que rajada nas agoas te impellia  
Por entre essa tormenta que rebôa?  
Minha alma é um balão : na calmaria  
Boia placido no ar, gentil se escôa,  
Embala-se voando mollemente,  
Mas teme a trovoada que o rebente !

V

Ó lá soffrêa-te, corse! selvagem !  
Por que banhas-te em sangue entre a peleja  
E nos espinhos roças da folhagem ?  
Não vês o tressuar que te poreja  
No abafado calôr d'essa bafagem ?  
Não sentes que a peituga te lateja ?  
E a onda louca da sanguenta raiva  
As tuas crinas candidas enlaiva ?

VI

Além ! além ! e tu, lyra mimosa,  
— Que do lago nas selvas esquecida

Eu votei a uma fada vaporosa  
Que nas folhas entende-se dormida. —  
Vém, minha lyra, canta-me saudoza  
Alguma nenia pallida, sentida,  
Algum sonho que as fôlhas balouçando  
Te gemesse nas cordas expirando!

VII

Ou em quanto meu calice transborda  
Corrallino licôr, e um puro Havanna  
Sonhos da vida no vapôr me acorda,  
Venha o rosto gentil da Sevillhana,  
Ou d' harpa aeria tenteando a corda...  
Ao luar a lasciva Italiana,  
Co' as roupas de velludo desatadas  
E a madeixa em torrentes perfumadas.

VIII

Quero a orgia que á noite desvaria  
Quando fresco o luar no céu fluctúa  
E a vaga se pratêa de ardentia!  
Perfumes, flôres, a vertigem sua  
Vertendo no festim que me inebria!  
Lasciva a dansa voluptuosa e nua



Nas rosas que desfolho trepidando !  
Pagens louros as taças coroadando !

IX

E as roupas onde o seio transparece  
As formas cristallinas desenhando,  
Collos onde o suor limpido desce  
Nos seios como perolas rolando,  
E as tremulas madeixas ondeando,  
E a valsa que se agita e que resvala  
E entre perfumes lubricos se embala.

X

Trovas cheias de amor, que afogão beijos  
E o afan a ondular os niveos seios,  
O collar que na alvura se palleja ;  
E o olhar que enlanguéce nos enleios ;  
Vestes soltas ao fôgo dos desejos  
E respirando os labios devaneios ;  
Amantes e o Xerez em taças bellas  
E a embriaguez mais louca em meio d'ellas !

XI

E apoz ebrio de amor no frouxo leito

Entre os aromas de esfolhas flôres  
Quero dormir co' a loura peito a peito,  
No labio o labio d'ella — as vivas côres  
Quero as ver desmaiar n'um ai desfeito !  
Amal-a no luar, viver de amores !  
Ó noite ! da illusão que a vida esquece  
Que mais doce tremôr nos enlanguece ?

XII

Amo nas tardes de verão correndo  
A viração dos laranjaes em flôr,  
Na praia solitaria, a sós gemendo  
A pensativa languida o pallôr  
Entre as mãos melindrosas escondendo !  
Amo no baile a incendida côr  
Da donzella na dansa estremecida  
Como uma borboleta á luz da vida !

XIII

Mas eu amo inda mais sentir no seio  
A alma cheia de febre e de esperanças,  
E a timida donzella de receio  
Pender a fronte nas cheirosas tranças ;  
Amo inda mais no labio ardente e cheio



De amor que passa e aroma-lhe as lembranças,  
— E quando o olhar afoga-se em desejo —  
Implorar illusões, pedir um beijo !

XIV

Escutai-me, leitôr, a minha historia,  
É phantasia sim, porem amei-a.  
Sonhei-a em sua pallidez marmorea  
Como a nympha que volve-se na areia  
Co' os lindos seios nús... Não sonho gloria ;  
Escrevi por que a alma tinha cheia  
— N'uma insomnia que o spleen entristecia —  
De vibrações convulsas de ironia !

XV

Mas não vos pedirei perdão comtudo :  
Se d'esta canção negra não gostais <sup>1</sup>  
Não penseis que me enterre em longo estudo  
Por vossa alma fatar de outra harmonia !  
Se varío no verso e idéas mudo  
É que assim me desliza a phantasia...

<sup>1</sup> O autor escrevera tambem :

Si não gostais d'esta canção sombria.

(N. do Editor.)

Mas a critica, não... eu rio della...  
Prefiro a inspiração de noite bella !

XVI

A critica é uma bella desgraçada  
Que nada cria, nem jamais criara ;  
Tem entranhas de arcia regelada :  
É a esposa de Abrão, a pobre Sara  
Que nunca foi por Anjo fecundada :  
Qual a mãe que por ella assassinára  
Por sua inveja e vil desesperança  
Dos mais santos amores a criança !

XVII

O meu imaginar é um navio  
Que entre as brisas da noite se perfuma,  
Que á placida monção do morno estio  
Resvala pelo mar á flor da escuma !  
E da noite no fresco e no arrepio  
Das vagas a gemer uma per uma  
Sobre a quilha que languida se escôa  
Os marinheiros vão dormir na prôa.

XVIII

E dorme o capitão : e dorme e sonha



Aos fumos do charuto recindente,  
E do rhum nos vapores vem risonha  
Nas scismas lhe dansar alegremente,  
Esquecer-lhe a viagem enfadonha  
A Andalusia gentil de labio ardente :  
E embala-se em monotono descante  
Sonhando os seios do morena amante !

XIX

O marujo a dormir no chão immundo  
Sonha o riso da nedia taverneira,  
Da terra a folga, o vinho rubicundo  
E nas mezas da tasca a bebedeira !  
Ai ! coitados de nós ! todo esse mundo  
Não vale do sonhar a huri faceira !  
— Diz-lo o nauta no mar, o rei no throno :  
Da vida tudo o mais não val o somno !

XX

E que durmão ! se a languida ventura  
No regaço cheitoso os adormece !  
E que durmão ! se é muito fresca e pura  
A noite de sonhar que a vida esquece !  
E se quando se dorme nodoa impura

Nem os lyrios do amor amarellece,  
E a estrella não mergulha-se na treva...  
Assim meu pensamento — um sonho o leva !

XXI

Quando a lagrima sinto que tressúa  
N'uma palpebra rôxa e desbotada,  
Então minha alma tem na lyra sua  
Uma corda por ella perfumada !  
E quando eu amo ao clarão da lua  
N'um olhar de morena desmaiada  
E o labio em sede férvida me inflamma,  
O meu peito canções de amor derrama !

XXII

Quando gelou-se moribundo o peito  
Que um amor insensato consumia  
No deserto lodaçal, em frio leito,  
Ilouve por elle o ai de uma harmonia :  
N'um coração ás lagrimas affeito,  
Um adéus á flôr que se perdia  
Um adeus á lembrança do passado !  
Uma saudade em chão abandonado !



XXIII

Trouxo o verso talvez, pallida a rima  
Por estes meus delirios cambateia,  
Porem odeio o pó que deixa a lima  
E o tedioso emendar que gela a veia!  
Quanto a mim é o fogo quem anima  
De uma estancia o calor : quando formei-a  
Se a estatua não sahiu como pretendo :  
Quebro-a — mas nunca seu metal emendo.

XXIV

Meu heroe é um moço preguiçoso  
Que viveu e bebia por ventura  
Como vós, meu leitor... se era formoso  
Ao certo não o sei. Em mesa impura  
Esgotara com labio fervoroso  
Como vós e como eu a taça escura.  
Era pallido sim... mas não d'estudo :  
No mais... era um devasso e dice tudo!

XXV

Diser que era poeta — é cousa velha :  
No seculo da luz assim é todo

O que heroe de novellas assemelha.  
Vemos agora a poesia á rôdo !  
Nem ha nos botequins face vermelha,  
Amarello caixeiro, alma de lodo,  
Nem Bocage d'esquina, vate immundo,  
Que não se creia um Dante vagabundo !

XXVI

O meu não era assim : não se imprimia,  
Nem versos no theatro declamava !  
Só quando o fogo do licor corria  
Da fronte no pallôr que avermelhava,  
Com as convulsas mãos a taça enchia.  
Então a inspiração lhe afervorava  
E do vinho no effludio e nos resabios  
Vinha o fogo de genio á flor dos labios !

XXVII

Se era nobre ou plebeo, ou rico ou pobre  
Não direi-vos tambem : que importa o manto  
Se é bello o cavalleiro que elle cobre?  
E que importa o passado, um nome santo  
De putridos avós? plebeo ou nobre  
Somente a raiva lhe acordava o pranto.



Embuçada no orgulho a fronte erguia  
E do povo e dos reis escarnecia !

XXVIII

Não se lançara nas plebéas lutas,  
Nem nas phalanges de passado herdeiras,  
No turbilhão das multidões hirsutas,  
Não se enlaivou da patria nas sangueiras,  
Nem da praça no pó das vis disputas !  
Sonhava sim em tradições guerreiras,  
Nos canticos de bardo sublimado...  
Mas nas epicas sombras do passado.

XXIX

O presente julgava um mar de lama  
Onde vis ambições se debatião.  
Ruina immunda que lambera a chamma :  
Cadaver que aves fetidas roião !  
Tudo sentio venal ! e ingrata a fama !  
Como torrentes trepidas corrião  
As glorias, tradições, coroas soltas  
De um mar de infamias ás marés revoltas !

xxx

Não quisera mirar a face bella  
N'esse espelho de lodo ensanguentado !  
A embriaguez preferia : em meio d'ella  
Não virião cuspir-lhe o seu passado !  
Como em nevoento mar perdida vela,  
Nos vapores do vinho assombreádo  
Preferia das noites na demencia  
Boiar (como um cadaver !) na existencia !

xxxi

Uma vez o escutei : todos dormião —  
Junto á meza deserta e quasi escura :  
Lembranças do passado lhe volvião ;  
Não podia dormir ! Na festa impura  
Fora afogar escarneos que doião...  
Não o pôde : dos labios na amargura  
Ouvi-lhe um murmurar... Erão sentidas  
Agonias das noites consumidas !

xxxii

Olvidei a canção : só lembro d'ella  
Que d'alma a languidez a estremecia :



Como um anjo n'um sonho de donzella  
Sobre o peito a guitarra lhe gemia!  
E quando á frouxa lua, da janella,  
Cheia a face de lagrimas erguia,  
Como as brisas do amor lhe palpitavão  
Os labios no pallor que bafejavão!

XXXIII

Amar, beber, dormir, eis o que amava :  
Perfumava de amor a vida inteira,  
Como o cantor de Don Juan pensava  
Que é da vida o melhor a bebedeira...  
E a sua philosophia executava...  
Como Alfredo Musset, a tanta asneira  
Acrescento porem... juro o que digo!  
Não se parece Jonathas commigo.

XXXIV

Prometti um poema, e n'esse dia  
Em que a tanto obriguei a minha idéa  
Não prometti por certo a biographia  
Do sublime cantor d'esta Epopéa.  
Consagro a outro fim minha harmonia...  
Por favor cantarei n'esta Odysséa

De Jonathas a gloria não sabida....  
Mas não quero contar a minha vida.

XXXV

Basta ! foi longo o prologo ! confesso !  
Mas é preciso á casa uma fachada,  
A frente da mulher um adereço,  
No muro um lampião á torta escada !  
E agora d'esse canto me despeço  
Com a face de lagrimas banhada,  
Qual o moço Don Juan no enjôo rolla  
Chorando sobre a carta da Hespanhola <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> BYRON, *Don Juan*, canto II.



## CANTO SEGUNDO

And her head droop'd as when the lily lies  
O'ercharged with rain.

BYRON, *Don Juan*.

### I

Dorme! ao collo do amor, pallido amante,  
Repouza, sonhadôr, nos labios d'ella!  
Qual em seio de mãe, febril infante!  
No olhar, nos labios da infantil donzella  
Inebria teu seio palpitante!  
O murmurio do amor em forma bella

Tem doçuras que esmaião no desejo  
Dos sonhos ao vapor, na onda de um beijo !

II

Que importa a perdição manchasse um dia  
A aloura virginal das roupas santas,  
E o mundo a esse corpo que tremia  
Rompesse o véo que tímido alevantas?  
E á noite lhe pousasse a fronte fria  
N'esse leito em que tremulo te encantas  
E ao bafejo venal murchasse flores,  
Flores que abrião a infantis amores?

III

Que importa? se o amor teu rosto beija,  
Se a beijas nua e sobre o peito d'ella  
Teu peito juvenil ama e lateja!  
Se tua langue pallidez revela  
Que tua alma febril sonha e deseja  
Desmaiar-lhe de amor, gemer com ella,  
Ebrio de vida, a soluçar d'enleio,  
Pallido sonhador morrer-lhe ao seio !



IV

Que importa o mundo além? teu mundo é esse  
Onde na vida o coração te alegra!  
Teu mundo é o seraphim que ás noites desce  
E que lava no amor a mancha negra.  
É a nevoa de luz onde não lê-se  
Escripta á porta vil a infame regra  
Que assignala o bordel á mão polluta  
E diz nas letras fundas — prostituta!

V

A essa pobre mulher na fronte bella  
Anathema escreveu a turba fria!  
Banhe o remorso o travesseiro d'ella,  
Corrão-lhe a mil da palpebra sombria  
Prantos do coração, não ha erguel-a  
A eterna maldição. E quem diria  
A solitaria dor, da noite ao manto  
Que lavra o seio     cortezã em pranto?

VI

Ah! Magdalenas miseras! ardentes  
Quantos olhos azues se não inundão

Nos transe do praser em prantos quentes  
Quando os seios febris em ais abundão,  
Que o amante nos osculos trementes  
Crê sonhos que do amor no mar se afundão!  
Que suspiros no beijo que delira  
Que são lagrimas só! que são mentira!

VII

E quantas vezes na cheirosa seda  
Da longa transa desatada, solta,  
Onde o moço de gosos embebeda  
A fronte á febre juvenil revolta;  
Quando a vida, o frescor, a imagem leda  
De esp'rança que morreu ao leito volta;  
As lagrimas na dor ferventes correm...  
Como em céu de verão estrellas morrem?

VIII

Ah! não chores! que valem perfumadas  
Do Oriente as manhãs e céos e lúa  
E a natureza a vir entre alvoradas  
E a laurea do porvir que sangue sua,  
O val deserto, as noites estrelladas  
Quando languida a vida em ais fluctua!



Quando um suspiro as lagrimas apaga  
E o labio treme, e em beijos se embriaga?

IX

Amar uma perdida! que loucura!  
Mas tão bella! que seio de Madona!  
Nunca amara tão nivea creatura  
Como aquella mulher que ali ressona!

. . . . .

A lampada no leito que murmura  
Sobre amante que nua se abandona,  
Envolta nos seus lucidos cabellos  
Semelha um cherubim, pallido ao vel-os!

. . . . .

X

Era alta noite. Jonathas sahira —  
Precisava frescor — enfebrescida  
A fronte na descrença succumbira.  
Maldisia no tédio a negra vida,  
Até as illusões que elle sentira!  
Curvava a testa morbida, abattida,  
Sempre sedento, sempre libertino,  
Blasphemando do amor e do destino!

XI

Elle viu — não foi sonho — era sentada  
Á sombra no balcão de uma janella  
Angelica mulher : luz embaçada  
De um estrellado céo nas faces d'ella  
Branqueava-lhe a face descorada  
E os seios niveos que o setim revela...  
Alem imagens.vãs! a oitava finda :  
Só posso vos diser, que ella era linda.

XII

Nem tão aeria Jocelyn passando  
Vira Laurence pallida, abatida.  
Nem tão bella a sentira suspirando  
Abafando a saudade emmurchecida!  
Com a face na mão — muda, scismando  
Tão branca era a gentil desconhecida!  
Nos cabellos a noite recendia!  
Era tão bella assim... e ella dormia!

XIII

Esperavão alguém? A porta aberta  
Bem essa idea despertar podia.



Entrou. Do lampeão a luz incerta  
Entre as sombras alentos exauria...  
Elle subiu — a sala era deserta.  
Passando p'la cabeça a mão — sentia  
Não sei que atropellar de mil ideias,  
Que frio ignoto a comprimir-lhe as veias.

XIV

E que scisma! que insano devaneio  
Na mente exausta repassar-lhe vinha!  
Do vicio e do bordel tinha receio?  
Volvia á fé que desbotado tinha?  
Doia-lhe ao coração de um torpe enleio  
— Como no lodo as azas a andorinha —  
Do leito profanado ás sombras densas  
Uma per uma ter manchado as crenças?

XV

Não! revoava-lhe um outro pensamento,  
Mais duro e positivo e verdadeiro :  
A idea do devasso macilento  
Lhe doía no cerebro altaneiro...  
Pensava que amanhã o seu sustento  
Findaria por mingua de dinheiro...

Poucas moedas viu na bolsa finda...  
Porem bastantes para amar ainda!

XVI

Amar! amar e sempre! eternamente!  
Como da infancia os tremulos desejos!  
Amar, por que a alma se alimente  
Na seiba de prazer que manão beijos!  
Amar! como aos crepusculos do Oriente  
A sultana das noites aos bafejos!  
Amar! por que das convulsões do peito  
A hora mais divinal se esvai no leito!

XVII

Amar! por que esta vida se desfolha  
Entre aromas no labio que desmaia!  
E seu orvalho o coração nos molha  
Como a espuma do mar a fria praia!  
E treme-se ao prazer, qual treme a folha  
Quando influxo vital o amor espraia!  
Quando o extase ao espasmo preludia  
E o peito arqueja e a bocca balbucia!



XVIII

Amara esta noite : e quando exausto  
Accordasse amanhã — como um mendigo  
Levara a vida, peregrino infausto,  
Dos ralentos da noite ao desabrigo...  
— Ai! do ardente prazer quando holocausto  
Nas aras tremeleou o fogo amigo,  
E só restão as cinzas da fogueira.  
Que importa a cinza fria, a vil poeira?

XIX

Miserrimos de nós! nossa existencia  
O *hoje* abrange só, vermes de um dia!  
Hontem foi de um anhelos a impaciencia  
Um desejo feroso que incendia!  
E que importa amanhã seja a inclemencia  
Á intemperie do ar, á noite fria?  
Peregrinos! no barco adormecemos!  
Em mar desconhecido navegamos!

XX

O mancebo passou um reposteiro  
De purpureo veludo arregaçando.

Passou, bem como passa o caminheiro  
Da floresta os folhedos afastando...  
Entrou lento na sala o estrangeiro...  
Tinha um riso nos labios deslizando...  
Na sacada onde o vento se expandia  
Candida e bella mulher ahi dormia!

XXI.

Elle chegou-lhe ao pé : era tão pura,  
Que de leve osculou-lhe a fronte nua !  
Era uma estatua de marmorea alvura !  
Melancolica e bella como a lúá :  
E tão bella a mandeixa a sombra escura  
Derramando-lhe ao collo que fluctua !  
Leve passou a mão no seu cabello  
E ternamente murmurou — Consuelo ! —

XXII

Consuelo despertou (era o seu nome)  
E tão doce volveu os olhos santos,  
Que elle sentiu que a febre que consome  
Humano imaginar em sonhos tantos,  
Que delira corôas e renome,  
Desmaia da mulher ante os encantos,



Quando entre abre-se o peito ao ar da vida  
— Como ao sol do verão romã partida!

. . . . .  
. . . . .

XXIII

Do mais eu nada sei. Senti somente  
A noite duas almas suspirando :  
Ouvi na brisa um halito fremente,  
Qual de um seio em prazer se dilatando :  
Ouvi a jura ephemera, demente  
Passar como um suspiro desmaiando,  
Vi a lua celeste e vagarosa  
N'um leito derramar a luz saudosa!

XXIV

Depois o véo do leito estremecendo  
Vi duas creaturas soerguidas  
Como dois anjos, pallidas gemendo!  
Invocação as virgens consummidas  
Em desejos de amor, a Deus se erguendo :  
As folhas que se beijão recendidas,

Que palpitão á luz, e em fogo lento  
Murchão de gozo ao halito do vento !

XXV

Mystico beijo se escoou sentido  
Como de pombos candidos que adejão  
O susurro de vôo estremecido !  
E sobre os peitos que febris latejão  
Suffocava-se o tumido gemido  
Como as donzellas que de amor se beijão !  
Almas cheias de vida ! parecião  
Que as vidas n'uma vida confundião !

XXVI

D'aurora a doce luz, as brisas calmas  
A lhes passar nos humidos cabellos  
Era o sopro de Deus ! As duas almas  
De suave hymeneo nos doces élos  
Tremião como no deserto as palmas  
Quando á noite nos cachos amarellos,  
Entre os florões a vento perfumado  
Do pollen lhes derrama o pó doirado !

. . . . .



XXVII

Si quereis, meu leitôr, saber agora  
O que a isto seguiu-se — eu não o digo,  
Por que senão minha leitôra córa :  
E obro n'isto por certo qual amigo :  
E tambem por que a musa me descóra  
Quando n'estas visões a ideia sigo.  
Demais findou-se de licôr meu copo,  
E a secco poetar jamais eu tópo!

XXVIII

Importa-vos porem saber que a scena  
Que descrevi primeiro n'este Canto  
Veio d'esta ao depois. — A Magdalena  
Por quem ali eu desatei em pranto  
Foi a presente creatura amena,  
Que, certo, é digna que eu fizesse tanto!  
E pois que a meus heroes Morpheo namora  
Tambem cansado vou dormir agora!

Está a tua alma em estado de  
espera, e a tua vida em estado de

si quier, e a tua alma em estado de  
O que é isto seguisse — e a tua alma

Por que se não podia fazer mais :  
E a tua alma em estado de

E a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

Quando a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

Porque a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

E a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

E a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

Porque a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

E a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

Porque a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

E a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

Porque a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

E a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

Porque a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de

E a tua alma em estado de  
E a tua alma em estado de



## CANTO TERCEIRO

Ó gracioso primor de natureza  
Attractiva, donosa variedade!  
Que tudo quanto tocas formosças!

PHIL. ELYSIO.

### I

De certo o Creador na tal semana  
Em que o mundo surgiu da escuridade  
E sobre o mundo a luz e a raça humana,  
Por lei estab'leceu a variedade,  
Teve muita razão : com todo o sizo  
Attesto que môstrou muito juizo

II

Bofé! que se uma atroz monotonia  
De um elemento a vida compusera,  
O homem até morrer bocejaria,  
E em morna estupidez se embrutecera.  
Quanto a mim, eu adoro a variedade  
E amo at no verão a tempestade!

III

Por gostar das galhofas da comedia  
Da alegria folgaz de Molière,  
Nem por isso me esqueço da tragedia  
E desamo o sombrio Miserere!  
Quando Hamleto findou sua agonia  
Do Falstaff bon-vivant vinha a folia!

VI

Acho bello o Oceano quando vôo  
Pelo seu verde-mar n'um barco á vela,  
Porem odeio as afflicções do enjôo  
E o vento do alto mar que me regela...  
Amo a lua no mar e o mar sem lúá,  
Astarte vaporosa e Lolah núa.



V

Como varia o vento — o céo — o dia,  
Como estrellas e nuvens e mulheres  
Pela regra geral de todos seres,  
Minha lyra tambem seus tons varia,  
E sem fazer exforço ou maravilha  
Troca as rimas de oitava p'la sextilha.

VI

E agora tem lugar duas palavras  
Que o author mostrem nú d'este poema :  
Quem o arado levou por essas lavras...  
O marujo que n'esse bote rema...  
Fallemos sem rodeia e com verdade :  
Esse livro escreveu um pobre frade.

VII

Um frade! no convento envelheci-me,  
Do mundo ao lôdo fui viver bem longe,  
Nem minha fronte rebucei no crime!  
Mas apesar das orações do monge,  
Gosto assaz do prazer, gosto do vinho,  
Na ceia faço inveja a um barbadinho.

VIII

Lancei-me ao desviver : gastei inteira  
Na insania das paixões a minha vida.  
Qual da espuma o fervor na cachoeira  
Quebrei os sonhos meus n'alma descrida.  
E do meio do mundo prostituto  
Só amores guardei ao meu charuto!

IX

E que viva o fumar que preludia  
As visões da cabeça perfumada!  
E que viva o charuto regalia!  
Viva a tremula nuvem azulada,  
Onde s'embala a virgem vaporosa!  
Viva a fumaça languida e cheirosa!

X

Cante o bardo febril e macilento  
Hymnos de sangue ao poviléo corrupto,  
Embriague-se na dor do passamento,  
Cubra a fronte de pó e traje luto :  
Que eu minha harpa votei ao esquecimento :  
Só peço inspirações ao meu charuto!



X I

Oh! meu Deus! como é bello entre a fumaça  
No delicioso véo que as annuvia  
Ver as formas lascivas da donzella  
Entre o véo transparente que esvoaça,  
Nadando n'esse vaporoso dia  
Bailando núa, voluptuosa e bella!

X II

E como é bello no perfum aerio  
Sentir morno suor do abatimento  
Pelas languidas faces orvalhar!  
Como é doce nas scismas do mysterio-  
Sentir como um aleyon á flôr do mar  
As lembranças boziar no esquecimento!

X III

E quando os labios o charuto finda  
E a languida visão n'um beijo passa,  
E o perfume os cabellos nos repassa,  
Como é bello no azul da nuvem linda  
Entre vapores madornar, e ainda  
A vida renascer n'outra fumaça!

XIV

É bello ao fresco da relvosa espalda  
Os seremos beber á flôr pendente.  
Do Rheno o vinho em taças d'esmeralda  
E sobre o campo adormecer contente!  
É bella a noite que a volupia escalda  
E acorda aos seios um suspiro ardente!

XV

É bello o escumar da catadupa,  
A margem verde que a torrente occupa,  
Beijar na sombra o collo palpitante  
Que offega e bate á descorada amante...  
E de um corse! á tremula garupa  
Correr a mão ao pello gottejante!

XVI

Mas nem o Johannisberg, humidas flores,  
A relva fôfa da campina verde,  
E a noite que vem quente de amores  
E a torrente do val que alem se perde,  
Nem o seio que nuta e que se inflamma  
Desmaia o tedio meu que o spleen derrama!



XVII

E o amor muita vez aos labios mente :  
Tem cores de maçã — e dentro infecta,  
E cinza aos labios deixa-nos somente!  
Além o seio, o coração corrupto  
Que desmentem os sonhos do poeta!  
Só tu não mentes não, ó meu charuto!

XVIII

Só tu és sempre bello como a lúia  
E sempre virginal e perfumado,  
És o lyrio do céu nunca murchado!  
Como a virgem de amor, candida e núa,  
Evapóras no aroma essa alma tua  
É tens um labio nunca profanado!

XIX

Só tu não mentes, não! e tu somente  
Na taça da illusão não deixas líia!  
E quando a mesma realidade mente  
Quando a virgem, a fé, de noite e dia  
Veremos amanhã que hontem mentia,  
Inda contigo dormirei contente!

XX

Por que n'essa illusão que a amar convida  
Revelas a morena adormecida  
A quem banha pallor os doces traços,  
Tremulo o seio, a palpebra abatida !  
E sinto em teu vapor anjos da vida  
Entre as nuvens tremendo os roseos braços !

XXI

Meu charuto cahiu, eil-o se esfria :  
Além nas ondas vi-o mergulhar,  
Como o sol no crepusculo do dia,  
Como um cadaver arrojado ao mar !  
Miserrimo ! só resta cinza fria !  
No céu da vida estrella a desmaiar !

XXII

Tua vida apagou-se e eu perdi-te !  
Vai, conta ás nymphas o meu mal tamanho !  
Nos labios de Neptuno ou de Amphitrite  
Descreve minha dôr, minha agonia,  
Meu intimo soffrer quando eu te via —  
Como Sapho — morrer tomando um banho.



XXIII

E vós bardos nutridos de amargura  
Que de prantos banhais a lyra santa,  
Se ainda o peito não traseis corrupto,  
Vinde chorar a minha desventura  
Que no frio pavor de magoa tanta  
Veio até apagar o meu charuto !

. . . . .

XXIV

Eu não rio-me, não ! a voz do peito  
Nos versos meus inânida se exhala !  
E quantas vezes quando em ai desfeito,  
Como uma fibra que no peito estala,  
A mente de tristezas nos repassa...  
Não desvanece tudo uma fumaça ?

XXV

E quantas vezes no scismar perdido  
No seio o cancro dóe de uma saudade,  
E alento das internas agonias  
Nas cordas de alaúde enternecido

Não anceia, não arfa de anciedade  
Que esvai-se em teu vapor em melodias ?

XXVI

E então qual geme a rola de mistura  
O arroio mollemente, co' as areias,  
E qual se encôa pelas mornas veias  
Os halitos vernâes da formosura,  
— Como nas cordas de harmonia cheias  
A medo uma infantil canção murmura !

XXVII

E nos labios derrama-se a lembrança,  
Do passado o sorrir nos prantos d'hoje !  
Cobre-me o coração a vaga mansa  
De uma saudade que suspira e foge !  
E lembro ás vezes o pallor da vida  
Do gelido cadaver do suicida !

XXVIII

É o canto dos languidos amores  
Perdido como o céu na escuridade :  
Do intimo seio peregrinas flores  
Abertas ao sereno da saudade.



Mas triste — como a dor em rosto insano...  
Como a noite nos ermos do Oceano !

XXIX

Ah ! quando emfim a lampada apagou-se  
Do leito sepulchral na pedra fria,  
Quando a palmeira ao florescer murchou-se  
E a ave d'ouro que do sol vivia  
Cahiui morta na relva recendida,  
Gottejante das lagrimas da vida !

XXX

E tudo se acabou ! e terra escura  
Cobriu-te a face roxa desbotada,  
E tu foste da cal na sepultura  
Suffocar-te nas tenebras do nada.  
Agora sim virei — e solitario —  
Na solidão chorar o teu fadario !

XXXI

Virei tecer de moribundas flores  
A pallida corôa do finado,  
Lembral-os, reviver os teus ardores  
E as puras illusões do teu passado !

Quero chorar meu desgraçado amigo,  
Na lousa túa inda sonhar contigo !

XXXII

Ah ! quando as noites n'um viver perdido  
Lão-me longas anhelando amores,  
Do teu peito no sonho recendido,  
Como cysne a boiar entre vapores,  
Vinha sorrir-te loura e perfumada  
A angelica visão de tua amada !

XXXIII

Poeta ! eras feliz — a mão divina  
Quando passa na fronte sublimada  
Os seus languidos olhos illumina,  
E ante uma sombra de mulher amada  
Revela os hymnos, que murmura o vento,  
E susurra á donzella o sentimento !

XXXIV

E no Oceano do amor entre harmonia  
Da tarde a languidez embala os sonhos  
E perfuma o pallor ao ros o dia  
Entre as canções dos seraphins risonhos !



Ao poeta orvalhos das cecêns mais puras !  
A elle — a taça das mysticas venturas !

XXXV

Senhor ! foi bello o sonho da esperança !  
E quem sentiu-as, impressões, tamanhas,  
Tantas lagrimas deu a uma lembrança ?  
Noite e luas, brisas das montanhas,  
E vos, flores do val, pallidas flores,  
Não lembrais a canção de seus amores ?

XXXVI

Não oúviais do labio as melodias  
Que vibrava a paixão ? não as ouvieis ?  
No murmurar das molles assonias  
Amorosos effluvios não sorvieis ?  
Não arfaveis tambem, pallidas flores,  
A tremula canção dos seus amores ?

XXXVII

E que sonhos de amor que amou na vida !  
Perguntai-o á estrella que divaga,  
Ao vento na lagoa adormecida,  
Ao cirio que no tumulto se apaga,

Perguntai-o da insomnia aos arrepios,  
De Werther o suicida aos labios frios !

XXXVIII

Era só ella seu pensar — por ella  
Do porvir esquecerão-lhe victorias,  
E pelo amor da candida donzella  
Rira d'escarneo ao laurel das glorias !  
Como uma taça onde o fervor transborda  
Tinha na harpa do genio uma só corda.

XXXIX

Era um seio de neve... o brilho langue  
De uns olhos onde o azul se humedecia :  
Da face no rubor tepido o sangue...  
Onde o labio sonhava e se embebia  
N'um extase de amor — no ebrio desejo  
De vida e alma lhe votar n'um beijo !

XL

E o anjo ? não o amou ? quando elle em fogo  
Ardente a fronte pallida pendia,  
E como um ai de solitario afôgo  
O peito suffocado lhe gemia,



Não bateu-lhe jamais qual n'uma lyra  
Esse vento de amor que nos delira ?

XL I

Era uma estatua — sim : um deus a erguera  
N'um rir d'escarneo e dó — de lôdo cheia,  
Nem sol de amor o peito lhe acendera,  
O morto coração era de areia !  
Como o céu, nos crepusculos do dia,  
No vapor da vaidade ella dormia !

XL II

Por que tanto sonhar ? tão bellas flores  
No esmero lhe sagrar dentro do peito ?  
Anathema ! ella riu-se dos amores :  
Que mulher ! não sentiu em ai desfeito  
Esse alento de boca enfebrecida  
De um beijo no calor perdendo a vida !

XL III

Desgraçado ! a insomnia do martyrio  
O cerebro lavoso delirou-te !  
E o vortice das aguas do delirio  
Das insomnias da febre ao sol queimou-te !

Foste afogar as illusões da vida  
Na taça de mysterio do suicida !

XLIV

« Quando a morte nos dentes nos romperá  
« As taças do viver, quem descremina  
« Do sabio ou do insensato qual a sina ?  
« Se quem toda a bebeu qual Deus a encherá,  
« Ou quem a rejeitou — enfebreceida  
« Da morte aos sonhos immolando a vida<sup>1</sup> ? »

XLV

Tens razão, Jocelyn ! e ao Deus perfeito  
Por ventura dirão esses perdidos  
Que vão da morte se esconder no leito :  
Por que as aspirações, os ais sentidos,  
E alma em fogo ao céu um sonho erguia  
E o sonho a enlevou... se elle mentia ?...

XLVI

Não te maldigão pois ! Ignora o mundo  
O que doe esse verme da desgraça :

<sup>1</sup> *Jocelyn*, sixième époque.



E da irrasão maldita o corvo immundo  
Que no escarneo do fel nos despedaça !  
Não sabem, não — de Prometheo no leito  
O sangue e dor que volão-nos do peito !

XLVII

Mas eu sei : que senti o amor ardente  
Convulsivo bater n'um peito exausto !  
Sei : que senti a lagrima tremente  
Como na insana pallidez o Fausto <sup>1</sup> !  
Quando o somno fugia às noites minhas  
Como às nuvens do inverno as andorinhas.

XLVIII

Bebi-a essa tristeza, essa doença  
Que nos escalda lagrimas sombrias,  
Que nos revolve sós na vaga immensa  
Do Oceano das internas agonias !  
Que empallidece a face e morte lenta  
Nos estampa na fronte macilenta.

<sup>1</sup> GÖTTE, *Faust*.

XLIX

Ah ! virgem das canções, entre vapores  
És pura e bella sim, porem teus labios  
Me fazem delirar como licores  
Que afervorão-nos tepidos resabios !  
Quando em teu collo vou deitar-me agora  
Teu palpitar as faces me descora !

L

E cedo morrerei : sinto-o, nas veias  
O meu sangue se escôa vagaroso  
Como um rio que secca nas areias,  
Como donzella, que desmaia em gozo !  
Teus labios, fada minha, me queimavão,  
E as languidas arterias me esgotarão !

LI

Mas que importa nas sombras da existencia  
Se mentiu-me o sonhar quando eu sentia  
Um dos pallidos anjos do innocencia  
Pousar-me a face ao peito que gemia,  
Se n'um sonho de amor, em noite bella  
Nos suspiros do mar amei com ella !



## LII

Era uma lúia pallida e sombria  
 Que seu leito nas ondas embalava :  
 Na mão de neve a face lhe pendia,  
 E nos sonhos a virgem se enlevava !  
 E, que estrellas no céu ! e que ardentia !  
 Que perfume seu véo estremecia !

## LIII

E que sonhos, meu Deus ! e que ventura !  
 E que vento de amores palpitava  
 Na espuma do batel a vaga pura  
 E lascivos suspiros lhe arrulhava !...  
 E em torno mar e céu — a noite bella,  
 Nos meus braços a inânida donzella !

## LIV

Ah ! virgem das canções, aos brancos lyrios  
 Por que tão cedo me chover na infancia  
 O magico sereno dos delirios  
 Que adormece, embalsama na fragrancia ?  
 E do amor entre os languidos conselhos  
 Minha fronte embalar nos teus joelhos ?

LV

Por que tão cedo o vinho da harmonia  
Nos beijos infantis correu-me aos sonhos,  
Entornou-me essa nuvem que inebria,  
Que gela o riso aos labios meus risonhos?  
Tão quedo o somno meu, por que turval-o,  
E de illusões esplendidas povoal-o?

LVI

E tão cedo ! porque encher meu leito  
D'estas sombras suaves, delirantes ?  
E na harpa adormecida de meu peito  
Suspirarem-me sons tão offegantes ?  
E por que não deixar o meu sentir  
Da infancia d'ouro nos frouxeis dormir ?

LVII

E assim eu morrerei : co' a sede ainda  
Amargosa no labio resicado !  
Cançando os olhos na extensão infinda,  
Perguntando se a crença do passado  
Tambem verei no lodo revolvida...  
E como tu suffocarei a vida !..



LVIII

E quem sabe? é a duvida do Hamleto  
E — o ser e o não ser — que toma o passo :  
O mundo é lodaçal, é leito infecto,  
E a turba é sempre a que se rio do Tasso !  
Mas o que é o morrer? e a sepultura  
Que mysterios contém na noite escura ?

LIX

Ah ! mysterios ! não rias, scepticismo,  
Do agoureiro terror que a morte fria  
Do banho do cadaver no baptismo  
Os regelados nervos arripia !  
Somno de chumbo, thalamo de terra,  
Que nodoa negra teu sudario encerra ?

LX

E tu dormes, suicida?... E á noite inlinda  
Que sonhos roção-te o livor sombrio?  
A magica visão te passa ainda  
Com a urna d'esse amor que te mentio?  
Inda sorves nas avidas lembranças  
O perfume de amor das loiras transas?

LXI

E o pai, não sonhas n'elle?... e as cãs tão puras  
D'aquella que embalou teu berço infausto,  
E na magoa das suas desventuras  
Nem te pôde beijar o corpo exausto?  
Miserrima anciã! que só vivia  
Por ti — e por ti desce á noite fria!

LXII

E o filho? essa criança que palpita  
Nos seios que um insano amor consome,  
Que profanado amor gerou maldita,  
Que virá amanhã pedir seu nome!  
E que não saberá que sepultura  
Guarda o pai e o segredo em terra impura!

LXIII

E a patria que entre as lagrimas d'escrava  
Co' a face bella gelida, pendida,  
Salpicada de lodo em ti sonhava  
Como o sol da manhã de uma outra vida?  
A patria! que a infamia pro-tituta  
Tenta vender no lupanar polluta!



LXIV

E não erguem-te ahí os gritos d'ella ?  
Não vês que a forção, que seus labios tapão ?  
E, desgrenhada, rompem-lhe á donzella  
Os vestidos que as frias mãos se escapão ?  
Não ouves o tinir de vil dinheiro  
E a lubrica risada do estrangeiro ?

LXV

Dorme pois, desgraçado ! no futuro  
Alem — no meu viver — quando a minh'alma  
Candida se despir do manto impuro :  
E quanto a noite que o soffrer acalma  
Nas palpebras pesar-me o somno amigo  
Do — nada — ao leito irei dormir contigo !

LXVI

Onde vou ? onde vou ? Oh ! quão diversos  
Do meu trilho meus passos desvarião !  
Onde correias, meus desgraçados versos !  
A tempo os açamei ! onde corrião !  
No phantastico pó que elles pisavão  
Entre nuvens ardentes galopavão !

LXVII

Alem, minhas canções ! alem as flores  
Que essa nenia saudosa n'alma abria !  
Quero scismar o canto dos amores  
E do amor a confusa melodia !  
Ouvi ! quero sonhar ! quero sentil-as  
Visões do céo nas illusões tranquillás !

LXVIII

Harmonias de amor !... é tarde ! é tarde !  
Vejo a morte n'um peito que se engoia...  
Da saudade o chorar, que os olhos arde...  
E alem um corpo que nas aguas boia !  
Um cadaver ! um resto corrompido  
Que até fora da mãi desconhecido !

LXIX

O cadaver na praia se estendia  
Engeitado p'lo mar : — as roupas humidas  
— O cabelo a correr de areia fria —  
As faces rôxas, — mãos geladas, tumidas —  
Mais alvo ainda que Don Juan dormido,  
De fome, sêde e frio embranquecido !



LXX

Porém não vinha Oriental donzella  
Envolto o collo em perolas, correndo  
Nos hombros niveos a madeixa bella,  
Que o mimoso Hespanhol na praia vendo  
E ao vel-o nú e pallido, ao ralento,  
Beijou a face ao bello macilento !

LXXI

Com o seio a bater em seda incerta  
Não veio Haydéa, não, ao naufragado.  
Ninguém passou : a praia era deserta,  
E o mar adormecia socegado,  
Só a maré que as ondas tremulava  
A nenia á podridão lhe rouquejava !

LXXII

« Oh ! quando os hymnos virginaes da lyra,  
E as delicias do amor, que a noite ouvia,  
E as harpas do porvir que nos sorrira  
E a esperança e os anjos da harmonia,  
E o esplendido sol — se esvaecerem...  
E as convulsões do peito arrefecerem...

LXXIII

« E o cadaver lançado em chão d'areia  
Não ter o bello abraço derradeiro,  
Nem amante a chorar, que a magoa aneeia,  
Nem o *adeus* ! do poento caminheiro !  
E ninguem lhe escutar essa tristeza  
Que do tumulo exhala a natureza <sup>1</sup>... »

LXXIV

Deve n'alma doer, deve ser duro  
Esse abandono ao pobre malfadado !...  
E nem sentir no seu lençol impuro  
A lagrima a cahir de um rosto amado,  
E sobre elle da noite á monodia,  
A amante confundir sua agonia...

LXXV

E quem sabe ? nos labios amarellos  
Do morto não deslirão-se lembranças ?  
E o verme nos seus humidos cabellos  
Não ri — mortas com elle — ás esperanças ?

<sup>1</sup> Ugo Foscolo, *Tumulos*.



E ao peito n'essa nevoa do dormir,  
Pode inteiro calar-se-lhe o sentir?

LXXVI

E quem sabe? é dormir.... e tão somente?  
— E o somno que as palpebras lhe chumba?  
E elle não sente a lagrima demente  
Que orvalha de saudade a fria tumba?  
E se alma foge á podridão impura,  
Nunca lhe vem gemer na sepultura?

LXXVII

Nunca chora no pó que ella acordara,  
Onde ella derramou a luz etherea,  
O craneo que incendeu, que afervorara  
Que lavara do lodo na materia —  
O corpo que a seu halito tremia  
Que a essencia de Deus n'ella bebia?

LXXVIII

Alta noite porem : eu não sonhava....  
Achegava-se a luz de uma lanterna,  
E candida mulher se debruçava....  
E nos labios a voz chorava terna

Em dorida canção, cortada e rouca  
Disia á treva o padecer da louca !

LXXIX

A louca !... ao vel-o ahi enlouquecera  
Junto ao amante a misera Consuelo :  
Das flores da restinga entretecera  
A corôa da fronte no cabello.  
Ria, ria porém com dor tamanha !  
Como a onda do mar que os pés lhe banha...

LXXX

Poz ao collo o cadaver : repassou-lhe  
Por sobre a fronte a mão que estremecia,  
E nos cançados braços embalou-lhe  
A cabeça qu'inda hontem lhe fervia...  
E cantava beijando os labios d'elle...  
Coitada ! adormeceu pensando n'elle !

LXXXI

Por que era morto ahi o libertino  
Jonathas o cantor da vida impura,  
Não o posso explicar ao peregrino.  
Creio a morte porem caverna escura,



Mais fria que o deserto cemiterio —  
Onde o corpo resvala no mysterio.

LXXXII

Sobre o tumulo pois os braços cruso  
E dobro tiritando os meus joelhos!  
Não sacudo á mortalha o pó escuro  
E nem leio da campa nos espelhos....  
Da morte no fatal despenhadeiro  
Desfolho apenas uma flor sem cheiro!

Este é o que a natureza compõe  
 Oito e corpo e alma no mundo

## LXXXII

Sobre a natureza do corpo e do espírito  
 E sobre a natureza da alma e do espírito  
 Não sendo a natureza a do corpo e do espírito  
 E não sendo a natureza a do corpo e do espírito  
 A natureza do corpo e do espírito  
 A natureza do corpo e do espírito

Este é o que a natureza compõe  
 Oito e corpo e alma no mundo  
 Este é o que a natureza compõe  
 Oito e corpo e alma no mundo  
 Este é o que a natureza compõe  
 Oito e corpo e alma no mundo

Este é o que a natureza compõe  
 Oito e corpo e alma no mundo  
 Este é o que a natureza compõe  
 Oito e corpo e alma no mundo  
 Este é o que a natureza compõe  
 Oito e corpo e alma no mundo



## CANTO QUARTO

EMILIA

Dead! dead!

. . . . .

OTHELLO.

She turned to folly and she was a whore.

*Othello.*

FALSTAFF.

'S blood! I am as melancoly as a gib cat  
or a lugged bear.

PRINCE HENRY.

Or an old lion, or a lover's lute.

*First part of Henry IV.*

I come no more to make you laugh...

. . . . .

. . . . Those that can pity here  
May if they think it well let fall a tear,  
The subject will deserve it.

SHAKESPEARE, *King Henry VIII*; *prol.*

### I

Por que és tão bella, ó pallida Consuelo?  
Por que és tão bella assim nas noites minhas,  
E as ondas do teu languido cabelo

M'embriagão de perfume — e as puras linhas  
Das faces, do teu collo voluptuoso  
O coração affogão-me de gozo?

II

Forão sonhos, mulher! porem na sembra  
Eu te via febril e delirante,  
Como dormida dos harens na alfombra  
Dos amores do Oriente a bella amante!  
Como em sonhos eu senti a vida  
Na lousa de minh'alma resurgida!

III

Que amores insensatos! que delirios,  
Me acenderão as fontes consumidas!  
Era no somno o perfumar dos lyrios,  
Era o vinho das orgias desabridas!  
Era a febre, o tremor, o beijo ardente...  
— Como nas rochas bate o mar fremente!

IV

Mulher! e quem te não sonhara um dia  
No morbido pallor das faces tuas,  
Dos olhos n'esse fogo que inebría,



As formas alvas, transparentes, núas,  
E esse teu collo em palpar desfeito,  
Os véos macios a tremer do leito?

V

E quem te não sonhou ! d'esses perdidos  
Que o genio a suspirar beijou em fogo ;  
Poetas que de amor enfebrescidos  
Se volvem das paixões no desafoço ?  
Em cujas noites se perfuma o vento  
Das lagrimas do amor no sentimento?

VI

Mulher ! e quem és tu ? que mão divina  
O teu somno quebrou de um céu de amores ?  
Que fada loura ; que suave ondina  
Deu-te o olhar de languidos fulgores ?  
Que flor do mar se abriu morna d'enleio  
Para assim te alvejar no terno seio ?

VII

Fora a vida viver em sonho — incerta —  
— Como enbebida a mente nos alouras  
No efflúvio fresco de magnolia aberta —

Amar-te de joelho! as formas puras,  
Beijar-te as alvas mãos, o collo bello,  
Beijar-te a face, ó pallida Consuelo!

VIII

Fôra viver, como em um sonho, a vida  
Ao sentir-te a nuez do niveo seio,  
Ao apertar-te languida, abatida,  
Com esses labios a queimar de enleio!  
N'um beijo teu os sonhos esquecer,  
Em teus labios inânidos morrer!

IX

És muito bella sim! anjo agoureiro  
Como estatua de amor ergueu-te um dia!  
Talvez sonhou contigo esse estrangeiro —  
O bardo altivo de canção sombria!  
E por ti viverei... que me revela  
Porvir de gozos tua imagem bella!

X

Vem, rainha da noite! quero amar-te  
Com os labios molhados nos licores,  
No teu seio de fogo derramar-te



A mystica illusão dos meus amores !  
Ah ! vem, repousa, embala-te em meus braços,  
Quero viver, morrer nos teus abraços !

. . . . .

XI

Ella dormia : a rosa desmaiada,  
Que a noite serenou, nem é tão pura,  
Nos molles véos da nevoa mergulhada !  
Dos sonhos no frescor, na santa alvura  
Era mais bella que de luz divina  
A pallidez em nuvem peregrina.

XII

E tão pallida e bella ! semi-núa —  
As palpebras do somno em véo sombrio,  
Languida como vagarosa lúá  
Quando voga no mar de um céu d'estio,  
E o seio palpitante como a vaga  
Que a praia da soidão de noite alaga !

XIII

Do cabelo nas ondas a donzella  
— Inda mais alva a face — adormecia :

Que fria morbidez nas faces d'ella !  
Rosa que as folhas candidas despia  
Dos amores do vento nos delirios,  
No frio orvalho de prateados lyrios !

XIV

Oh ! sonhava talvez ! vi-as tremendo,  
— Qual de collar em seio voluptuoso,  
Perolas soltas — lagrimas correndo !  
E nos seus labios como som mimoso  
De arroio d'agua limpida ao bafejo  
Os ais tremião ao scismar de um beijo ! —

XV

Era o vento da noite que passava  
Da magnolia a pender no molle seio ?  
Creatura de amôr que ao somno em meio  
Vaporosos suspiros emanava ?  
Era a lúá que inânida gemia  
Quando entre nuvens pallidas se erguia ?

XVI

Que pensamento, que desejo incerto  
Que saudades e amor a palpitavão ?



Flores ou anjos, nuvens do deserto  
Entre a nevoa dos sonhos que a roçavão?  
Ou da Julietta pallido, risonho  
Por seu bello Romeo ardia em sonho?

XVII

Ella dorme. Silencio ! ó noite bella !  
Fresco e perfume só derrame o vento  
Nos cabellos da languida donzella !  
E da noite ao frescor o sangue lento  
Corra nas suas azuladas veias  
Como a onda no mar sobre as areias !

XVIII

Mas ah ! minhas visões ! n'um céu escuro,  
Nas trevas minha nuvem dissipou-se :  
A capella viçosa do futuro  
No outomno da desgraça amarellou-se.  
Solitario fiquei nos sonhos meus...  
Ás illusões só resta-me um — adeus ! —

XIX

Adeus ! — é o prantear do marinheiro  
Á patria que desmaia em mar doirado !

Aos ais do peito gottejar primeiro  
Da lagrima nas faces do soldado,  
Aos abraços da mãe que geme e chora  
E aos gemidos da amante que o demora!

XX

Suspiros de Romeo na despedida,  
A sua Julietta desmaiada!  
Blasphemias do Rei Lear, beijo sem vida  
Nos labios de Cordelia inanimada!  
É a magoa da dor que afoga, opprime!  
E na agonia faz sonhar no crime!

XXI

Sonhar-te, Consuelo, em minha noute,  
Em teus prantos, o peito suspiroso,  
E sentir que nos seios estalou-te  
Essa fibra gentil que acende o gozo,  
Que falla aos olhos, no halito suspira,  
E nos transes do amor n'um beijo expira,

XXII

Esse raio do Eden, de flor divina  
Emanação balsamica e celeste,



Reflexo de uma alampada argentina  
Que esse lodo mortal de luz reveste  
Que em nós vive, em nós ama e sonha e sente,  
E que chama-se a alma do vivente!

XXIII

Sentir-te no morrer volver sombria  
— Tateando o negro chão — os olhos baços,  
Os olhos que a paixão de pranto enchia!  
Ver-te depois, convulsa erguendo os braços,  
Anciando no estertor, na praia fria  
Arquejar e torcer-te de agonia!

XXIV

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . . e par che dorma!  
Tasso.

XXV

Nunca a viste na lubrica nueza  
A brisa enlouquecendo de belleza,

Solto o cabello, o roseo véo desfeito,  
Tremula como do hymeneo no peito  
Noiva cheia de amor, de *morbidezza*  
Aos longos beijos no convulso leito?

XXVI

Tarde ! quem não te amou, minha sultana?  
Quem tão arido eivou a mente insana  
Em claustro que os alentos assassina,  
Que não te amasse em nuvem purpurina,  
Como ardente de amor a Americana  
Que pallida, entre flôres se reclina?

XXVII

E sempre virginal e vaporosa  
Pensativa de amor, voluptuosa !  
Sorrindo ás virações que te bafejão,  
Á claridão das nuvens que lampejão,  
Á lúia, á pomba, á selva suspirosa,  
Ás flores que na morte se entrebeijão !

XXVIII

Que te importa que as raças d'este mundo  
Blasphemando as canções que a Deus erguerão



Vaguem no tédio, em lodaçal immundo,  
Onde as brisas de Deus se corromperão,  
Onde amor crepuscúla moribundo,  
E os anjos d'esperança se perderão?

XXIX

Como és fresca no céo, entre fulgores  
Na tunica de rosa transparente,  
Mystica rosa abrindo ao sol de amores  
Que anjo te embala a fronte recendente,  
Quando a estrella da noite vem ardente  
Doirar o teu palacio de vapores?

XXX

Ai dorme! o sonho na cheirosa vida  
Para ti é bromelia humedecida,  
Sempre cheia de chuva e de frescores!  
Para nós... é a gaivota que escoça,  
Vagabundo batel que ao longe passa...  
Irreflectido beijo entre amargores!

XXXI

Tu és a fada que os verões tempera,  
Raio de luz da eterna primavera!

És o sonho da flor, o amar da brisa,  
És o nectar que a taça purpurisa  
Do triste sonhador que ainda espera  
E nos vapores do viver desliza !

XXXII

Acorda-te, ó poeta macilento !  
Acorda-te, meu peito, ao sentimento,  
Revive as esperanças que nutrias,  
Refresca a medo as palpebras sombrias,  
Bebe seiba de vida n'esse vento,  
E dorme como o sol entre harmonias !

XXXIII

Acorda-te, meu peito moribundo,  
Ás visões juvenis de um outro mundo !  
Sonha ! mas não blasphemes do destino  
Quando amanhã topar o peregrino  
Teu craneo livido, amarello, immundo...  
Teu cadaver no lodo resupino !

XXXIV

Se o nada não engole a creatura,  
Se inda sente o *não ser* da sepultura,



Se além arqueja o desespero errante,  
Se ha uma eternidade delirante,  
E dóe sentir morder na carne impura  
O verme da saudade devorante !

X X X V

Tarde ! quando eu morrer, e despresado  
Ao corvo, dêm meu corpo desbotado,  
Derrama sobre mim teus mornos éstos !  
Talvez reviva o fogo do passado  
Nas fibras rotas, nos infaustos restos  
Do cadaver no campo abandonado !

. . . . .

Se nicht irgend ein Geschichtschreiber  
Se die unschuldige Hülfskraft  
Eines Schriftstellers der Natur  
O seine da schuldige Hülfskraft

1777

Tafel I. Geschichte des Reiches, des Reichthums  
An dem, dem Reich, dem Reichthum  
Der Reichthum, dem Reich, dem Reichthum  
Tafel II. Geschichte des Reiches, des Reichthums  
An dem, dem Reich, dem Reichthum  
Der Reichthum, dem Reich, dem Reichthum  
Tafel III. Geschichte des Reiches, des Reichthums  
An dem, dem Reich, dem Reichthum  
Der Reichthum, dem Reich, dem Reichthum

Der Reichthum, dem Reich, dem Reichthum  
Tafel IV. Geschichte des Reiches, des Reichthums  
An dem, dem Reich, dem Reichthum  
Der Reichthum, dem Reich, dem Reichthum  
Tafel V. Geschichte des Reiches, des Reichthums  
An dem, dem Reich, dem Reichthum  
Der Reichthum, dem Reich, dem Reichthum  
Tafel VI. Geschichte des Reiches, des Reichthums  
An dem, dem Reich, dem Reichthum  
Der Reichthum, dem Reich, dem Reichthum

Der Reichthum, dem Reich, dem Reichthum  
Tafel VII. Geschichte des Reiches, des Reichthums  
An dem, dem Reich, dem Reichthum  
Der Reichthum, dem Reich, dem Reichthum  
Tafel VIII. Geschichte des Reiches, des Reichthums  
An dem, dem Reich, dem Reichthum  
Der Reichthum, dem Reich, dem Reichthum



## CANTO QUINTO

### I

Era uma tarde — mas a chuva fria  
Dos humidos cyprestes gottejava,  
Alem no céu escuro o sol morria  
Como rola na terra a rubra lava,  
E o vento alem no farfalhar funéreo  
Gemia no hervaçal do cemiterio !

II

Era o campo onde brota a herva inculta  
Sobre o corpo do ancião e da donzella,  
Aonde o verme a forma nivea insulta  
E o marmore dos seios amarella!  
E aonde ao apagar de uma esperança  
Dos amigos enterra-se a lembrança !

III

É o campo da morte — ahí gemidos  
Não busques, solitario : foge o mundo,  
Os miasmas da campa, os ais sentidos  
Vai antes suffocar n'um peito immundo !  
Filho da dor ! para esquecer a vida  
Bastão os seios da mulher perdida !

IV

Ninguém que vá chorar ! ninguém ! a campa  
É solitaria e muda. — O apodrecido  
Se volve no mysterio... Só se estampa  
A lúá no seu tumulo esquecido !  
E nem filhos — nem mãi !... Da dor no cuniulo  
O homem no lupanar esquece o tumulo !



V

Por entre as sombras uma luz espanca  
A treva que no chão o véo repassa...  
Roça nas folhas uma forma branca...  
No sombrio hervaçal um vulto passa.  
Como de ave agoureira o longo pio  
Escutou-se um gemer no campo frio.

VI

Quem geme? errante cão que a lousa escarva  
Para cevar em podridão a fome?  
Ou sob a cova se debruça a larva,  
A sombra que uma eterna dor consome?  
Era um morto no tumulto acordando,  
Ou corvo negro no dormir grasnando?

VII

Era um canto sombrio — era coveiro  
Que nas urzes, cantando, um fosso abria :  
E no labio o sarcasmo zombeteiro  
Na cantiga fatal estremecia !  
Cantava e ria — e contracção nervosa  
Agitava-lhe a boca tremulosa.

VIII

Os monotonos sons da cantilena  
Corrião doces como essencia pura :  
Era o canto de amor — a voz serena.  
Mas ahi, junto ao lar da sepultura,  
D'essa boca nervosa na ironia,  
D'alma nos seios a canção doía !

IX

E cantava — tambem o marinheiro  
Canta e sonha Albion se a vaga uiva :  
Se lhe escuma no rosto sobranceiro  
E molha em flocos a melena ruiva !  
Tambem dos brancos seios que desbotão,  
Da virgem que morreu, violetas brotão !

X

Era moço : mas ja envelhecido  
No avesado calcar na terra solta  
Do cadaver o ventre entumecido,  
Sem pela fronte livida e revolta  
Sentir a fria mão do passamento  
Fria, tocar-lhe o rosto macilento !



XI

Era um fosso que abria — eterno leito  
A um cadaver de mais. Quando o sentio  
Profundo e longo — do caixão estreito  
No sudario tomou um corpo frio...  
la lançal-o... As nuvens se entre abrirão,  
Frouxos os raios do luar sorrirão...

XII

Deu no corpo o luar. Era alva imagem  
Reflexo branco de mulher divina !  
As transas negras á nocturna aragem  
Tremião como um lyrio que se inclina !  
Tão bella ! parecia adormecida !...  
Era o somno... porem não o da vida !

XIII

Assim a noiva de Romeo dormira —  
A pallida Julietta regelada —  
Quando nos labios, n'essa face fria  
Elle sonhava os beijos d'alvorada,  
Das noites breves o celeste encanto,  
O ai da ventura, o amoroso pranto !

XIV

Era tão bella ! a pallidez sorria !  
E a forma feminil tão alvacentas  
No diaphano véo transparecia !  
Pendeu o homem da morte macilenta  
A cabeça no peito — em vil desejo  
Longo, mui longo profanou-lhe um beijo !

XV

« Tão formosa e morrer ! » e murmurando  
O coveiro deitou-a na jazida :  
Encobrio-a de cal... e susurrando  
Da noite á sombra uma canção descrida,  
Erguendo na mão pallida a lanterna  
Foi da morte olvidar-se na taverna !

. . . . .  
. . . . .

XVI

É sombrio, confesso-vos, meu canto :  
E obscuro demais, o que é defeito !  
Mas é um sonho apenas que reconto,



Que em noite longa me gelou no leito —  
Sônho de febre, insano pesadello  
Que á fronte me deixou pallido sello !

XVII

Não teve o Dante magoa mais profunda  
Quando na sombra ergueu o condemnado <sup>1</sup>,  
De um craneo carcomido a boca immunda  
E enxugou-a em cabelo ensanguentado :  
E contou sua livida vingança  
Na mansão da eternal desesperança !

XVIII

Nem mais estremeceu quando o passado  
Do tumulo na sanie revivia...  
Quando o velho rugindo suffocado  
De fome e raiva ainda se torcia...  
Como quando as crianças se mordião,  
E ardentes, moribundas, pão ! pedião !

XIX

Quando contou as noites regeladas

<sup>1</sup> *Inferno*, canto XXXIII.

E o ar da podridão... e a fome impura  
Saciando nas carnes desnervadas  
De seus filhos... de sua creatura !  
Como a panthera emmagrecida come  
Os filhos mortos p'ra cevar a fome !

XX

Acordei ao tremer de calafrios  
Com o peito de magoas transbordando ;  
Enxuguei com a mão suores frios  
Que sentia na face porejando !  
E um dia o pesadello que eu sentira  
Mescrou-se aos molles sons de minha lyra.

XXI

Mescrou-se como ao vinho um dithyrambo,  
Ao farfalhar de Pança <sup>1</sup> um velho adagio,  
As alvas flores se mistura o jambo  
E um osculo de amôr em um naufragio.  
— Creio que vou diser alguma asneira... —  
Como o nome de Deus á bebedeira !

<sup>1</sup> Sancho Pança.



XXII

Escrevi o meu sonho. Nas estancias  
Ha lagrimas e beijos e ironias,  
Como de noite muda nas fragancias  
Perde-se um ai de ignotas agonias !  
Tudo é assim — no sonho o pesadello,  
— Em almas de Madona quanto gelo !

XXIII

E assim o viver. Por noite bella  
Não durmas ao relento na janella  
Contemplando o luar e o mar dormente.  
Poderá apanhar-te de repente  
Fria constipação, febre amarella,  
Ou alguma prosaica dor n'um dente ?

XXIV

Vai, co'a mão sobre o peito macilento  
Curvado como um velho peregrino,  
Vai, tu que soffres, implorar — sedento  
Um remedio de amor a teu destino !...  
Um doutor sanará o teu tormento  
Com trez chcaras d'oleo de ricino !

XXV

Eu vi; eu vi um typo de Madona  
Que os ares perfumava de belleza :  
Que suave mulher ! ah ! não resonna  
Uma virgem de Deus com tal pureza !  
Era um lago a dormir... na flor sereno !  
Porém sua agua azul tinha veneno !

XXVI

E agora — boa noite ! eu me despeço  
D'esta vez para sempre do poema :  
Como soberbo sou, perdões não peço.  
Mas como sou chorão, deixai que gema,  
Que dê largas a est'alma entumecida  
Na dôr de tão solemne despedida !

XXVII

Que prantos ! que suspiros suffocados !  
Se eu gostasse dos versos eloquentes,  
Como eu descreveria bem rimados  
Do meu peito os anhelitos frementes !  
Porém nos seios eu suffoco tudo,  
Por que da magoa o seraphim é mudo.



XXVIII

Silencio, coração que a dor inflamma !  
Alem do escarneo, sons! quero o meu leito  
Das lagrimas banhar que a dor derrama !  
Quero chorar ! quero chorar ! meu peito !  
Dizer adeus ao sonho que eu sentira,  
Sem profanar as illusões na lyra !

XXIX

Eu não as profanei ! guardo-as sentidas  
Nas longas noites do scismar aereo,  
Guardo-as na esperança, nas doridas  
Horas que amor perfuma de mysterio !  
Sem remorso, nem dor, aos sonhos meus  
Eu posso ainda murmurar — adeus !

XXX

Ah ! que na lyra se arrebente a corda  
Quando profana mão os sons lhe acorda !  
E o pobre sonhador a phantasia  
O sonho que ama e beija noite e dia  
Não saiba traduzir, quando transborda  
Seu peito dos alentos da harmonia !

XXXI

Que não possa gemer a voz saudosa  
Como o sopro dos ventos avendiços,  
Como a noite que exhala-se amorosa !  
Como o gemer dos ramos dobradiços !  
Para exprimir os pensamentos meus  
Nos cantos melancolicos do adeus !

XXXII

Adeus ! . . é renunciar n'uma agonia  
A esperança que ainda nos palpita ;  
Sentir que os olhos cegão-se, que esfria  
O coração na lagrima maldita !  
Que inteirição as mãos, e a alma afflicta  
Como Agar no deserto ora sombria !

XXXIII

Sentir que tudo em nós se gela e chora,  
E o coração de lagrimas se véla !  
E a natureza alem revive agora,  
E a existencia por viver, mais bella  
Novas delicias, novo amor revela  
Do lusente porvir na rôxa aurora !



XXXIV

Sentir que se era poeta... á brisa errante  
Bebendo effluvios que ninguem respira,  
Pressentindo á donzella palpitante  
Os enlevos, os ais, e o sonho amante  
Que nos brisa no berço susurrante,  
E o perfume que a musica transpira !

XXXV

Adeus ! é uma gota de mysterio  
Que Deus nos orvalhou como sereno !  
É a dor voluptuosa — o bafo aerio  
Que derrama perfumes e veneno !  
É a scisma que rola, que resvala  
Que os pensamentos no desejo embala !

XXXVI

Saibo do céo que aviva na lembrança  
Que é um filho de Deus o moribundo  
A quem se fana a timida esperança !  
Que é dos anjos irmão e que é no fundo  
Do Oceano do viver, que o vagabundo  
A perola do amor talvez alcança.

XXXVII

É as crenças sentir uma per uma  
Que se adormecem... e o batel da vida  
No Oceano escuro cobre-se d'escuma  
E se afunda no mar... e dolorida  
A alma do marinheiro empallecida  
Ao arrebol da morte se perfuma!

XXXVIII

Adeus ! tudo que amei ! o vento frio  
Sobre as ondas revoltas me arrebatá,  
Alem a terra perde-se... o navio  
Trilha nos mares sobre um chão de prata !  
Adeus ! tudo que amei, que me retrata  
Inda a saudade ao terno desvario !

XXXIX

Meu céu ! minhas montanhas verdejantes !  
Setim azul da languida bahia !  
Manhãs cheias de brisas susurrantes,  
Noites cheias de estrellas e ardentia !  
Oh ! noites de luar ! oh ! melodias  
Que nas folhas gemeis, ventos errantes



XL

Valles cheirosos onde a infancia minha  
Virgem peregrinou entre mil sonhos !  
Noites, luas, estrellas da noitinha  
Que os labios entreabristes-me risonhos,  
E orvalhaveis de morno sentimento  
A aberta flor do coração sedento !

XL I

Silencio que eu amei, que eu procurava  
Na varanda romantica e sombria,  
Sorvendo dentro em mim ar que sentia  
Na fresca viração que se acordava !  
Suspirando a scismar nessa atonia  
Que de amor minhas palpebras banhava !

XLII

Sobre as columnas o luar batendo  
E nas palmeiras humidas tremendo  
Filtrava-me socego, e o molle engano  
Em que se abysma o pensamento insano,  
Que empallece da noite os sons bebendo  
E harmonias escuta no Oceano !

XLIII

E vós, aguas do mar, que me embalava  
Ao som dos remos da gentil falua !  
Onde a fronte de escumas se banhava,  
E á morta luz da vagabunda lúá  
Scismava como a nuvem que fluctua  
De escravo á nenia estranha que soava !

XLIV

Oh ! minha terra ! oh ! tarde recendente  
Que embalsamando vens com teus cabellos  
Derramados á luz ! Ó sol ardente  
Como os labios do amor ! luares bellos  
Como das flores de laranja o cheiro  
Que perfumão da noiva o travesseiro !

XLV

E adeus, vós que eu amei, que inda sentidas  
As illusões me acordão na tristeza !  
Que inda choro nas minhas despedidas !  
Bellas dos sonhos ! anjos de belleza !  
Morenas a quem banha a morbidezza !  
Como as rosas da noiva empallecidas !



XLVI

Ai todos vos sonhei! candidos seios  
Onde amor pranteára delirante!  
Onde gemera em derretido enleio  
Como em seios de mãe sedento infante!  
Aguas mysticas aonde estrellas santas  
Deixarão trilhos das argenteas plantas!

XLVII

Como o triste Alcyon vaguêa errante  
Nas frias primaveras do Oceano  
E ama as alvas, a noite susurrante,  
Tardes, ondas e sol e leviano  
Na leviana afeição embriaga insano  
A existencia nos seios o inconstante:

XLVIII

Eu todos vos amei! cri no mysterio  
Que o libertino Don Juan levava,  
Nas noites profanadas do adulterio,  
Quando a alma sedenta evaporava!  
E a vida como um alaúde aerio  
A todos os alentos entregava!

XLIX

Terra do amor ! ó minha mãe ! na vida  
Se o fado me levar em magoa lenta —  
Sempre n'esta saudade esmorecida  
Que de tristes lembranças se alimenta ! —  
Na morte a minha fronte macilenta,  
Inda a ti volverei qual flôr á vida !

L

Viverei do que foi — dos sonhos meus ! —  
Da seiba do passado heide essa flor  
Regar das quentes lagrimas do amor !  
E quando a luz apague-se nos céos  
E o frio coração á dor succumba  
Inda murmurarei — adeus ! — da tumba !

FIM



## INDICE

---

### INTRODUÇÃO

|   |    |
|---|----|
| I. — Advertencia sobre a presente edição. . . . .                 | 3  |
| II. — Juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros. . . | 5  |
| III. — Noticia sobre o Auctor e suas obras. . . . .               | 29 |
| IV. — Notas. . . . .  | 73 |

### PEÇAS ELEGÍACAS

|   |     |
|---|-----|
| I. — Discursos pronunciados por ocasião de dar se á sepultura,<br>no cemiterio de Pedro II o estudante M. A. Alvarez de<br>Azevedo. . . . .                             | 121 |
| II. — Sessão funebre do Ensaio philosophico paulistano celebrada<br>por ocasião da morte do socio benemerito e fundador o<br>Bacharel M. A. Alvarez de Azevedo. . . . . | 131 |
| III. — Artigos e poesias sobre a morte do poeta Alvarez de Azevedo. .   | 177 |
| IV. — Discurso biographico do bacharel M. A. Alvarez de Aze-<br>vedo recitado na quarta sessão solemne do Gynnasio<br>Brasileiro. . . . .                               | 195 |

POESIAS DIVERSAS

|  |     |
|--|-----|
| Gloria moribunda. . . . .                          | 225 |
| No <i>album</i> da Exma. Sra D. O. . . . .         | 245 |
| Pedro Ivo. . . . .                                 | 247 |
| A minha mãe. . . . .                               | 253 |
| Soneto (Passei hontem a noite jundo della).. . . . | 257 |
| Thereza. . . . .                                   | 259 |
| A meu amigo J. F. Moreira. . . . .                 | 263 |
| Soneto (Perdôa-me, visão dos meus amores). . . . . | 267 |
| A Minha esteira. . . . .                           | 269 |
| Se eu morresse ananhã. . . . .                     | 271 |
| Soneto (Oh paginas da vida que eu amava).. . . .   | 273 |

POEMA DO FRADE

|                  |     |
|------------------|-----|
| Canto I. . . . . | 277 |
| — II. . . . .    | 293 |
| — III. . . . .   | 307 |
| — IV. . . . .    | 337 |
| — V. . . . .     | 351 |

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

PARIS. — IMP. S. RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

18302



